

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE - UNIVALE
PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Niusarte Virginia Pinheiro

**TERRITORIALIDADES E PROJETO DE VIDA: um estudo psicossocial
de jovens adolescentes teófilo-otonenses.**

Governador Valadares – MG

2012

Niusarte Virginia Pinheiro

TERRITORIALIDADES E PROJETO DE VIDA: um estudo psicossocial de
jovens adolescentes teófilo-otonenses.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território - área de concentração: Estudos Territoriais. Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE.

Orientadora: Dr^a Rita Cristina de Souza Santos

Governador Valadares - MG

2012

Ficha catalográfica elaborada pela "Biblioteca Dr. Geraldo Vianna Cruz" - UNIVALE

Pinheiro, Niusarte Virginia.

Territorialidades e projeto de vida: um estudo psicossocial de jovens adolescentes teófilo-otonenses / Niusarte Virginia Pinheiro. -- 2012.

135 f.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares, MG, 2012.

Orientadora: Rita Cristina de Souza Santos

1. Adolescentes – Teófilo Otoni. 2. Psicologia social. 3. Projetos de desenvolvimento social. 4. Território. I. Santos, Rita Cristina de Souza. II. Universidade Vale do Rio Doce. III. Título.

CDD 305.235

NIUSARTE VIRGINIA PINHEIRO

**TERRITORIALIDADES E PROJETOS DE VIDA: um estudo psicossocial de jovens
adolescentes teófilo-otonenses.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação
em Gestão Integrada do Território - área de
concentração: Estudos Territoriais. Universidade Vale
do Rio Doce - UNIVALE.

Governador Valadares, 20 de junho de 2012.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a Rita Cristina de Souza Santos - Orientadora
Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE

Prof^a. Dr^a Patrícia Falco Genovez
Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE

Prof^o. Dr Cezar Luiz De Mari
Universidade Federal de Viçosa - UFV

“Não basta ter belos sonhos para realizá-los. Mas ninguém realiza grandes obras se não for capaz de sonhar grande. Podemos mudar o nosso destino, se nos dedicarmos à luta pela realização de nossos ideais. É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho; de examinar com atenção a vida real; de confrontar nossa observação com nosso sonho; de realizar escrupulosamente nossa fantasia. Sonhos, acredite neles!”

Lenin

*Para **Ian e Ilana**, pelo amor filial, solidário e todas as alegrias que trazem a minha vida.*

*Aos meus pais, **Hildebrando e Terezinha** e irmãos Adilson, Nilzete, Margarete, Jacinete, Janete [In memoriam], Sandra e Valéria que sempre acreditaram e torceram pelo meu sucesso.*

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, em Quem, durante todo o decurso dessa jornada, encontrei forças e iluminação para prosseguir.

À **minha orientadora**, Dr^a Rita Cristina de Souza Santos, meus sinceros agradecimentos pelos saberes compartilhados e instigantes questionamentos que contribuíram para minha formação e foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao **corpo docente** do Programa de Mestrado Gestão Integrada do Território, pela receptividade, saberes compartilhados e disponibilidade. Meus agradecimentos pela acolhida no programa, especialmente a Dr^a Patrícia Falco Genovez, pela leitura e relevantes contribuições no processo de qualificação da pesquisa.

À **secretária** do programa, Neuza Santos, pela gentileza e pronto atendimento com que sempre recebeu minhas demandas de estudante.

Aos **colegas de curso**, de modo especial, aos companheiros Marcelo Cambraia de Alvarenga e Catarina Ferreira da Conceição Rodrigues Silva, pela solidariedade e cooperação. Aos demais colegas, pelas experiências gratificantes que, em uma ou outra disciplina, trocaram conosco momentos de formação e convivência agradável.

À **UFVJM** e, particularmente, ao Departamento Interdisciplinar de Ciências Básicas – DICB/FACSAE, pelo apoio na realização desse curso.

Aos **colegas** do Curso de Matemática/UFVJM, Lais Couy e Rogério Starich que, de forma generosa, prontamente se dispuseram a colaborar comigo. Muito abrigada!

Aos **alunos da UFVJM**, pelo apoio e compreensão quanto as minhas ausências.

Aos amigos **Paulo e Joana Louback**, pelas valiosas contribuições para a realização da leitura do território teófilo-otonense.

Aos **jovens adolescentes**, sujeitos desta pesquisa, minha gratidão por terem, gentilmente, dedicado tempo e atenção ao participarem da pesquisa e relatar espontaneamente suas experiências de vida, sem as quais não seria possível concluir esta dissertação.

Ao **diretor**, supervisores, docentes, porteiros, serventes da escola campo de pesquisa por permitir e colaborar com a realização da pesquisa na escola. Meus agradecimentos pela aceitação e receptividade!

À **Thais** Oliveira Amaral e **Dennis** Dannylo Rodrigues Matos, jovens que percorreram comigo todo o trajeto de coleta e transcrição dos dados da pesquisa.

À **Joseane** [Ana], pelo compromisso e cuidado dispensado aos meus filhos e minha casa durante minhas ausências.

RESUMO

Este estudo analisa e discute o processo de construção de projetos de vida de jovens adolescentes na faixa etária de 15 a 18 anos, ambos os sexos, estudantes da 2ª série do ensino médio em uma escola pública da rede estadual de Minas Gerais, habitantes das zonas rural e urbana de Teófilo Otoni/MG, bem como as possíveis variáveis territoriais intervenientes nessa construção. Trata-se de uma investigação qualitativa, exploratória e descritiva, na modalidade estudo de caso, com vistas à apreensão dos acontecimentos e relações sociais a partir da perspectiva de quatro adolescentes, selecionados de forma não-probabilística acidental de uma população de 80 adolescentes. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e da técnica Roda de Conversa. Adotamos como base teórica a corrente psicológica sócio-histórica, em interseção com a abordagem territorial na dimensão relacional considerando, também, a perspectiva cultural. Os sujeitos desta pesquisa possuem perspectivas otimistas em relação ao futuro. Concluindo o ensino médio, três adolescentes desejam ingressar no ensino superior e todos desejam inserir-se imediatamente no mercado de trabalho. Eles aspiram à autonomia, liberdade e independência financeira, acesso aos bens de consumo a partir de um emprego formal com elevado status social e econômico. Subjacentes a esses ideais, estão tensões contemporâneas que desafiam reflexões sobre a construção do território, tendo repercussões nas instituições família e escola, bem como nos valores, crenças e condutas difundidas pela mídia: TV, internet e outros. A ideologia liberal pós-moderna permeia a construção dos seus projetos de vida dos adolescentes. Na visão deles, cada um deve se esforçar para "ser alguém na vida" não percebendo, assim, as multideterminações a que estão sujeitos, oriundas do contexto em que estão inseridos - seus territórios e territorialidades.

Palavras-chave: jovens adolescentes, projeto de vida, territórios, territorialidades.

ABSTRACT

This study analyzes and discusses the process of life projects concerning young adolescents aged 15-18 years old, both genders, who are students from the second year of a secondary public school in the state of Minas Gerais, inhabitants of rural and urban areas of Teófilo Otoni / MG, as well as the possible variables regarding territorialities that were involved in this process. This is a qualitative, exploratory and descriptive research, in the form of a case study, aiming to capture the events and social relations from the perspective of four teenagers, selected in a non-probabilistic manner in a population of 80 adolescents. Data were collected through semi-structured interview technique and Group Discussion. We adopt the theoretical basis of current social-psychological history, and intersect it with a territorial approach in a relational dimension, and we also take into consideration a cultural perspective. The subjects in this research have optimistic prospects for the future. After completing high school, three teenagers want to go to college, and all of them want to enter the job market immediately. They seek autonomy, freedom and financial independence, and also the access to consumer goods through a formal job with high social and economic status. Underlying these ideals, there are tensions that challenge contemporary reflections on the construction of territory which also have an impact on family and school as well as the values, beliefs and behaviors disseminated by the media: TV, internet and so forth. The postmodern liberal ideology permeates the construction of their life projects. In their view, each one should strive to "be somebody" not realizing thus they are subjected to multi-determinations, which are derived from the context in which they live - their territories and territorialities.

Keywords: young adolescents, life project, territories, territorialities.

LISTA DE SIGLAS

AATO - Associação dos Artesãos de Teófilo Otoni
AFATO - Associação dos Filhos e Amigos de Teófilo Otoni
AMUC - Associação dos Municípios da Microrregião do Vale do Mucuri
APJ - Aprender Produzir Juntos
ARTEFATO - Associação de Arte e Artesanato de Teófilo Otoni
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
CRISP - Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.
EFBM - Estrada de Ferro Bahia-Minas
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
FACSAE - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas
FIA-TO - Fundo Municipal da Infância e Adolescência de Teófilo Otoni
FIPP - Feira Internacional de Pedras Preciosas
FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
GEA - Gems Exports Association
IBED - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDENE - Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais
IDF - Índice de Desenvolvimento da Família
IDH-M - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFET - Instituto Federal de Educação Tecnológica
IHGM - Instituto Histórico e Geográfico do Mucury
IML - Instituto Médico Legal
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPAC - Inventário de proteção do acervo cultural de Teófilo Otoni
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MDS - Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MEC - Ministério da Educação
OMS - Organização Mundial da Saúde
ONG - Organização não-governamental
PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PIB - Produto Interno Bruto
PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
PMTO - Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PSF - Programa Saúde da Família
SEDEVAN - Secretaria de Estado Extraordinária para o Desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
SESu - Secretaria de Educação Superior
SUS - Sistema Único de Saúde
UETO - União Estudantil de Teófilo Otoni
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
ZPE - Zona de Processamento de Exportações.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ADOLESCÊNCIA: UMA CATEGORIA SÓCIO-HISTÓRICA	23
2.1 A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.	28
2.2 A ADOLESCÊNCIA NA VISÃO DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA.	32
3 IMAGENS DO TERRITÓRIO TEÓFILO OTONI	36
3.1 IMAGENS HISTÓRICAS DO TERRITÓRIO TEÓFILO-OTONENSE.	40
3.2 IMAGENS CONTEMPORANEAS DO TERRITÓRIO TEÓFILO-OTONENSE.....	44
3.3 IMAGENS DA IDENTIDADE CULTURAL DO TERRITÓRIO TEÓFILO-OTONENSE.....	55
3.4 IMAGENS DO CAPITAL SOCIAL DO TERRITÓRIO TEÓFILO-OTONENSE.....	62
3.5 IMAGENS DA ADOLESCÊNCIA NO TERRITÓRIO TEÓFILO-OTONENSE.....	72
4 TERRITORIALIDADES E PROJETO DE VIDA DE JOVENS ADOLESCENTES TEÓFILO-OTONENSES.	81
4.1 IMAGENS DA ADOLESCENTE MARGARIDA.	81
4.2 IMAGENS DO ADOLESCENTE NARCISO.	84
4.3 IMAGENS DA ADOLESCENTE ROSA.	86
4.4 IMAGENS DO ADOLESCENTE JACINTO.....	89
4.5 AS TERRITORIALIDADES E OS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS ADOLESCENTES TEÓFILO-OTONENSES.....	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

1 INTRODUÇÃO

Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Paulo Freire

Durante toda nossa trajetória docente, uma questão em especial inquietou-nos: uma parcela significativa dos alunos apresentava desinteresse e desmotivação em relação aos estudos. Estudavam para obter nota e, assim, conseguir aprovação para a série posterior. Desejavam concluir o ensino médio, cursar uma faculdade, mas estavam pouco preocupados com a construção do conhecimento de fato.

Diante desse contexto, questionávamos: quais motivos conduziam aqueles jovens estudantes para a escola, sem a preocupação de construir uma sólida formação acadêmica? Até que ponto a escola estava atendendo suas necessidades? Quais eram suas expectativas futuras? O que desejavam construir em suas vidas?

A motivação para esta pesquisa teve origem na inquietação de conviver com tantos adolescentes das classes populares¹ [por mais de uma década] em escolas públicas. Principalmente pela frustração diante da impossibilidade de contribuir de forma efetiva, por meio do nosso trabalho como educadora, para que aqueles jovens adolescentes tivessem a oportunidade de receber orientações quanto ao processo de construção de seus projetos de vida. Estes constituídos, conforme Nascimento (2006, 60) por um conjunto de aspectos que estrutura o campo psicossocial e com o sentido dos “desejos de realizações, que se projetam para o futuro como uma visão antecipatória de acontecimentos, cuja base reside em uma realidade construída na interseção das relações que o sujeito estabelece com o mundo”.

Com o advento da globalização, do neoliberalismo e a crise de valores humanos na sociedade capitalista na pós-modernidade, a construção de um projeto de vida

¹ O termo classe popular é aqui entendido conforme a concepção de Durham (1986), isto é, a partir da ótica do povo - sua cultura, seus processos simbólicos. Abrangem as classes trabalhadoras, desempregados, subempregados, os camponeses, funcionários públicos, pequena burguesia, entre outros.

torna-se uma necessidade urgente e cada vez mais presente na vida dos jovens adolescentes.

Carneiro (2002, p. 145) afirma que “Projeto juvenil é isto: as respostas que cada aluno jovem deseja construir para as perguntas a que necessita responder: - Quem sou? - Como sou? - Quem poderei ser? - Como posso trabalhar para ser o que desejo ser?” Nessa mesma linha de pensamento, Dayrell (2005, p. 34-35) define projeto de vida como “a ação do indivíduo de escolher um dentre os futuros possíveis, capaz de transformar os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos possíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida”.

A importância de se compreender o processo de construção do projeto de vida dos jovens adolescentes, levando em consideração suas territorialidades, reside no fato de, como afirma Bock & Liebesny (2003, p. 212), “o projeto de vida de um sujeito [...] embora se referindo a um futuro, é no presente que são construídas suas formas; *estas têm, por limite, a amplitude que a realidade presente lhes fornece*”. (grifo adicionado).

Pelo exposto, consideramos imperativo refletir sobre as questões: O que é Projeto de vida? Como os adolescentes estão construindo seus projetos de vida na atual conjuntura socioeconômica, política e cultural brasileira e em especial no território Teófilo Otoni? Que dificuldades enfrentam? Que influências recebem?

Como docente da rede pública de educação no Município de Mucurici - ES, sempre tivemos a preocupação de realizar uma análise compreensiva sobre as condições socioeconômicas, políticas e emocionais, bem como das perspectivas futuras dos alunos, mais especificamente dos jovens adolescentes estudantes do ensino médio. Isso porque, numa sociedade marcada por múltiplas desigualdades como a brasileira, para os sujeitos de origem popular, construir e executar um projeto de vida torna-se uma tarefa bastante complexa devido à condição socioeconômica e política em que vivem. Fato que pode refletir no sentido que eles atribuem à escola e, conseqüentemente, ao processo ensino e aprendizagem.

Encontramos dificuldades para trabalhar com os jovens adolescentes na perspectiva de construir coletivamente uma visão abrangente sobre as múltiplas desigualdades presentes na sociedade brasileira, seus determinantes, bem como as influências que estas podem exercer em suas vidas. Desejávamos fornecer aos jovens

subsídios para que pudessem refletir sobre as múltiplas influências a que estão sujeitos nesse contexto de globalização e do neoliberalismo, através dos diversos aparelhos ideológicos²: mídia [televisão, internet...], escola, igreja, família, partidos políticos, ONGs, bens culturais [filmes, músicas...] entre outros, para identificar e refletir até que ponto esses aparelhos estão determinando [e como] suas vidas. Sentíamos necessidade de uma sólida preparação teórica para conduzir ações de intervenção que fossem efetivas no trabalho com os jovens adolescentes.

Nesse sentido, a alternativa seria buscar na pós-graduação *stricto sensu* a preparação científica necessária. A possibilidade de cursar o Programa de Pós-Graduação *Gestão Integrada do Território*, na linha de pesquisa *Território, Migrações e Cultura*, da Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, veio de encontro ao nosso desejo de, por meio de uma proposta com perspectivas inovadoras, desenvolver pesquisas com uma abordagem multidisciplinar, visando à compreensão dos fenômenos investigados de forma integrada, analisando as variáveis territoriais intervenientes. Assim, adolescência: territorialidades e projetos de vida foi a temática que ousamos investigar visando, também, à obtenção do título de mestre no referido curso.

Pelas razões expostas, pautou nossa motivação para investigar a problemática de pesquisa: *Como os jovens adolescentes, na faixa etária de 15 a 18 anos, ambos os sexos, estudantes da 2ª série do ensino médio de uma escola pública da rede estadual de Minas Gerais, habitantes das zonas urbana e rural de Teófilo Otoni, constroem seus projetos de vida e percebem a si mesmos nesses projetos, considerando as variáveis territoriais intervenientes nesse processo?*

Para responder ao problema de pesquisa consideramos necessário caracterizar o território teófilo-otonense; traçar o perfil socioeconômico, cultural e educacional dos jovens adolescentes pesquisados e o processo de construção dos seus projetos de vida; identificar e analisar as influências sócio-históricas, econômicas e culturais que podem interferir e/ou influenciar no processo de construção dos projetos de vida desses

² Os aparelhos ideológicos são aqui tratados na perspectiva de Althusser (1985). Um conjunto de instituições existentes na sociedade, tais como a igreja, a escola, os sindicatos que operam, principalmente, pela ideologia burguesa capitalista das elites dominantes.

sujeitos, bem como identificar as possíveis relações existentes entre a concepção que o adolescente tem de si mesmo e a confiança na concretização do seu projeto de vida.

Trabalhamos com a hipótese de que o território, pensado enquanto processo e em suas múltiplas dimensões, com o aporte teórico da vertente relacional (RAFFESTIN, 1993), exerce influências sócio-históricas, econômicas, políticas e culturais que influenciam e/ou interferem diretamente na construção dos projetos de vida dos adolescentes, sem contudo deixar de considerar a vertente cultural (BONNEMAISON, 2002), como produto da apropriação simbólica dos sujeitos nos seus espaços vividos.

Nessa perspectiva, o público-alvo da pesquisa foram os jovens adolescentes estudantes da 2ª série do ensino médio³, com idade entre 15 a 18 anos, seus projetos de vida e as territorialidades vivenciadas por eles no território teófilo-otonense, para além dos limites político-administrativos.

Cabe destacar que a delimitação da faixa etária de 15 a 18 anos para os estudantes toma como referência o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990). Essa Lei considera adolescente a pessoa com idade entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos. O foco dessa investigação foram os projetos de vida dos jovens nessa faixa etária, habitantes do território teófilo-otonense.

Vale ressaltar que, para além de uma faixa etária específica, faz-se necessário compreender o jovem adolescente como uma condição social, cultural, de gênero, regional e um tipo de representação, pois cada sociedade, em diferentes tempos históricos, tem variadas formas de vivenciá-la e representá-la (DAYRELL, 2003).

A escolha da escola campo de pesquisa recaiu sobre aquela que tinha alunos residentes tanto da zona urbana quanto da zona rural, visando discutir se o local de residência - zona rural ou urbana – poderá ser considerada como uma variável territorial interveniente que exerce influências no processo de construção do projeto de vida do grupo de jovens adolescentes sujeitos da pesquisa. Isso porque, de acordo com Carneiro (2008, p. 260), “a juventude *rural e urbana* estaria sendo afetada pela mesma ordem de problemas próprios de uma sociedade ao mesmo tempo globalizada e subdesenvolvida”. (grifo da autora)

³ Escolhemos a 2ª série do ensino médio porque, nesta etapa, hipoteticamente, o adolescente ainda não sofre a forte pressão social de fazer as escolhas fundamentais [por exemplo, a escolha profissional] como no último ano do ensino médio.

Nesse sentido, foi realizado um estudo descritivo sobre o processo de construção dos projetos de vida de um grupo de adolescentes “urbano” e “rural”, analisando as interferências do contexto socioeconômico e cultural nesse processo.

Trata-se de uma pesquisa predominantemente qualitativa, descritiva e explicativa que fez uso de narrativas, na modalidade estudo de caso. A nossa opção por esse tipo de metodologia foi porque esta busca apreender os acontecimentos e relações sociais a partir da perspectiva dos sujeitos nela envolvidos [os jovens adolescentes estudantes do ensino médio], conferindo centralidade ao discurso destes para a compreensão dos elementos presentes na comunicação como fundamentais para a reconstrução, compreensão e explicação de processos sócio-históricos (SILVA, 1999).

A base teórica adotada para esta investigação foi a Psicologia sócio-histórica, fundamentada nas ideias do psicólogo bielo-russo, Lev Semenovich Vygotsky e seus colaboradores, Luria e Alexis Lieontiev, bem como dos pesquisadores estudiosos dessa concepção na atualidade, entre outros, Ozella (2002, 2003), Bock e Liebesny (2003), Nascimento (2006). Isso porque essa teoria aponta caminhos para compreender o ser humano na sua relação com a sociedade de forma dinâmica e dialética. E, também, porque nas relações sociais e na linguagem estão as bases da identificação e da construção da subjetividade, permitindo assim uma melhor compreensão das influências desses conceitos na construção do projeto de vida do jovem adolescente.

Para consolidar um diálogo multidisciplinar com vistas à obtenção de subsídios sobre as múltiplas dimensões territoriais presentes no contexto dos adolescentes sujeitos desta pesquisa, bem como suas territorialidades, as referências utilizadas foram: Raffestin (1993), Sack (1986), Bonnemaïson (2002), Claval (1999; 2002) entre outros.

A população que serviu de base para esse estudo foram 80 adolescentes residentes na zona rural e urbana, com idade entre 15 a 18 anos, de ambos os sexos, estudantes da 2ª série do ensino médio de uma escola pública no Município de Teófilo Otoni/MG. Os jovens adolescentes sujeitos dessa pesquisa participavam do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, financiado pelo MEC/SESu/FNDE/CAPES e desenvolvido na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas - FACSAB/UFVJM, Campus do Mucuri em Teófilo Otoni.

Dessa população de 80 estudantes que participavam do PIBID em 2010, foram selecionados por amostra não-probabilística acidental 10 adolescentes, sendo 05 habitantes da zona urbana e 05 da zona rural. A opção por esse tipo de amostragem foi porque, como afirmam Moura & Ferreira (2005, p. 53), “as amostras acidentais, também chamadas de amostras de conveniência, caracterizam-se por utilizar pessoas que se dispõem voluntariamente a colaborar no estudo, respondendo aos instrumentos de coleta de dados propostos pelo pesquisador”. Assim, a amostra desse estudo foi selecionada por meio convite aos adolescentes e sua aceitação voluntária.

Nesta pesquisa, preocupamo-nos em criar, para os nossos interlocutores empíricos, espaços para expressão de suas vivências e ideias, bem como reflexão sobre a maneira como percebem a si mesmos e aos seus projetos. Inicialmente por meio de uma entrevista semiestruturada e, posteriormente, via reuniões de grupo - debates como fonte de descoberta dos conhecimentos que todos possuem - empregando a técnica roda de conversa.

As entrevistas foram realizadas nas dependências da FACSAB/UFVJM e da escola campo da pesquisa [conforme local de residência dos pesquisados e facilidade de acesso - zona rural e urbana] em espaços reservados para esse fim, em dias e horários previamente agendados. Com o objetivo de caracterizar e analisar o projeto de vida dos adolescentes pesquisados, foram abordadas as seguintes temáticas na entrevista: dados de identificação pessoal e familiar, interesses profissionais e gerais; vida escolar, social e familiar; afetividade e sexualidade; situação socioeconômica; autoavaliação e expectativas futuras.

As reuniões empregando a técnica roda de conversa versaram sobre história de vida e autoavaliação, adolescência e adolescência no território Teófilo Otoni, construção do projeto de vida, interferências na construção dos projetos de vida, afetividade e sexualidade e protagonismo juvenil.

As rodas de conversa foram realizadas em 06 encontros, com duração média de 90 minutos cada uma, em ambiente reservado nas dependências da escola campo da pesquisa, no período de novembro a dezembro de 2010, com calendário definido previamente com o grupo.

É importante salientar que a roda de conversa confere a todos os integrantes do grupo o poder de tomar a palavra e ser ouvido pelo coletivo. Assim, por meio da utilização dessa técnica, os adolescentes desenvolveram uma reflexão sobre como pensam, sentem e agem a respeito de determinado tema, dentro do seu contexto social. Teve como referência os princípios dos Círculos de Cultura de Paulo Freire, ou seja, um grupo de trabalho e de debate, cujo interesse principal é o debate livre e crítico. As rodas de conversa foram conduzidas na perspectiva teórica de Paulo Freire como “um método ativo, dialogal, participante (...)”. (Freire, 2005, p. 115).

No círculo de cultura, conforme esclarece Brandão (1990), faz-se necessário criar situações em que, com a ajuda do coordenador, o grupo faça o trabalho de pensar, refletir coletivamente. Por isso ele não guia, mas favorece, orienta.

Optamos por utilizar, neste trabalho, a técnica “Roda de Conversa” de Freinet (1975), ou o “Círculo de Cultura” de Paulo Freire (2005), porque, como afirmam Belez Jr e Pons (2009, p.09),

Nos “círculos de conversa” e nas “rodas de cultura” — trocadilhos à parte — o diálogo se estabeleceu como fonte de descoberta dos conhecimentos que todos possuem, e cada qual carrega consigo, agindo diante da realidade e interagindo com ela para transformá-la em nova condição de vida. Freinet e Freire demonstraram, por meio de sua prática, que falando, conversando, dialogando, se cria um nascedouro de ideias que, proporcionando as devidas condições para transcender as imposições naturais e as sociais [...].

A realização das rodas de conversa estava prevista no cronograma do projeto de pesquisa para serem realizadas no período de março a abril de 2010, nas dependências da FACSAB/UFVJM. Entretanto, com a greve dos professores da rede estadual, houve um atraso considerável na execução dessa atividade.

Outra dificuldade encontrada para a realização das rodas foi conciliar as possibilidades de participação dos estudantes em horário extraturno, principalmente para os adolescentes residentes na zona rural. Diante dessa problemática, a alternativa encontrada foi negociar com a direção da escola e com os professores a liberação dos alunos em duas aulas de 50 minutos para a realização de uma roda, totalizando 12 aulas para realização das 06 rodas. Diante dessa nova realidade, as rodas foram realizadas em uma sala na escola, no horário regular das aulas.

Muitas dificuldades tiveram que ser enfrentadas. Para não prejudicar os alunos em relação aos conteúdos ministrados pelos professores, foram priorizados os horários de Matemática porque, como eles participavam do PIBID, teriam suporte posterior para recuperar o conteúdo perdido.

Outra providência importante foi acertar com os professores a não aplicação de atividades avaliativas naquelas aulas em que os alunos estivessem participando das rodas. Os professores foram consultados individualmente sobre qual dia do mês e semana, bem como qual horário de sua disciplina ele poderia liberar os alunos. Depois de muitos contratempos, o cronograma foi elaborado com a previsão de realizar uma roda por semana visando prejudicar o menos possível o processo ensino e aprendizagem dos alunos. Discutido e aprovado pela direção, supervisão e docentes, uma cópia foi entregue para cada um dos envolvidos.

É interessante sublinhar que o corpo técnico e administrativo da escola [direção, vice-direção, supervisores] recebeu bem a proposta de pesquisa, mesmo porque já mentínhamos contatos anteriores com a escola devido à coordenação do projeto PIBID. Todas as nossas solicitações foram prontamente atendidas: reunião com os professores, espaços para a coleta de dados, reunião com os alunos, assinatura do termo de consentimento, entre outras.

Com o cronograma devidamente aprovado, depois de longo tempo de negociação, as rodas foram iniciadas no mês de novembro. Como foi período de finalização do ano letivo, alguns professores “esqueceram” o acordo e marcaram avaliações nos dias e horários previamente combinados sem nos avisar. Por várias vezes foi necessário alterar o cronograma e novamente repetir a consulta com todos os professores. A maioria dos docentes foi bem receptiva e contribuiu para encontrar alternativas que favorecesse a realização das rodas; outros, indiferentes e alguns não demonstraram boa vontade em colaborar.

Apesar desse processo conturbado, as rodas de conversas tornaram-se espaços significativos onde os adolescentes puderam explicitar, sem constrangimentos, suas revoltas, medos, tristezas, alegrias, inseguranças, sonhos, descortinando, dessa forma, os determinantes socioeconômicos, políticos, culturais e educacionais a que estão submetidos no território teófilo-otonense. Isso foi possível porque, quando as rodas de

conversas foram realizadas, já havia sido construído um elevado grau de confiança e empatia entre os jovens adolescentes e a pesquisadora.

Contudo, apesar de todo envolvimento e da motivação dos adolescentes para participarem da pesquisa, por motivo de força maior [doenças, problemas familiares, viagem, entre outros], alguns deles não participaram de uma ou outra roda de conversa. Por essa razão, para fins deste trabalho, analisamos quatro casos [dois da zona rural e dois da zona urbana] e não dez conforme previsão inicial do projeto de pesquisa.

Vale esclarecer que os dados desta pesquisa não são generalizáveis para todos os adolescentes da cidade de Teófilo Otoni porque foram coletados a partir de um grupo de estudantes da segunda série do ensino médio, mas é possível compreender o objeto de estudo na sua singularidade. “A preocupação central ao desenvolver esse tipo de pesquisa é a compreensão de uma instância singular. Isso significa que o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada.” (LUDKE & ANDRÉ, 2005, p.21)

Tanto as entrevistas quanto as reflexões nas rodas de conversa foram gravadas em áudio para posterior transcrição na íntegra e realização da análise dos dados por meio da análise interpretativa do conteúdo visando examinar as falas dos pesquisados uma a uma, de forma a inferir os sentidos subjetivos.

A partir dessa introdução, para que o leitor possa acompanhar mais detalhadamente as etapas desta pesquisa, apresentamo-la da seguinte forma:

No primeiro capítulo, abordamos o conceito de adolescência, apresentando, num primeiro momento, a visão hegemônica do termo, tomando como referência psicanalistas como Aberastury e Knobel (2007), Erikson (1967). Na sequência, realizamos uma reflexão sobre os pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica e a adolescência na visão dessa corrente psicológica, buscando uma interlocução com os autores clássicos Leontiev (1978), Vygotsky (1984), bem como pesquisadores contemporâneos como Ozella (2003), Nascimento (2006), Aguiar (2000), Bock & Liebesny (2003), entre outros, a qual escolhemos para, em interseção com abordagem territorial, compor o mapa teórico desta investigação.

No segundo capítulo, realizamos uma leitura do território teófilo-otonense, contexto onde estão inseridos os jovens adolescentes sujeitos desta pesquisa, em seus múltiplos aspectos: histórico, socioeconômico, político, educacional, cultural. Concluímos o capítulo apresentando um panorama dos programas sociais direcionados ao público juvenil em Teófilo Otoni. E, ainda, a título ilustrativo, elencamos reportagens veiculadas pela mídia, nos últimos anos, sobre adolescência no território estudado, discutindo-as. A nosso ver, essas são imagens⁴ que, resguardados os sensacionalismos, evidenciam a vulnerabilidade social a que estão submetidos os adolescentes teófilo-otonenses pobres.

Por meio da leitura do território, objetivamos estabelecer uma interlocução com os autores da abordagem territorial entre eles, Raffestin (1993), Sack (1986), Bonnemaïson (2002), Claval (1999; 2002) para obtenção de subsídios com vistas à análise das variáveis territoriais presentes nesse contexto que influenciam e/ou interferem nos projetos de vida dos jovens adolescentes sujeitos da pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentamos como evidência empírica os resultados desta pesquisa. Tomamos como referência as diversas falas produzidas pelos adolescentes e, por meio da análise interpretativa do conteúdo, explicitamos o processo de construção do projeto de vida de quatro jovens adolescentes, identificando os condicionamentos sociais, econômicos, políticos, educacionais e culturais que podem influenciar/interferir na efetivação desses projetos, por meio das relações que são construídas cotidianamente, ou seja, as territorialidades.

Por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho, momento em que nos defrontamos com o desafio de retornar aos objetivos propostos para avaliar os resultados alcançados, tecer esclarecimentos, bem como sugerir potenciais agendas futuras de pesquisas.

⁴ Tomamos por empréstimo da Geografia o termo imagens para colocá-lo nos títulos e subtítulos dos capítulos deste estudo com o significado de texto produzido a partir de nossas leituras e interpretações sobre o território teófilo-otonense, os jovens adolescentes, suas territorialidades e seus projetos de vida, pois, as “nossas imagens” - leituras que fazemos de uma determinada realidade ou objeto de estudo - são influenciadas pelo momento histórico e, também, pela nossa visão de mundo.

2 ADOLESCÊNCIA: UMA CATEGORIA SÓCIO-HISTÓRICA.

A “adolescência” é uma construção posta em um determinado tempo, a partir das relações sociais, econômicas e políticas vigentes e se foi inventada pode ser transformada.

Maria Teresa de Arruda Campos

O termo adolescência é derivado do verbo latino *adolescere* que significa crescer até a maturidade. Essa palavra costuma ser utilizada no meio acadêmico com relação ao processo de desenvolvimento biopsicosocial dos seres humanos. Assim, o início e o fim desta fase não são marcados por mudanças apenas de ordem fisiológica, mas também psicológica e, sobretudo, de ordem sócio-cultural.

A adolescência é objeto de estudo de várias ciências: Sociologia, Psicologia, Antropologia, entre outras, e estas se apresentam, cada uma, de acordo com suas concepções, características e diferentes significados. Para melhor compreensão do seu significado, faz-se necessário esclarecer a diferença entre os termos *puberdade*, *adolescência*, *juventude* ou *juventudes* que são, muitas vezes, confundidos ou interpretados como sinônimos. A seguir, diferenciaremos esses termos, sem a pretensão de esgotar essa reflexão, pois como salienta Pais (1990, p. 36), “não há de fato, um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. As diferentes juventudes e as diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois necessariamente, diferentes teorias”.

O período do amadurecimento sexual, definido como puberdade (MIRANDA, 2002), marca a entrada da pessoa na adolescência, considerada sua fase inicial. Período em que ocorrem as transformações físicas: crescimento dos seios, a menarca [nas meninas] e engrossamento da voz, primeira ejaculação [nos meninos], aparecimento dos pelos na região pubiana, nas axilas, o estirão [crescimento rápido] entre outras. Em síntese, o corpo vai adquirindo a maturidade física necessária para a vida sexual.

A adolescência pode ser entendida como uma etapa intermediária do

desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta por diversos estudiosos, especialmente os defensores da tendência liberal - os psicanalistas.

Na psicanálise, escola psicológica da qual Sigmund Freud é o principal expoente, a adolescência é entendida como uma etapa do desenvolvimento humano e considerada um período filogenético, ou seja, um fenômeno com características universalmente inalteráveis. Nessa concepção, “os estágios do desenvolvimento psicosssexuais são geneticamente determinados e relativamente independentes de fatores ambientais” (MUUSS, 1976, p. 25).

Entretanto, não foi preocupação primeira de Freud estudar as fases da puberdade e adolescência. De acordo com Muuss (1976), foi Ana Freud [filha de Freud] quem deu grande importância ao período da adolescência. O autor afirma que, para Ana Freud, o processo fisiológico de maturação sexual, que começa com o funcionamento das glândulas sexuais, influencia diretamente a esfera psicológica. Fato que leva ao desequilíbrio psicológico. O adolescente, na puberdade, necessita fazer esforços para restabelecer o equilíbrio interno, evidenciando, assim, de acordo com a psicanálise, o aparecimento das tendências agressivas, perversidade, brutalidade, tendências exibicionistas, entre outras.

Eric Erikson (1967), discípulo de Freud, modifica a teoria de desenvolvimento psicosssexual de seu mestre, apresentando uma descrição do desenvolvimento abrangendo toda a vida humana. Sua teoria do desenvolvimento psicossocial ficou conhecida como *As oito idades do homem*. Nela, Erikson destaca a adolescência como sendo o período da identidade versus difusão/confusão de papéis que ele denomina de 5ª idade [12 a 18 anos aproximadamente].

Para Erikson (1976), o grande foco da adolescência é a construção da identidade. O autor define a adolescência como a fase da vida em que o jovem precisa responder algumas perguntas fundamentais para sua vida: Quem sou eu? O que quero ser? Nesse processo consiste a tão destacada crise de identidade dos adolescentes. Quando consegue responder a essas questões, o adolescente está apto para assumir algum papel na sociedade.

Pelos motivos supracitados, a adolescência é considerada, pela psicanálise, a fase da vida humana emocionalmente tumultuada. Como afirma Aberastury (2007, p.

13), “é um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social. Este quadro é frequentemente confundido com crises e estados patológicos”. Para a citada autora, o sofrimento, a contradição, a confusão é inevitável. Ela afirma que “a estabilização da personalidade não se consegue sem passar por um certo grau de conduta patológica”(p.27).

É importante elucidar que a psicanálise não deixa de citar a importância do contexto socioeconômico e cultural no processo de caracterização do jovem adolescente. Knobel (2007, p. 51) esclarece que “seria, sem dúvida, uma grave supersimplificação do problema do adolescente atribuir todas as características do adolescente à sua mudança psicobiológica, como se tudo isso não estivesse ocorrendo num âmbito social”. Contudo, nessa concepção, a ênfase na determinação das características dos jovens adolescentes é de natureza humana, ou seja, são características instintivas, logo, biológicas e universais.

Conforme Calil (2003, p.144), mesmo afirmando que as lutas do adolescente em busca de sua identidade adulta são influenciadas pelas condições familiares e culturais, a psicanálise consolidou o processo de naturalização da adolescência, ao dizer que essa influência só pode mitigar, favorecer, demorar ou precipitar um processo que é *inerente ao ser humano* (grifo nosso).

No entanto, há contrastes em relação às teorias naturalizantes. Ganhou relevância a visão da Antropologia Cultural, através dos estudos de Margaret Mead que fez observações em Samoa, na Oceania. Seus estudos revolucionaram a maneira de pensar a adolescência. Conforme relatado por Palácios (1995, p. 268),

Os meninos e as meninas de Samoa, que atravessam as mudanças fisiológicas que levam da infância a maturidade, não apresentam nenhum sinal especial de tensão, de turbulência ou de dificuldades. Pelo contrário, parece que na Samoa que Mead observou, tudo levava a uma transição fácil e sem problemas: os meninos e as meninas já vinha sendo introduzidos na vida dos adultos e suas responsabilidades, ainda que de maneira gradual e adequada a suas possibilidades; os conflitos eram discutidos e resolvidos abertamente; existiam formas socialmente estabelecidas de fazer frente as tensões interpessoais, etc. A adolescência era, naquela Samoa, uma agradável época da vida.

Em Samoa, esclarece Muuss (1976, p. 57), a respeito das observações de Mead, que a criança passa por um processo de transição da infância para a maturidade com

naturalidade, sem tensões. Elas são introduzidas na vida adulta com tranquilidade, assumindo responsabilidades de forma gradual e de acordo com suas possibilidades. A esse respeito, o autor afirma que em Samoa

O jovem tem oportunidade de assistir a um parto ou uma morte perto da casa, e muitos jovens já viram fetos parcialmente desenvolvidos, a abertura de cadáveres, e vislumbres ocasionais de atividades sexuais. A vida sexual não é reprimida ou inibida pela sociedade, mas ao contrário, é considerada natural e agradável.

Outros estudiosos da adolescência, ao debruçarem-se sobre os estudos de Mead, relatam a influência dos aspectos sócio-culturais dessa fase da vida humana. Becker (2003, p.63) esclarece:

Em Samoa o adolescente parece não enfrentar conflitos morais, ideológicos, psicológicos. Não existe lá o que chamamos de crise da adolescência. Assim, a comparação com outra sociedade demonstra que os problemas dos adolescentes podem ser resolvidos de diversas maneiras, ou podem até não existir.

A partir das descobertas científicas de Mead, pesquisadores de diversas áreas como psicólogos, sociólogos, antropólogos, despertaram para a questão dos condicionantes culturais e sociais, ou seja, as condições de vida dos jovens e suas influências na transição da infância para a adultez. Através das contribuições da Antropologia cultural, observa-se, na atualidade, o surgimento de novas tendências em oposição à visão naturalizante e hegemônica da adolescência.

Concordamos com Ozella (2003) que é necessário superar as visões naturalizantes presentes na Psicologia e entender a adolescência como um processo de construção sob condições histórico-cultural-sociais específicas, ou seja, na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica.

Convém ressaltar que não é possível definir com precisão os limites de início e fim da adolescência, pois esta varia de pessoa para pessoa. Para a Organização Mundial da Saúde - OMS, na maioria dos seres humanos, ela ocorre entre os 10 (dez) e 20 (vinte) anos de idade. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA (1990) considera adolescente a pessoa com idade entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos.

A Emenda Constitucional 65, aprovada no Congresso Nacional em 2010, conhecida como “PEC da Juventude”, insere o termo jovem no capítulo dos Direitos e

Garantias Fundamentais da Constituição Federal. Essa Emenda modifica o artigo 227 da Constituição, com o objetivo de incluir menção ao jovem e contempla a parcela da população com faixa etária de 15 a 29 anos que serão beneficiadas com a criação de políticas públicas voltadas para esse segmento, com prioridade em direitos como saúde, alimentação, educação, lazer, profissionalização e cultura.

O artigo 227 da Constituição Federal passa, então, a ter a seguinte redação:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao *jovem*, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (grifo nosso)

Diante do exposto, não é possível falar em juventude, mas sim juventudes: juventude de diferentes territórios, opções sexuais, etnias, religião, gênero, entre outras e elas diferem segundo condições sociais e históricas específicas. Nessa direção, Cassab (2001, p. 65) destaca a importância de se ter a clareza de que “não é possível, antes de mais nada, falar em juventude no singular. As múltiplas formas de inserção dos jovens a partir de suas origens e posição de classe é que determinarão de que jovens se fala”.

Concorroboramos com a visão de Sposito (2001) que, numa reflexão educativa sobre o tema da juventude, faz-se necessário incorporar novas categorias de análise, tais como as relações de gênero, as etnias, o tema das gerações, entre outras, e que necessariamente devemos admitir a diversidade, as diferentes orientações e representações, os ritmos, tempos e espaços que gestam práticas de produção cultural.

Neste trabalho, optamos por pesquisar jovens adolescentes na faixa de 15 a 18 anos, conforme definição de adolescência do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, ressaltando que apenas essa distinção legal não é suficiente para definição da adolescência.

Nosso interesse nessa faixa etária tem como motivação compreender o jovem “adolescente” em seu desenvolvimento pessoal, tendo em vista olhá-lo numa perspectiva a mais ampla possível. Para tanto se faz necessário fundamentar nosso trabalho de forma ampla incluindo as transformações biológicas, psicológicas, mas

também o contexto socioeconômico, político, cultural e histórico no qual ele está inserido - seu território - e particularmente porque se trata de um período de definição, por excelência, do projeto de vida.

E também porque, como esclarece Magro (2002, p.68), focalizamos essa população por ela ser, para alguns estudiosos da temática,

[...] o alvo mais comum das visões negativas dos adolescentes, como a de ser delinquente, violenta, desinformada e desqualificada profissionalmente; e, principalmente, por estarmos cientes de que a denominada “adolescência normal” pelas ciências tem como modelo aquela constituída pelo adolescente de classe média, branco e homem [...]. Portanto, para se construir novos olhares sobre a adolescência é necessário buscar alternativas ao modelo hegemônico de adolescente que nos é imposto.

Com o objetivo de melhor compreender esse período da vida denominado adolescência, bem como para fundamentar a análise dos dados desta pesquisa, direcionamos o nosso olhar para a concepção de adolescência presente na Psicologia Sócio-Histórica porque entendemos, assim como Schuchter & Bruno (2010, p. 74), que o homem é um “ser histórico, social, ativo, reflexivo, sujeito de sua história”.

A seguir faremos uma discussão sobre os pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica e, na sequência, uma reflexão sobre a adolescência na visão dessa corrente psicológica. Buscamos uma interlocução com os autores clássicos Leontiev (1978), Vygotsky (1984) e autores contemporâneos como Ozella (2003), Nascimento (2006), Miranda (2006), Bock (2004), Aguiar (2000), Bock & Liebesny (2003), entre outros.

2.1 A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.

A Psicologia sócio-histórica teve início no século XX, na antiga União Soviética. Tem como precursor Lev Semenovich Vygotsky, um psicólogo bielorusso e seus colaboradores Luria e Alexis Lieontiev. Vygotsky foi um psicólogo moderno que apontou a cultura como parte integrante da natureza humana. Ele destacou a importância do processo histórico-social no desenvolvimento do indivíduo. Para o teórico, o ser humano é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e

interpessoais e de troca com o meio sociocultural. Sua intenção foi elaborar uma abordagem que buscasse a síntese do homem como ser biológico, histórico e social.

Essa corrente psicológica é composta por uma concepção teórica e um método científico que seguem os princípios filosóficos do materialismo histórico dialético e concebe o homem com ativo, social e histórico. Nesse sentido, Leontiev (1978, p. 261) ressalta que o homem “é um ser de natureza *social*, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em *sociedade*, no seio da *cultura* criada pela humanidade”. (grifo do autor)

Nessa perspectiva, para compreender o homem na visão psicológica sócio-histórica, de acordo com Teixeira (2003), faz-se necessário extrapolar a noção de mera influência dos aspectos sociais no processo psicológico de cada ser humano. É preciso conceber a constituição do sujeito sempre sob determinadas condições sociais, portanto materiais, e como resultado da atividade das gerações anteriores, ou seja, em um processo histórico. Assim, na visão sócio-histórica, o homem é entendido a partir da condição humana, como um ser histórico, ou seja, um ser capaz de construir alternativas para satisfazer suas necessidades através das relações sociais contextualizadas no tempo e espaço histórico com outros homens.

Aguiar destaca que o homem, de acordo com a psicologia sócio-histórica, é um ser ativo, social e histórico. Essa é a sua condição humana, a qual lhe permite constituir suas formas de pensar, sentir e agir, ou seja, constituir sua consciência. Aguiar (2000, p.125) a ressalta, ainda, que a necessidade de distinguir as expressões natureza humana versus condição humana e apresenta algumas indicações para compreensão desses termos.

O homem é, assim, visto como um ser inerentemente social e, como tal, sempre ligado às condições sociais. Homem que, além de produto da evolução biológica das espécies, é também produto histórico, mutável, pertencente a uma determinada sociedade, em uma determinada etapa de sua evolução. Não se está simplesmente afirmando, no caso, que o homem se encontra ligado ao mundo e à sociedade ou que é influenciado por ela, mas sim que se constitui sob determinadas condições sociais, resultado da atividade de gerações anteriores.

De acordo com a autora em foco, a concepção sócio-histórica adota a visão de homem concreto, mediado pelo social e determinado histórica e socialmente. Assim

sendo, os sujeitos não podem ser compreendidos independentemente de suas relações e vínculos sociais. Para Aguiar (2000, p.127),

Quando se parte do pressuposto de que o homem não é produto da natureza, não tem uma natureza humana inata e imutável, de caráter universal, faz-se necessário abandonar a idéia de que existe uma natureza humana, como ponto de partida. De fato, assumir esse último ponto de vista implica ser desnecessário situar o homem historicamente, pois seu desenvolvimento passa a ser visto como pura atualização dessa natureza, isto é, de algo já nele contido desde o nascimento e que desabrocha no decorrer de sua vida.

Pelo exposto, de acordo com os pressupostos da psicologia sócio-histórica, o grande problema da ideia de desenvolvimento humano como um processo natural é que ela encoberta as condições sociais que constituem o sujeito. Por essa razão, Aguiar (2000, p.127) esclarece:

[...] parece ser mais adequado a postulação de uma condição humana, na medida em que ela se refere a um homem que constrói sua existência a partir de uma ação sobre a realidade, com o objetivo de satisfazer suas necessidades. É, pois, por meio da ação significada no mundo que o homem vai não só transformar a realidade objetiva em realidade humana como também criar suas próprias condições de existência, transformando-se a si próprio. Homem e sociedade vivem, portanto, uma relação de mediação, em que cada pólo expressa e contém o outro, sem que nenhum deles se dilua no outro ou perca sua singularidade.

Pelos argumentos acima expostos, na psicologia sócio-histórica não é possível falar de natureza humana como algo a priori, universal e abstrato. É na realidade concreta que as subjetividades são constituídas e, portanto, o que existe, em oposição à ideia de essência humana, é a condição humana.

Bock (2004, p.7-8) apresenta reflexões que ajudam a entender melhor a questão da condição humana. Para a autora,

A psicologia não tem sido capaz de, ao falar do fenômeno psicológico, falar de vida, das condições econômicas, sociais e culturais nas quais se inserem os homens. A psicologia tem, ao contrário, contribuído significativamente para ocultar estas condições. Fala-se da mãe e do pai sem falar da família como instituição social marcada historicamente pela apropriação dos sujeitos; fala-se da sexualidade sem falar da tradição judaico-cristã de repressão à sexualidade; fala-se da identidade das mulheres sem se falar das características machistas de nossa cultura; fala-se do corpo sem inseri-lo na cultura; fala-se de habilidade e aptidões de um sujeito sem se falar das suas reais possibilidades de acesso à cultura; fala-se do homem sem falar do trabalho; fala-se do psicólogo sem falar do cultural e do social. Na verdade, não se fala de nada. Faz-se ideologia!

Nesse sentido, os trabalhos de Vygotsky expressam sua atenção à natureza social do homem. Ele fez observações sobre o fato de o homem viver em companhia de seus pares e em ambiente permeado de cultura. Daí o sentido de sua frase célebre: “na ausência do outro, o homem não se constrói homem” (VYGOTSKY, 1984). Partindo desse princípio, Vygotsky elaborou a concepção da psicologia sócio-histórica que, de acordo com Martins (1997, p.113),

Traz em seu bojo a concepção de que todo Homem se constitui como ser humano pelas relações que estabelece com os outros. Desde o nosso nascimento somos socialmente dependentes dos outros e entramos em um processo histórico que, de um lado, nos oferece os dados sobre o mundo e visões sobre ele e, de outro lado, permite a construção de uma visão pessoal sobre este mesmo mundo. O momento do nascimento de cada um está inserido em um tempo e em um espaço em movimento constante. A história de nossa vida caminha de forma a processarem todos uma história de vida integrada com outras muitas histórias que se cruzam naquele momento.

Assim, como ser ontologicamente social, o contexto em que o indivíduo está inserido é de fundamental importância no processo de constituição do sujeito com capacidade de modificar as condições em que vive. Nesse sentido, o acesso aos bens culturais [físicos ou simbólicos] acumulados pelas gerações anteriores é primordial. Assim, a formação humana, para a psicologia sócio-histórica, é concebida numa relação dialética entre o sujeito e o contexto em que está inserido. O homem se constrói ao construir sua realidade, ou seja, modifica o contexto e é modificado por ele. De acordo com Martins (1997, p.113),

Temos assim um movimento de constituição do homem que passa pela vivência com os outros e vai-se consolidar na formação adulta de cada um de nós. A criança e o adulto trazem em si marcas de sua própria história - os aspectos pessoais que passaram por processos internos de transformação -, assim como marcas da história acumulada no tempo dos grupos sociais com quem partilham e vivenciam o mundo. Assim, o indivíduo transforma-se de criança em adulto processando internamente, por meio de seu livre-arbítrio, as diversas visões de mundo com as quais convive.

Segundo Santos (2006), em sua tese de doutoramento intitulada *A vulnerabilidade do jovem em um paraíso serrano: os jovens pobres de Nova Friburgo*, nesse processo de constituição do homem, ocorre um constante movimento de

subjetivação da realidade, que o torna único. A pesquisadora destaca que nesse processo de conversão do mundo objetivo em subjetivo (processos internos de transformação), no qual se configura algo novo, a linguagem desempenha papel fundamental como instrumento psicológico que materializa as significações historicamente produzidas.

Portanto, essa concepção contrapõe-se às teorias que concebem o homem como ser guiado pelo determinismo biológico. Na psicologia sócio-histórica, não é possível compreender o ser humano fora do seu contexto social, econômico, cultural, político, ou seja, fora do seu território porque, como afirma Sack (1986, p. 27), “a territorialidade está incorporada nas relações sociais. A Territorialidade é sempre socialmente construída. Ela precisa de um ato do desejo e envolve múltiplos níveis de razão e significados”.

2.2 A ADOLESCÊNCIA NA VISÃO DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA.

Por que estudar a adolescência através da concepção sócio-histórica e suas possíveis interfaces com a abordagem territorial? Porque entendemos que já não é possível compreender o ser humano fora do seu contexto social, econômico, cultural, político, ou seja, do seu território, pois a realidade social e o mundo psicológico caminham juntos.

A adolescência é, de acordo com a Psicologia sócio-histórica, uma invenção da sociedade moderna, vista como resultado de uma construção social, categoria construída historicamente e não como fase natural do desenvolvimento humano. Nesse sentido, Bock & Liebesny (2003, p.210), enfatizam:

A adolescência nem sempre existiu, pois constituiu-se na história a partir de necessidades sociais e todas as características foram desenvolvidas a partir das relações sociais com o mundo adulto e com as condições históricas em que se deu esse desenvolvimento.

Assim, a pergunta o que é adolescência? Não tem significado para a psicologia sócio-histórica. De acordo com Bock (2004a, p.40),

A abordagem sócio-histórica, ao estudar a adolescência, não faz a pergunta "o que é a adolescência", mas "como se constituiu historicamente este período do desenvolvimento". Isso porque, para essa abordagem, só é possível compreender qualquer fato a partir da sua inserção na totalidade, na qual esse fato foi produzido, totalidade essa que o constitui e lhe dá sentido. Responder o que é a adolescência implica buscar compreender sua gênese histórica e seu desenvolvimento.

O significado do termo adolescência é, nessa concepção, entendido como um processo construído socialmente. Compreende o adolescente de hoje como reflexo da sociedade contemporânea. Assim, "a adolescência é uma fase de desenvolvimento da sociedade moderna ocidental. Não é universal e não é natural dos seres humanos. É histórica." (BOCK & LIEBESNY, 2003, p. 210).

Na visão sócio-histórica nem todos os jovens adolescentes passariam, necessariamente, pela fase da adolescência. Como essa concepção opõe-se à visão naturalizante dos seres humanos, como preconiza a psicanálise, a adolescência somente aconteceria se existissem as condições sociais necessárias para o seu surgimento, ou seja, os jovens passariam a se ver, se reconhecer como adolescentes a partir de como seriam vistos pela sociedade. De acordo com Bock (2004a, 32-33),

A adolescência tem sido tomada, em quase toda a produção sobre o assunto, na psicologia, como uma fase natural do desenvolvimento, isto é, todos os seres humanos, na medida em que superam a infância, passam necessariamente por uma nova fase, intermediária à vida adulta, que é a adolescência. Inúmeros estudos dedicaram-se à caracterização dessa fase e a sociedade apropriou-se desses conhecimentos, tornando a adolescência algo familiar e esperado. Junto com os primeiros pêlos no corpo, com o crescimento repentino e o desenvolvimento das características sexuais, surgem as rebeldias, as insatisfações, a onipotência, as crises geracionais, enfim tudo aquilo que a psicologia, tão cuidadosamente, registrou e denominou de adolescência.

A adolescência, compreendida pela psicologia como um fenômeno transmitido através das relações sociais, literatura, meios de comunicação, especialmente os de massa (TV, internet), instituiu-se um modelo dominante que dissemina o modelo de identificação de adolescência típico de jovens das classes mais favorecidas. Um

fenômeno que passou a fazer parte da cultura contemporânea, uma fase da vida interpretada e construída pela humanidade. Nesse sentido, Bock (2004a, p.42) ressalta:

Importante registrar que, na medida em que esse fato social da adolescência vai se configurando, tomando contornos mais claros, a sociedade como um todo vai registrando e significando esse momento. A ciência estuda-a, conceitua-a, expressa-a em livros e descreve suas características (tomadas como se fossem naturais da idade). A sociedade vai reconhecendo então uma fase do desenvolvimento de seus filhos e jovens; vai atribuindo significados; vai esperando de seus filhos e jovens algumas condutas. A adolescência instala-se de forma inequívoca na sociedade. Os jovens que não possuíam referências claras para seus comportamentos vão, agora, utilizando essas características como fonte adequada de suas identidades: são agora adolescentes.

Bock (2004a, p. 42), colocando claramente sua posição contrária à visão naturalizante do conceito de adolescência, enfatiza:

Não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica. Pode existir hoje e não existir mais amanhã, em uma nova formação social; pode existir aqui e não existir ali; pode existir mais evidenciada em um determinado grupo social, em uma mesma sociedade (aquele grupo que fica mais afastado do trabalho), e não tão clara em outros grupos (os que se engajam no trabalho desde cedo e adquirem autonomia financeira mais cedo). Não há uma adolescência, como possibilidade de ser; há uma adolescência como significado social, mas suas possibilidades de expressão são muitas.

Assim, a adolescência surgiu na sociedade moderna ocidental e ganhou existência a partir do advento da revolução industrial, e conseqüentemente, da necessidade de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Por sua vez, o trabalho foi ficando cada vez mais sofisticado devido aos avanços da ciência e da tecnologia, exigindo da juventude maior tempo de formação e especialização. (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 2001)

Nesse contexto, o desemprego estrutural da sociedade capitalista exigia cada vez mais novas condições para o ingresso no mercado de trabalho. Assim, a mão-de-obra jovem deveria permanecer mais tempo na escola para se capacitar e, com isso, o período da adolescência se alonga, conforme destacam Bock & Liebesny (2003). A consolidação desse processo alargado de formação ocorreu via educação formal, sob o controle do estado. Esse processo de escolarização foi significativo para o estabelecimento do processo de separação entre adultos e indivíduos em formação.

Contudo, com condições de inserção no mundo do trabalho, com corpo, cognição e afetos desenvolvidos, aproximando-se dos adultos, como afirmam Bock & Liebesny (2003, p. 211), poderiam ocupar um lugar no mundo adulto. Entretanto, estão fora do mercado de trabalho, sem a possibilidade de independência financeira. Segundo as autoras citadas, a contradição entre “as condições que possuem e a falta de autorização para o ingresso no mundo social adulto será responsável pelo surgimento da maior parte das características conhecidas hoje como dos adolescentes: rebeldia, conflito geracional, indefinição de identidade e onipotência”.

No próximo capítulo, direcionaremos nosso olhar para o território teófilo-otonense e, posteriormente, para a adolescência nesse território, dialogando com a Psicologia Sócio-Histórica, refletindo sobre os sujeitos inseridos nesse contexto na perspectiva territorial. Objetivamos contextualizar essa população para, a partir do coletivo, obter subsídios para compreender as condições determinantes da adolescência nesse território e análise dos projetos de vida dos sujeitos desta pesquisa.

3 IMAGENS DO TERRITÓRIO TEÓFILO OTONI

Não basta viajar em torno do território; é preciso realmente invadi-lo. Vale a pena pelo menos tentar esta aventura.

Joel Bonnemaïson

Como sugere Bonnemaïson (2002, p.131), na epígrafe acima, neste capítulo, aventuramo-nos na invasão do território teófilo-otonense, contexto onde estão inseridos os jovens adolescentes sujeitos desta pesquisa porque entendemos, assim como Haesbaert (2010, p. 20), que “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico *territorial*”. (grifo do autor). Porém, antes de iniciarmos nessa aventura, consideramos conveniente esclarecer o que significa território à luz de alguns dos desbravadores desse conceito para, posteriormente, traçarmos o nosso percurso teórico.

Inicialmente buscamos compreender os conceitos território e territorialidade, para definirmos quais luzes teóricas iluminariam nosso roteiro. Encontramos na literatura várias perspectivas teóricas sobre o conceito de território. Em sua síntese, Haesbaert (2010, p. 40), agrupa as concepções territoriais em 04 vertentes básicas: política, cultural, econômica e natural.

O autor afirma que a *dimensão política* refere-se às relações de espaço-poder de modo geral, na maioria das vezes relacionado ao poder político do Estado, ou seja, o território político-administrativo. Um espaço físico onde se exerce o poder legalmente instituído, um governo com limites e fronteiras, espaço delimitado por ordem jurídica e política - um município, uma região, um estado ou uma nação.

Já na visão de Raffestin (1993), outro geógrafo estudioso da abordagem territorial, o conceito político de território é bem mais amplo do que o espaço delimitado por ordem jurídica e política. Para o autor, o homem, ao se apropriar do espaço, de forma concreta ou abstrata, territorializa o espaço. Raffestin (1993, p. 144) define território como sendo “[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder.”

Nesse sentido, Haesbaert (2010, p. 68) aduz que, nos trabalhos dos autores mais recentes (e clássicos) como Claude Raffestin e Robert Sack, “parece haver um consenso de que a dimensão política, para além de sua perspectiva jurídica e estatal, é a que melhor responde pela conceituação de território”.

A *dimensão cultural*, segundo Haesbaert (2010, p.40), prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva. Nela o território é visto como “produto do apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”. Nessa perspectiva, Bonnemaïson (2002, p.101-102) esclarece que “a ideia de cultura, traduzida em termos de espaço, não pode ser separada da ideia de território. É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço”.

Já a *dimensão econômica*, para Haesbaert (2010, p. 40), enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas. Nessa concepção “o território é difundido como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho”.

E por último surgiu a noção de território baseada nas relações entre sociedade natureza - a *dimensão naturalista*, conforme esclarece Haesbaert (2010).

Perguntamo-nos, então, qual concepção seria mais apropriada para estabelecer um diálogo com o nosso objeto de estudo, já que trabalhamos com a hipótese de que o território, pensado enquanto processo e em suas múltiplas dimensões, exerce influências sócio-históricas, econômicas, políticas e culturais que interferem diretamente na construção dos projetos de vida dos jovens adolescentes.

Visando uma compreensão mais ampla das influências que as relações sociais e culturais exercem sobre os sujeitos adolescentes inseridos no território teófilo-otonense, e particularmente no objeto de estudo, optamos por conduzir nossas reflexões sobre território pela vertente relacional, por meio dos trabalhos de Raffestin (1993), Sack (1986) em interlocução com a vertente cultural, através dos trabalhos de Bonnemaïson (2002), Clavel (1999, 2002) entre outros.

Nossa opção pela dimensão relacional foi porque nesta o território é visto, como afirma Haesbaert (2010, p. 80) “completamente inserido dentro de relações social-históricas, ou de modo mais estrito, para muitos autores, de relações de poder.”

Contudo, não podemos deixar de considerar, como sublinha Bonnemaïson (2002, p. 110-111) a importância da espacialidade e da cultura na construção das relações sociais. Para o autor “os territórios, os lugares e a paisagem não podem ser compreendidos senão em referência ao universo cultural”. Para esse autor,

O poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. É assim que o território cultural precede o território político e com ainda mais razão precede o espaço econômico. (BONNEMAISON & CAMBREZY APUD HAESBAERT, 2010, p. 72)

Pelo exposto, é possível aferir que a construção do território é marcada por relações de poder e que pode haver múltiplos territórios no interior de um território político-administrativo ou região e representa uma trama de relações sociais com raízes históricas, configurações políticas e identidades culturais. Em síntese, qualquer território é um produto histórico de processos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Assim sendo, numa perspectiva multidimensional - relacional (RAFFESTIN, 1993), (SACK, 1986) e cultural (BONNEMAISON, 2002), (CLAVAL, 1999; 2002) - da abordagem territorial, o foco desta pesquisa são os jovens adolescentes e as territorialidades vividas por eles, no interior do território Teófilo Otoni, para além dos limites político-administrativos. Para melhor compreendermos o nosso objeto de estudo - os projetos de vida dos adolescentes - consideramos necessário contextualizar o território teófilo-otonense em seus aspectos históricos, sociais, econômicos, políticos, culturais e educacionais.

Teófilo Otoni está situado geograficamente no Nordeste do Estado de Minas Gerais, na Mesorregião Vale do Mucuri⁵ e na Microrregião Teófilo Otoni, da qual é sede.

⁵ A mesorregião administrativa Vale do Mucuri é uma das doze mesorregiões do Estado e encontra-se na porção nordeste do Estado de Minas Gerais. O Vale do Mucuri é composto por 27 municípios agrupados em duas microrregiões: Teófilo Otoni e Nanuque.

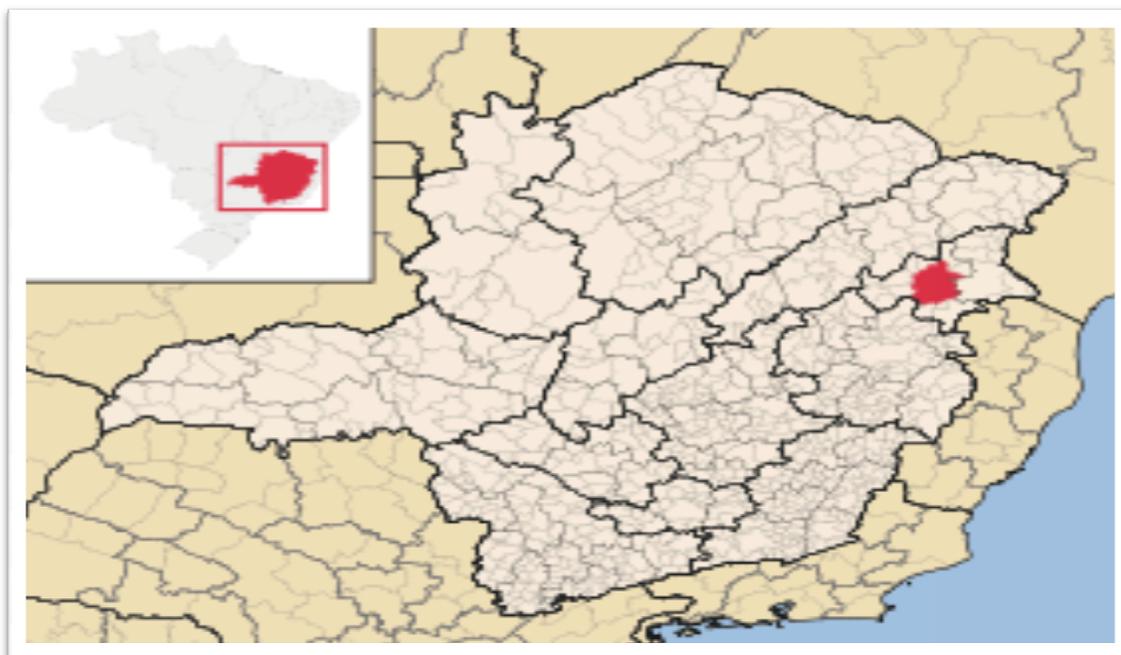


Figura1 - Localização de Teófilo Otoni em Minas Gerais. <http://www.mfrural.com.br/cidade> (2010)

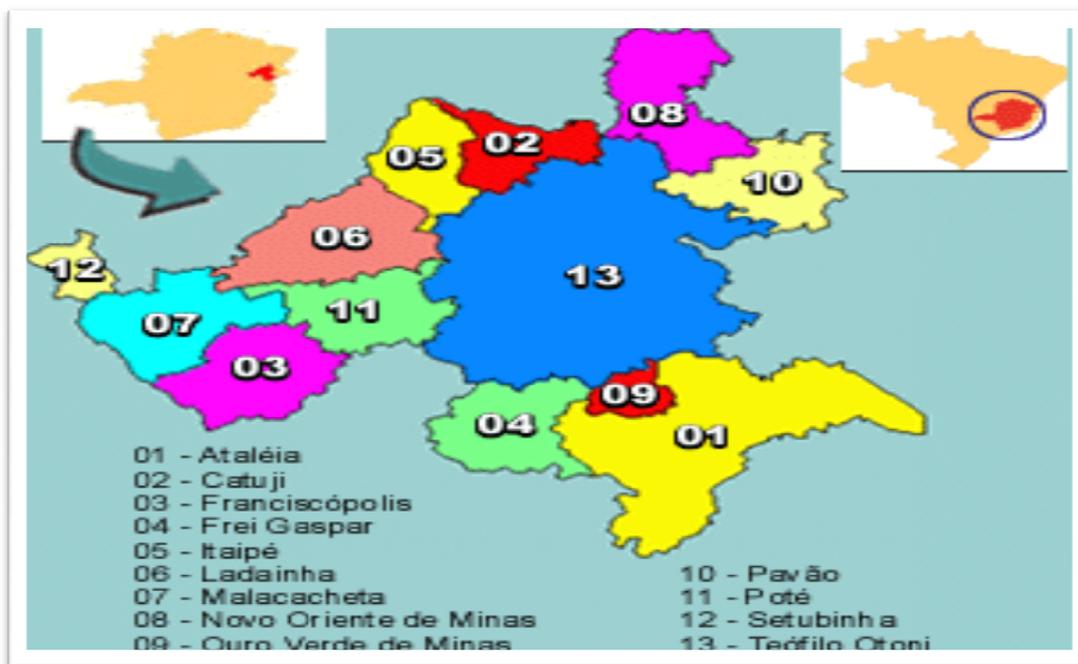


Figura 2 - Microrregião de Teófilo Otoni. <http://www.citybrazil.com.br>. (2010)

Teófilo Otoni está localizado a 485 km da capital. É composto por 05 distritos: Pedro Versiane, Crispim Jacques, Rio Pretinho, Mucuri e Topázio. É considerado o centro macrorregional do Vale do Mucuri. Ocupa uma área de 3.243 Km², abrigando uma população de 134.745 habitantes, sendo 110.076 na zona urbana e 24.669 na

zona rural, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE (2010) e uma densidade demográfica de 41,56/ km².

Dessa população, aproximadamente 35% dos habitantes de Teófilo Otoni estão na faixa etária dos 10 aos 29 anos, considerados adolescentes/jovens, como podemos constatar pela tabela abaixo, fato que justifica nossa preocupação com os sujeitos deste estudo: os jovens adolescentes.

Tabela 01- População adolescente/jovem de Teófilo Otoni-MG.

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
10 a 14 anos	6.031	5.953	11.984
15 a 19 anos	5.894	5.988	11.882
20 a 24 anos	5.787	6.251	12.038
25 a 29 anos	5.533	5.960	11.493
TOTAL	23.245	24.152	47.397

FONTE: Organização da autora a partir de dados do IBGE (2010).

Entendendo, assim como Geertz (1978, p. 23), que “a cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas”, pois a leitura que fazemos sobre determinado contexto está relacionada à maneira como nossa história foi vivida. Nessa perspectiva, como sublinha Haesbaert (2010, p. 78), “é imprescindível, portanto, que contextualizemos historicamente o território que estamos trabalhando” para, assim, compreendermos o seu panorama atual. É o que faremos a seguir.

3.1 IMAGENS HISTÓRICAS DO TERRITÓRIO TEÓFILO-OTONENSE.

As terras que hoje pertencem a Teófilo Otoni, na época da colonização grande extensão de mata atlântica, despertou a atenção da corte portuguesa - levando o então rei D. João III a ordenar a formação de expedições para explorar a região - devido à notícia da existência de uma serra com grande quantidade de ouro e pedras preciosas, denominada Serra das Esmeraldas, notícia esta que despertou, também, a “cobiça” de viajantes aventureiros e colonos das regiões Vale do Jequitinhonha e Mucuri (RIBEIRO,1995).

De acordo com o Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Teófilo Otoni - IPAC (TEÓFILO OTONI, 2005), no ano de 1846, a província de Minas Gerais lança edital público abrindo inscrições para instalação de colônias ao longo do Rio Mucuri. Theófilo Benedicto Ottoni⁶ [empresário e político defensor de ideias liberais] e seu irmão foram os vencedores porque, além do peso da assinatura dos signatários, desfrutavam do maior respeito no mundo das finanças e confiabilidade pública.

Otoni criou a Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri, empresa que objetivava escoar a produção agropecuária do Vale do Mucuri, ligando o nordeste de Minas Gerais ao oceano Atlântico pelo porto de Caravelas, na Bahia.

Em 1852, Theophilo Ottoni adentra as matas virgens do Vale do Mucuri, enfrentando, entre outras dificuldades, o ataque dos índios tapuias. Quando Theophilo Ottoni e sua expedição chegaram às margens do Rio Todos os Santos, batizou aquele lugar de Filadélfia e, em 1853, funda o núcleo denominado Filadélfia como centro das colônias do Mucuri, atual território Teófilo Otoni. (TEOFILO OTONI, 2005). Filadélfia pertenceu, inicialmente, ao Município de Minas Novas. Alcança a emancipação política em 1878 e foi instalado oficialmente em 1881. O município recém-criado recebe o nome de Teófilo Otoni em homenagem ao seu fundador.

Pelas descrições anteriores, podemos observar que o processo de territorialização de Teófilo Otoni está entrelaçado à história de seu fundador, Theophilo Benedicto Ottoni, e a colonização do Vale do Mucuri.

Contudo, não podemos deixar de ressaltar a presença dos índios - os primeiros habitantes desse território. Duarte (1998, p. 38-39), referindo-se aos colonizadores do Vale do Mucuri e às relações de guerra destes com os índios, enfatiza que esse encontro

deu-se sob o signo da guerra entre os índios e homens brancos dispostos a conquistar e civilizar aquelas matas. As descrições registradas desses encontros, sempre construídas pelo olhar do homem branco (já que os negros escravos envolvidos na conquista não estavam em posição de participar da cultura escrita), trazem as marcas da violência dos combates, da guerra constante (...).

⁶ Theophilo Benedicto Ottoni nasceu aos 27/11/1807, na Vila do Príncipe, Serro Frio, atual cidade do Serro-MG. Morreu no Rio de Janeiro em 14/09/1869, vítima de febre adquirida no Vale do Mucuri. Seus restos mortais foram depositados no Panteon, Praça Tiradentes, centro da cidade de Teófilo Otoni.

A história dos índios tapuias⁷ oscila ora entre guerreiro, feroz, na visão dos viajantes da época (AVÉ-LALLEMANT, apud DUARTE, 2002), ora como mansos como cágados na visão dos colonizadores (THEÓPHILO OTTONI apud FREITAS, 2008). Trata-se de uma história que sugere uma relação de luta e dominação.

Além dos índios, habitavam nas matas do Vale do Mucuri negros fugitivos das fazendas de café e também libertos que, fugindo da seca do Vale do Jequitinhonha e do sul da Bahia, vieram em busca de melhores condições de vida.

Encontramos em Theóphilo Ottoni indicações da presença de mão de obra escrava. Segundo Santos (2008), no relatório da Companhia do Mucuri enviado aos acionistas em 1847, comparando o trabalho dos imigrantes chineses com o trabalho escravo, Ottoni (apud SANTOS, 2008, p. 23-24) declara:

Nunca considerei os chins como colonos, mas sim como máquinas para substituir os braços escravos. Já expliquei o ano passado os motivos por que contratei 100 homens destes, declarando francamente que preferia não tê-lo feito. Com a mesma franqueza declarei agora que os pobres chins não são tão imprestáveis como eu supus a princípio. (...) e são *mais inteligentes do que os pretos: fazem com perfeição os serviços de estrada, e não é mister explicar-lhes duas vezes o que deles se quer...* (grifo nosso)

Tomando como referência o fragmento de texto supracitado, podemos constatar a presença do escravismo nos trabalhos da Companhia do Mucuri de Theóphilo Ottoni. Considerado um protetor dos índios e antiescravocrata em muitas de suas biografias, Chagas (1978), Timmers (1969), Miranda (2007), entre outros, lançando mão de trabalho escravo (SANTOS, 2008), indígena (DUARTE, 2008) e imigrantes (FREITAS, 2008), Theóphilo Benedicto Ottoni construiu a “Sua Fhiladélphia”.

A história do território teófilo-otonense está recheada de contradições: por vezes ilustrada pelos ideais de liberdade e democracia, outras pela dominação e exploração de índios, negros e imigrantes. Entretanto, conforme bem nos alerta Santos (2008, p 24), “Teófilo Otoni foi um homem do século XIX e deve ser entendido como tal, não transferindo os desejos de agora para um contexto histórico, como tem ocorrido na maioria de suas biografias”.

⁷ Também chamados genericamente [e pejorativamente] de botocudos por usar batoques nas orelhas e lábios.

Na história do Vale do Mucuri e mais especificamente de Teófilo Otoni, encontramos indicações da existência de relações sociais baseadas na exploração e dominação de índios, negros e imigrantes em nome dos ideais de liberdade, democracia e progresso econômico. Este último, desejado por nobres falidos, aventureiros, desbravadores em busca de riqueza como pedras preciosas e ouro, terras férteis “sem dono” e pouco exploradas.

Voltando aos feitos da Companhia do Mucuri, esta recebeu apoio do Governo Imperial, fato que favoreceu o empreendimento empresarial proposto por Theophilo Ottoni e a chegada dos primeiros imigrantes alemães [seguidos por portugueses, chineses, italianos, espanhóis] devido ao anúncio que Theophilo Ottoni publicou em jornais na Alemanha convidando colonos para a região com a promessa de receber uma cota de terras.

Depois de passar por dificuldades de toda ordem, escassez de mão-de-obra, ataques indígenas, entre outras, a Cia do Mucuri ficou descapitalizada e foi encampada pelo governo imperial em 1860. Todavia, o empreendimento de Theophilo Ottoni foi muito importante para o desenvolvimento de Teófilo Otoni e do Vale do Mucuri, mas não houve continuidade após a liquidação e fim da Companhia do Mucuri pelo governo.

A região permaneceu isolada, comunicando-se internamente através de um primitivo transporte fluvial, alternado pelo cavalo de sela, pela tropa de burros e carro de bois. Apenas no início do século XX foi possível promover a ligação do território com um porto do mar. Isto se deu com o advento da Estrada de Ferro Bahia-Minas, que ligava a cidade ao porto de Caravelas, na Bahia, atendendo à produção e comércio de café. (AMUC, 2000)

Após a encampação da Cia do Mucuri pelo governo imperial e sua liquidação, chega ao Vale do Mucuri a Estrada de Ferro Bahia e Minas - EFBM, em 1898. Os anos de 1900 a 1930, segundo consta no IPAC (TEÓFILO OTONI, 2005), foram um período de grande desenvolvimento econômico e urbano no território, principalmente devido à extração de madeira de lei, produção de café e cereais, ocasionando elevado movimento no tráfego da EFBM.

De acordo com a AMUC (2000), o período de atividade da estrada de ferro Bahia-Minas foi curto. Em 1930, as atividades da EFBM foram fortemente atingidas pela crise do café. Arrendada para uma Companhia Francesa desde 1912, esta extingue o

contrato com a EFBM em 1934, provavelmente por falta de lucro. Em 1966, por ordem do Marechal Castelo Branco, encerra suas atividades, fato recebido pelo povo teófilo-otonense com grande comoção (TEÓFILO OTONI, 2005).

Como aponta Alvarenga (2009), os caminhos abertos por Theophilo B. Ottoni trouxeram o desenvolvimento econômico para o Vale do Mucuri, mas, sobretudo, o desenvolvimento humano. O referido autor esclarece que, não por acaso, as principais cidades de formação do território Mucuri, ligadas pela estrada denominada na época Estrada do Boi, atual MG 418, idealizada por Theophilo Ottoni, para ligar Filadélfia - Santa Clara às atuais cidades de Teófilo Ottoni e Nanuque, são hoje cidades polos das duas microrregiões do mesmo nome contidas na mesorregião do Vale do Mucuri.

Teófilo Ottoni, situada às margens da BR 116, rodovia conhecida como Rio-Bahia, antiga estrada de Ferro Bahia-Minas, no entroncamento com a MG 418, antiga Estrada do Boi, continua sendo um ponto de passagem para o litoral do Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo, de fluxo de mercadorias e pessoas como no projeto original de Theophilo B. Ottoni.

O território teófilo-otonense, apesar de todo fervor político de sua criação, vem, ao longo de várias décadas, sofrendo com a estagnação social, política e econômica, sobre a qual relataremos a seguir.

3.2 IMAGENS CONTEMPORÂNEAS DO TERRITÓRIO TEÓFILO-OTONENSE

No dizer de Sack (1986, p.03), “a territorialidade nos humanos é melhor entendida como uma estratégia espacial para afetar, influenciar ou controlar fontes e pessoas, controlando área”. Nessa perspectiva relacional, descreveremos as imagens atuais do território teófilo-otonense. Iniciaremos caracterizando a economia local - no aspecto em que mais se destaca: lapidação e comercialização de pedras preciosas. Na sequência, a pecuária, a agricultura, as atividades econômicas preponderantes - comércio varejista e prestação de serviços, o capital social direcionado para a população juvenil, finalizando com a apresentação das manifestações culturais predominantes no território, bem como seus equipamentos culturais.

Trata-se de um território geográfico de porte médio, com mais de 100 mil habitantes. Portanto, um importante centro econômico regional do Vale do Mucuri. Recebe destaque nacional e internacional através do processo de lapidação e comercialização de pedras preciosas e exportação para o exterior, motivo pelo qual atrai turistas e comerciantes de pedras de diversos países para a Feira Internacional de Pedras Preciosas – FIPP que acontece anualmente e provoca intenso movimento no comércio local [hotéis, restaurantes, entre outros]. Em 2012, a FIPP chegou à 22ª edição. Paralelamente à FIPP, acontece a feira livre na Praça Tiradentes, com muitas barracas com pedras preciosas, bijuterias e artesanatos minerais variados.

Vale sublinhar que as informações sobre mercado de trabalho formal e PIB não refletem a realidade do setor de gemas e artefatos de pedras na região. Por ser um setor submerso pela informalidade, não mostra, nas estatísticas oficiais, sua importância para o desenvolvimento da região.

Essa atividade econômica, uma das principais fontes de riqueza para Teófilo Otoni e região, está em declínio, conforme afirmam Ramos & Ferreira (2008, p. 14):

Não obstante à perda gradativa do seu potencial competitivo, o arranjo produtivo de gemas de Teófilo Otoni, com dificuldades de adequar-se às novas demandas estabelecidas pelo mercado mundial de gemas, tem pautado crescentemente na produção em escala de gemas calibradas para a montagem em joias padronizadas. De forma geral, pode-se definir três planos distintos que contribuem para esse quadro: dispositivos de ordem legal; fatores infraestruturais e a atuação dos agentes do segmento empresarial.

Na tentativa de superar esses três fatores que vêm contribuindo para o declínio da comercialização de gemas, empresários do setor criaram, em 1989, a Gems Exporters Association – GEA, uma associação dos comerciantes e exportadores de joias e gemas do Brasil, com sede na cidade de Teófilo Otoni. Todavia, Teófilo Otoni enfrenta dificuldades por falta de matéria-prima, conforme informações extraídas do Diagnóstico realizado pela GEA (apud RAMOS & FERREIRA, 2008, p. 06):

Embora a cidade de Teófilo Otoni não se destaque na atividade de extração, uma rápida análise desta atividade torna-se imprescindível para a compreensão das dificuldades que o setor lapidário da cidade enfrenta, uma vez que houve entre os empresários consultados uma unanimidade em apontar a falta de matéria-prima (a pedra bruta) como um dos principais gargalos do processo produtivo.

Apesar da cidade sede de Teófilo Otoni ser conhecida internacionalmente como a “Capital Mundial das Pedras Preciosas” e ter muitas décadas de tradição em extração, lapidação e comercialização de gemas coradas, sua economia não está sustentada apenas nas atividades relacionadas ao setor gemológico.

A pecuária e a agricultura foram atividades econômicas decisivas para o processo de territorialização de Teófilo Otoni, contribuindo significativamente para a formação da sua base produtiva. O território possui uma grande extensão de área rural, com muitos povoados e distritos.

Conforme dados do IBGE (2009), em Teófilo Otoni se pratica a criação de bovinos (corte), suínos, equinos, galos, frangas, frangos e pintos, galinhas, codornas. Criam-se, ainda, vacas para ordenha e produz ovos de galinha. Porém, de acordo com Ramos & Ferreira (2008, p.05), a pecuária em Teófilo Otoni “[...] caracteriza-se por uma exploração intensiva baseada em grandes propriedades, pela baixa incorporação de tecnologias por baixos níveis de produtividade e pelo predomínio da cria e recria do gado para o corte”.

A agricultura conta com diversos povoados rurais e distritos com vocação agrícola, especialmente de agricultura familiar⁸. Os principais produtos de lavoura temporária, de acordo com o IBGE (2009) são: abacaxi, arroz, cana-de-açúcar, feijão, mandioca, milho e tomate. Já em culturas permanentes, destaca-se a produção de frutas: laranja, tangerina, banana, coco-da-baía e também o café.

Segundo Ramos & Ferreira (2008, p.05), essas lavouras se caracterizam “pelo emprego de técnicas rudimentares de produção de pouca produtividade. A isto se somam um potencial hídrico superficial limitado e um solo impróprio para a agricultura, carecendo de manejo e correções especiais”. Além dessas questões, no momento da comercialização da produção, entra em cena a figura do atravessador⁹.

De acordo com os dados apresentados pelo MDA (BRASIL, 2010), Teófilo Otoni possui 3.287 famílias de agricultores familiares que produzem, principalmente, horticultura [hortaliças, verduras e legumes], fruticultura [laranja e tangerina] e mudas

⁸ Na agricultura familiar, as relações produtivas têm como base compromissos e obrigações familiares. O trabalho de todos os integrantes, inclusive os jovens, não envolve questões salariais. Ferreira & Alves (2009).

⁹ O atravessador representa um agente que compra do produtor/fornecedor e vende para o consumidor final. O seu lucro está na diferença entre preços de compra e venda dos produtos.

de plantas ornamentais. A produção é comercializada em feiras livres, supermercados locais e para atravessadores.

Apesar de Teófilo Otoni ter grande extensão rural e ter vocação agrícola/pecuarista, encontram-se no território algumas indústrias de transformação e beneficiamento de produtos agrícolas [doces, bebidas, café], pecuaristas [laticínio, frigorífico], e extrativismo [joalherias, artefatos minerais, móveis, serralheria, cerâmica].

Os setores de comércio varejista e de serviços são as principais atividades econômicas de Teófilo Otoni. O território polariza o comércio e, principalmente, os serviços de saúde e educação, atraindo pessoas dos municípios circunvizinhos, sul da Bahia e norte do Espírito Santo.

Na área de saúde, o território conta com o maior hospital do Vale do Mucuri e diversas especialidades médicas, como terapia e diagnóstico, além de pequenos hospitais conveniados ao SUS e postos de PSF espalhados por diversos bairros.

Devido ao baixo desenvolvimento do Vale do Mucuri, Teófilo Otoni destaca-se como centro regional para os serviços de saúde. Entretanto, a maior parte dos serviços de saúde pertence ao setor privado, como consultórios e clínicas especializadas, distribuídos, principalmente, na área central da cidade. Na zona rural, conforme esclarece Pires (2006), existem somente Unidades Básicas do PSF que, em algumas localidades, funciona como um ponto de apoio para as visitas dos Agentes de Saúde.

O comércio local é bastante movimentado. Seus produtos são exportados para vários estados. O comércio interno é realizado com diversos municípios em recursos farmacêuticos, confecções, alimentícios, papelaria, máquinas, eletrodomésticos, veículos, entre outros. É o que podemos constatar pelo gráfico abaixo sobre distribuição de emprego formal em Teófilo Otoni.

Distribuição anual do emprego formal . Teófilo Otoni 2006

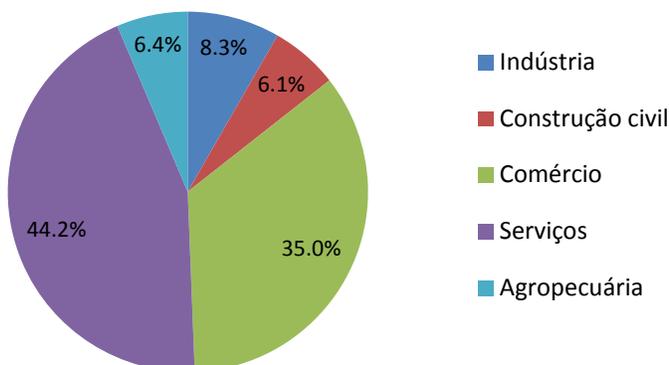


Gráfico 01 - FONTE: Montagem da autora a partir de dados Fundação João Pinheiro (FJP), 2008.

Os dados do gráfico 01 evidenciam que os setores de comércio varejista e principalmente de serviços são as principais atividades econômicas de Teófilo Otoni. Entretanto, considerando o valor dos salários pagos por esses setores, de acordo Convenção Coletiva de Trabalho 2010/2011, realizada pelo Sindicato dos Empregados do Comércio de Teófilo Otoni e a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Minas Gerais, para o período de 01/12/2010 a 31/12/2011, o valor mínimo de R\$ 573,00 corresponde a um pouco mais de um salário mínimo nacional¹⁰.

Percebemos, pelas informações descritas anteriormente, que, devido ao baixo dinamismo econômico, há em Teófilo Otoni uma escassez de oportunidades de colocação no mercado de trabalho formal. Assim, as transferências e repasses governamentais são uma importante fonte de receita para o poder público local.

Pelo exposto, podemos inferir que a vulnerabilidade social no território teófilo-otonense é acentuada. Nesse sentido, os benefícios sociais [aposentadorias e pensões] e os programas de transferência de renda [Bolsa Família] são fundamentais para a população. Isso porque, conforme Landim JR (2009), além do combate à pobreza, em níveis individuais, os benefícios sociais contribuem para a redução das desigualdades

¹⁰ Salário mínimo nacional correspondente ao período: R\$510,00 em 2010 e R\$ 545,00 em 2011.

sociais, pois gera um impacto positivo na economia dos municípios brasileiros, por meio de um aumento real no PIB per capita.

É possível observar o contraste entre pobreza e ostentação existente no território teófilo-otonense, conforme relata Miranda (2006, p.269):

Em Teófilo Otoni verificamos uma sociedade com fragmentações e rupturas, e mesmo um abismo entre a opulência e o mundo da miséria. Opulência se verifica nos carros potentes e luxuosos [...]. Opulência que ferve no centro da cidade, nas imediações das áreas de comércio, em especial em torno do comércio de pedras brasileiras que funciona na praça central, onde garimpeiros de municípios vizinhos vendem sua produção e articulam negócios maiores [...]. Por outro lado, há a miséria constatada em muitos novos bairros, no trabalho de crianças e adolescentes [...].

O índice de Gini¹¹ e de pobreza de Teófilo Otoni foram, respectivamente, de 0,45% e 37,8%, segundo o IBGE (2003). O índice Municipal de Desenvolvimento Humano - IDH-M¹² foi de 0.742 - classificado em médio - segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). Esse índice varia de zero a um, sendo considerado baixo entre 0 e 0,499, médio de 0,500 a 0,799 e alto quando for maior ou igual a 0,800. Teófilo Otoni teve PIB per capita¹³ de R\$ 8.848,55 em 2009. Um percentual em torno de 45% abaixo da média do Estado de Minas Gerais que foi de R\$14.328,62 (IBGE, 2009). O IDF¹⁴ de Teófilo Otoni foi de 0,58 em 2010 (MDS, 2011).

Apesar de esses índices apontarem um quadro da desigualdade social em Teófilo Otoni, o território possui um perfil destoante em relação aos territórios circunvizinhos e pertencentes à Microrregião Teófilo Otoni, bem como do Vale do Mucuri, como é possível observar nos índices apresentados na tabela abaixo:

¹¹ O Coeficiente de Gini é um parâmetro internacional usado para medir a desigualdade de distribuição de renda de uma população. Mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Seu valor varia de 0 (quando não há desigualdade) a 1 (quando a desigualdade é máxima).

¹² O Índice Municipal de Desenvolvimento Humano – IDH-M é uma medida comparativa que classifica os municípios brasileiros e envolve a transformação de três dimensões: longevidade, educação e renda. É uma forma padronizada de avaliação e medida do bem-estar de uma população.

¹³ Para obter o PIB per capita de um determinado lugar, divide-se o valor do seu Produto Interno Bruto – PIB da área de estudo pelo número de habitantes.

¹⁴ O IDF é um indicador sintético que mede o grau de desenvolvimento das famílias, possibilitando apurar o grau de vulnerabilidade de cada família do CADÚNICO, bem como analisar as famílias do município. O IDF aborda a pobreza em diversas perspectivas e varia entre 0 e 1 e, quanto melhores as condições da família, mais próximo de 1 será o seu indicador. (MDS, 2011).

Tabela 02 - Índices dos Municípios que integram a Microrregião Administrativa Teófilo Otoni.

Municípios	IDH-M (2000)	Índice de GINI (2003)	Incidência de pobreza (2003)	PIB Per capita R\$1.000,00 (2008)	IDF (2010)
Ataléia	0,654	0,43	50,03	5.351,24	0.54
Catuji	0,621	0,43	53,66	3.573,15	0.50
Franciscópolis	0,605	0,37	52,13	4.695,26	0.53
Frei Gaspar	0,621	0,39	49,19	4.760,44	0.53
Itaipé	0,633	0,43	53,78	4.024,12	0.49
Ladainha	0,609	0,41	52,77	3.149,87	0.50
Malacacheta	0,653	0,44	53,97	4.378,54	0.53
Novo Oriente de Minas	0,582	0,42	54,98	3.502,08	0.52
Ouro Verde de Minas	0,615	0,38	47,06	3.955,08	0.51
Pavão	0,667	0,43	52,29	4.729,34	0.54
Poté	0,642	0,42	49,17	4.218,07	0.53
Setubinha	0,568	0,37	53,22	2.914,02	0.49
Teófilo Otoni	0.742	0,45	37,8	7.999,41	0.58
Minas Gerais	0.773	0,46	26,60	14.233,00	0.60

Fonte: Organização da autora a partir de dados do IBGE.

Teófilo Otoni é o polo regional da microrregião Teófilo Otoni e da região Vale do Mucuri e parte dos municípios pertencentes ao médio Jequitinhonha. Essas regiões administrativas se caracterizam por baixos indicadores econômicos e sociais, apresentando Índices de Desenvolvimento Humano, PIB per capita, Gini e incidência de pobreza entre os mais baixos de Minas gerais e do Brasil. Daí sua importância regional no atendimento das demandas sociais como saúde, educação, serviços, associações filantrópicas de acolhimento (crianças, adolescentes, jovens, doentes mentais, indígenas, idosos), entre outras.

Quanto aos serviços educacionais, o IDH de Teófilo Otoni é de 0,814 segundo o Atlas de desenvolvimento Humano/PNUD (2000). O território possui 13% [e Minas Gerais 8,3 %] de sua população analfabeta de acordo com o IBGE (2010) sendo que,

desse percentual, 1,9% são jovens com idade entre 15 a 24, índice acima da média mineira que é de 1,4 % na mesma na faixa etária.

Na oferta de educação básica, de acordo com o INEP (2012), em 2011, foram matriculados um total de 32.105 estudantes no território Teófilo Otoni, sendo 3.804 na educação infantil, 21.953 no ensino fundamental e 6.348 no ensino médio, nas redes pública e privada.

Matrículas no ensino regular por rede de ensino. Teófilo Otoni. 2011

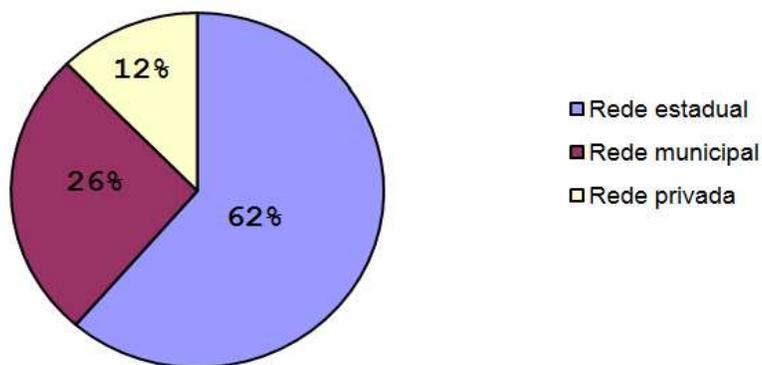


Gráfico 02 - Fonte: Montagem da autora a partir de dados do INEP (2012). www.inep.gov.br.

Cabe sublinhar, como demonstram o gráfico 02 acima e 03 / 04 a seguir, pelo expressivo número de matrículas na rede pública em todos os níveis, que se faz necessário investir esforços na formação inicial e continuada de professores, melhoria dos salários, bibliotecas, laboratórios, equipamentos, entre outros, para melhorar a qualidade da educação pública ofertada no território. Isso porque, segundo informações no site do INEP relativas aos anos de 2005, 2007 e 2009, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IBED de Teófilo Otoni para o 5º e 9º ano do ensino fundamental foram, respectivamente, 4.0, 4.1 e 4.9. Embora tenha avançado, ultrapassando os 4,3 pontos propostos para 2009, Teófilo Otoni ainda tem um longo caminho a percorrer para alcançar a média 6.0, índice apresentado pelos países desenvolvidos e meta proposta pelo MEC para 2021.

Matrículas no ensino regular. Ensino Fundamental. Teófilo Otoni. 2011

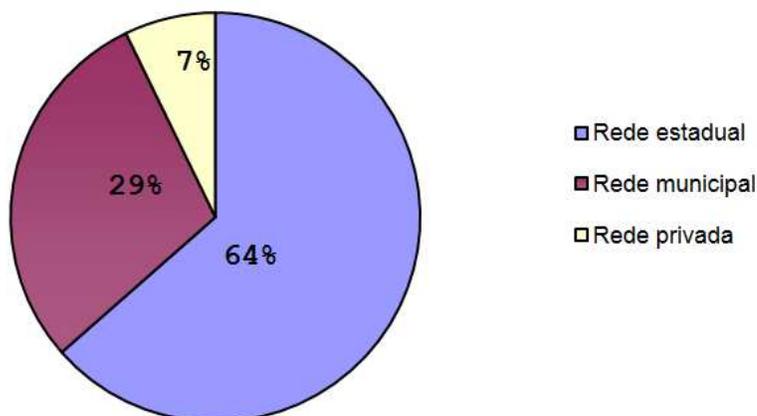


Gráfico 03 - Fonte: Montagem da autora a partir de dados do INEP (2012). www.inep.gov.br.

A pontuação média das escolas públicas de Teófilo Otoni no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM foi 547.01 em 2010. Entre as escolas que tiveram participação de mais de 75% de alunos, a escola pública de Minas Gerais com maior pontuação obteve 726,42 e com menor, 472,72. (INEP, 2012)

Matrículas no ensino regular. Ensino Médio. Teófilo Otoni. 2011

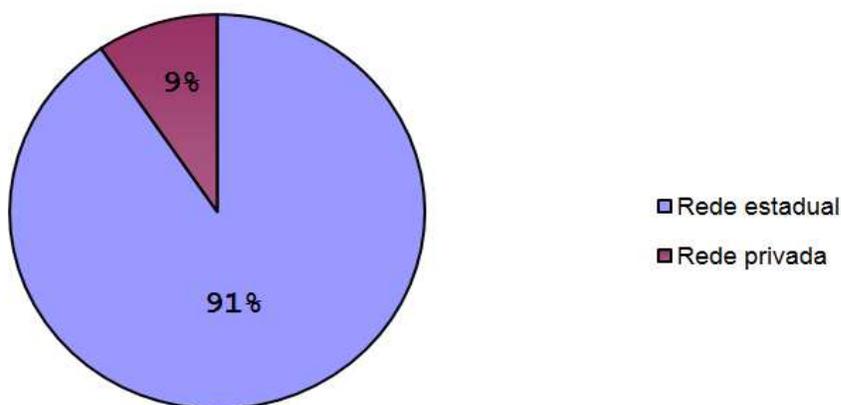


Gráfico 04 - Fonte: Montagem da autora a partir de dados do INEP (2012). www.inep.gov.br.

Pela leitura dos gráficos com dados extraídos do site do INEP (2012), constatamos que não se trata de ter dificuldades de acesso à educação básica, mas de melhorar a qualidade da educação ofertada pelo poder público municipal e estadual.

Quanto à oferta de educação superior, atualmente Teófilo Otoni vem se destacando como polo universitário do nordeste de Minas Gerais. Possui 09 instituições de nível superior: quatro privadas e uma pública federal [presencial]; três privadas e uma pública federal [à distância], com cursos em diversas áreas do conhecimento: Exatas, Ciências Humanas, Ciências Biológicas e Saúde, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Ciência e Tecnologia.

A oferta do serviço de educação superior se destaca em Teófilo Otoni. Esse serviço constitui-se em um dos principais fatores promotores do fluxo populacional na cidade e dinamizador da economia local. “A evolução do segmento educacional e sua diversidade, especialmente no ensino superior, apontam para a importância desse ramo, como dinamizador do setor terciário e da própria economia da cidade que, por sua vez, reitera seu alcance regional.” (FRANÇA, et al 2009, p. 53).

Entretanto, a promoção da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no território é incipiente. Para desenvolver um processo educativo alicerçado no tripé ensino, pesquisa e extensão, com qualidade, com vistas à excelência acadêmica, essas atividades demandam recursos humanos qualificados com, pelo menos, 1/3 de mestres e doutores em regime de dedicação integral como preconiza a LDB 9394/96. E, ainda, bibliotecas estruturadas, acesso a periódicos científicos, núcleos de pesquisa, entre outros. Tudo isso demanda um montante considerável de recursos financeiros. Assim, no território Teófilo Otoni, como afirma Silva (2008, p.04).

O que vimos historicamente é a inversão do público em favor do privado, ou seja, um desprivilegiamento das demandas oriundas dos grupos e movimentos populares em detrimento aos interesses dos grupos dominantes, o que pode explicar em grande medida os níveis de baixo desenvolvimento humano encontrado nesta região.

Vale ressaltar que a implantação, em 2006, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Campus Mucuri, em Teófilo Otoni, trouxe em seu bojo novos elementos que poderão contribuir para a transformação da ordem socioeconômica vigente. Por se tratar de uma instituição que tem como objetivo, entre outros, o compromisso com a promoção do desenvolvimento científico, socioeconômico e cultural, integrando ensino, pesquisa e extensão, vislumbra-se a possibilidade de

contribuir para o avanço social, cultural e econômico, não só do território teófilo-otonense, mas de todo Vale do Mucuri. De acordo com Silva (2008, p.04),

A implantação de uma Universidade Pública, na cidade de Teófilo Otoni, coloca a possibilidade real de pela primeira vez na história recente [...] e desta região, contribuir com a construção de práticas emancipatórias, tendo a educação como atividade central. Isto coloca grande expectativa em toda a população das adjacências de Teófilo Otoni, e por isto, impõe uma enorme responsabilidade aos sujeitos envolvidos neste processo.

Nessa direção, sobre a inserção da população de Teófilo Otoni, bem como do Vale do Mucuri na UFVJM – Campus do Mucuri, a pesquisa de doutoramento de Santos (2011) "A condição estudantil e juvenil dos jovens universitários da UFVJM", apresenta os seguintes dados:

Origem dos estudantes da UFVJM - Campus do Mucuri

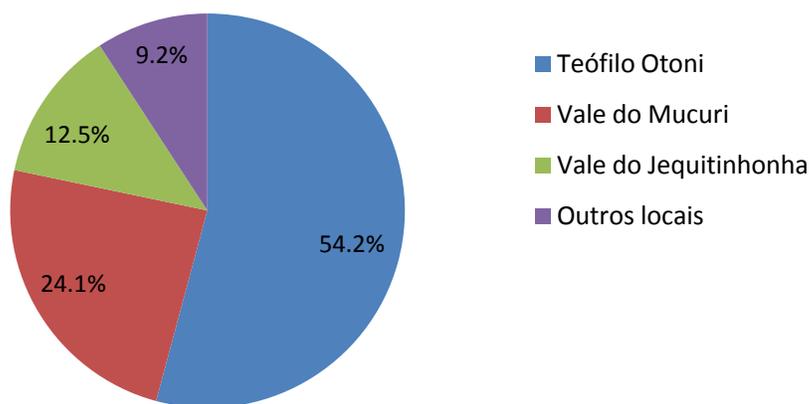


Gráfico 05 - Fonte: Montagem da autora a partir de dados apresentados por Santos (2011)

Como podemos observar no gráfico 05, a maior parte dos graduandos da UFVJM/Campus do Mucuri, são teófilo-otonenses. Assim, entendemos que a universidade pública tem o compromisso social de, por meio do oferecimento de uma educação de qualidade, contribuir para a formação da elite intelectual desse território, via cursos de graduação e pós-graduação alicerçados no tripé ensino, pesquisa e extensão e voltados para a promoção da justiça social e para a redução das múltiplas desigualdades presentes em Teófilo Otoni.

3.3 IMAGENS DA IDENTIDADE CULTURAL DO TERRITÓRIO TEÓFILO-OTONENSE.

Corroboramos a ideia de Bonnemaïson (2002, p.86) de que a cultura, atualmente, tende a ser compreendida como um sistema de representação simbólica, ou seja, como uma “visão de mundo”. Nesse sentido, o referido autor destaca que a “cultura é rica de significados porque é tida como um tipo de resposta, no plano ideológico e espiritual, ao problema do existir coletivamente num determinado ambiente natural, num espaço e numa conjuntura histórica e econômica colocada em causa a cada geração”.

Para Bonnemaïson (2002, p.92), o cultural aparece como face oculta da realidade, em outras palavras, o “espaço vivido”. Nessa perspectiva, o autor esclarece que “o papel da cultura fica então afirmado; o espaço é subjetivo, ligado à etnia, à cultura e à civilização regional.”

Na formação da identidade cultural de um povo, Bonnemaïson (2002, p.93) destaca a importância da etnia e do território. Para o autor, “o conceito de etnia é indispensável, porque fundamentalmente ligado ao conceito de área cultural”. Ou seja, “uma etnia existe, primeiramente, pela consciência que tem de si mesma e pela cultura que produz”. E sem etnia bem delineada, não pode existir cultura nem visão cultural, na visão de Bonnemaïson (2002).

Da existência da etnia e da sua cultura, provém a ideia de espaço-território, segundo Bonnemaïson (2002, p.96-97). Pois, de acordo com o autor, “a territorialidade emana da etnia, no sentido de que ela é, antes de tudo, a relação culturalmente vivida, entre um grupo humano e uma trama de lugares hierarquizados e interdependentes, cujo traçado no solo constitui um sistema espacial – dito de outra forma, um território.” Dessa trama de relações socioculturais, desse processo vivido, emerge a identidade cultural de um território. De acordo com Oliveira (2011, p. 01),

A identidade cultural é um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um processo dinâmico, de construção continuada, que se alimenta de várias fontes no tempo e no espaço.

Contudo, a autora referenciada sublinha que “como consequência do processo de globalização, as identidades culturais não apresentam hoje contornos nítidos e estão inseridas numa dinâmica cultural fluida e móvel”. A identidade cultural de Teófilo Otoni se enquadra nesse contexto, já que suas fronteiras foram alargadas, como afirma Oliveira (2011), pela intensificação das redes de comunicação que atingem os sujeitos de forma direta ou indireta.

A população teófilo-otonense é composta por diversas etnias - índios, negros, europeus (portugueses, germanos, franceses, italianos...) sírios, libaneses, entre outros. Devido a essas múltiplas etnias, o território herdou uma cultura diversificada. As manifestações culturais predominantes no território evidenciam que, na tentativa de garantir que a multiplicidade e a diversidade sejam preservadas, os diversos grupos sociais, cada um a seu modo e, suas condições sociais, procuram preservar suas tradições.

De herança europeia, principalmente germânica, na música, o gênero que se destaca em Teófilo Otoni é o erudito. Segundo informações da Divisão de Cultura da Prefeitura Municipal (TEÓFILO OTONI, 2011), existem ao todo 19 corais em Teófilo Otoni, destacando-se a Fundação de Arte Coral Paulo VI. O coral apresenta anualmente, em dezembro, o Concerto de Gala, evento de grande repercussão entre os apreciadores desse gênero musical.

A música clássica conta ainda com o Conservatório de Música Teófilo Otoni, contudo suas atividades são pouco acessíveis para adolescentes e jovens da classe popular devido aos valores das mensalidades.

As identidades, na contemporaneidade, como asseveram Vaz & Andrade (2011, p.07), “apresentam-se de formas variáveis, múltiplas, com inúmeras constituições possíveis, e são decididas pelos indivíduos, que transitam *livremente* por um mundo cada vez mais sem fronteiras claramente definidas”. Nesse sentido, encontramos em Teófilo Otoni manifestações culturais espelhadas na cultura de massa, que, no dizer de Morin (1977), é produto de uma dialética produção-consumo, no centro de uma dialética global que é a da sociedade em sua totalidade.

Nesse sentido, a “sensação musical” do momento em Teófilo Otoni, especialmente para o público jovem adolescente, é a banda de axé music denominada Mania de Toalha.



Figura 3 - Banda Mania de Toalha. 1° *Poupança Jovem Folia*. Teófilo Otoni. 2010
<http://projovemadolescente.blogspot.com/>

Ainda na perspectiva da cultura de massa, pautada na comercialização, consumismo e lógica do mercado, ou seja, seguindo os ditames capitalistas que, segundo Morin (1977, p. 17) é destinada a um “aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade”, com relação à música, destacamos o evento denominado Teofolia. Trata-se de uma micareta fechada, realizada anualmente. São 03 dias de axé com apresentação de artistas nacionais e locais. Os preços praticados pelos promotores do evento são bastante elevados, considerando a renda per capita da população, fato que dificulta o acesso dos jovens adolescentes das classes populares.

De acordo com Canclini (1998), a cultura de massa não acabou com as culturas culta e popular, mas se integrou a elas dando origem à cultura híbrida¹⁵ na sociedade pós-moderna. Para o autor, “o mundo pós-moderno não concebe essa divisão rígida

¹⁵ De acordo com Canclini (1998), cultura híbrida refere-se a todas as formas de manifestações culturais e que não comporta mais os rótulos de culto, popular e massivo. Para o autor, o processo de hibridização cultural coloca no mesmo plano as diversas manifestações da cultura contemporânea rompendo, assim, as fronteiras estabelecidas pela lógica da modernidade.

entre as culturas na época da globalização, em que as identidades fixadas em elementos únicos de uma comunidade étnica ou nacional se tornam instáveis” (CANCLINI, 1998, p. 15).

Esse processo de hibridização cultural [mistura de elementos da cultura culta, popular e massiva] colocado por Canclini (1998) ocorre em Teófilo Otoni, ou seja, conseguimos visualizar no território manifestações tanto da cultura culta quanto de massa e popular.

Com relação à cultura popular, encontramos no território diversos artistas: artesãos, instrumentistas, cantores e compositores regionais, entre outros, conhecidos em nível nacional e internacional. Entre eles, destaca-se o cantor e compositor Pereira da Viola, um teófilo-otonense da comunidade remanescente do quilombo rural São Julião.

Herdadas dos baianos e outros estados do nordeste brasileiro, acontecem em Teófilo Otoni, anualmente, as festas juninas - os “Arraiá” - na zona urbana, distritos e comunidades rurais, visando resgatar a cultura popular e valorizar as tradições. Também são realizadas festas juninas em diversas comunidades católicas e escolas com a finalidade de angariar recursos.

Outras modalidades de danças também estão presentes no território. De acordo com levantamento realizado pela Divisão de Cultura, Teófilo Otoni possui os seguintes tipos de dança, entre outras: capoeira, hip hop, samba, balé, dança do ventre, dança de rua. Contudo, essas modalidades são praticadas, principalmente, nas academias privadas de ginástica e dança, dificultando, assim, o acesso das classes populares a essa atividade cultural, não se caracterizando como manifestação cultural própria do território.

Nas artes plásticas, mais especificamente a pintura, várias personalidades se destacam em Teófilo Otoni. Na perspectiva de favorecer o desenvolvimento e valorizar a classe artística local foi criado, em 1990, o Instituto de Artes Almeida Júnior, onde são ministradas aulas de pintura em tela, desenho artístico, industrial e publicitário, projeção em perspectiva, caricatura, cartum e outras.

Na arte literária, destaca-se a criação da Academia de Letras de Teófilo Otoni, cujo patrono é o teófilo-otonense [filólogo e gramaticista] Celso Cunha, imortal da

Academia Brasileira de Letras. A entidade foi criada com o objetivo de, entre outros, realizar estudos e pesquisas sobre literatura local e regional. Nesse sentido, entre outras atividades, realiza anualmente a Feira de Livros de autores da terra e a tradicional “Noite Café-com-Letras” com recital de poesias e lançamento da Revista Café-com-Letras (CAFÉ-COM-LETRAS, 2009).

Nas artes cênicas, Teófilo Otoni conta com o Teatro Vitória, maior palco de teatro do território, com apresentações regulares. Atualmente vários grupos de teatro amadores e profissionais atuam em Teófilo Otoni. Entretanto, conforme Santos (2009, p. 04), “o gênero produzido é predominantemente comédia, geralmente sem reflexão social ou compromisso para o desenvolvimento da arte e cultura local e regional”.

Todavia, a manifestação cênica mais tradicional em Teófilo Otoni é a representação da Paixão de Cristo, realizada pela Associação Cultural de Teófilo Otoni, um evento que, em 2011 completou 40 anos.

Quanto à sétima arte - o cinema - no território já existiram várias casas cinematográficas, sendo que a maior delas, o Cine Palácio, com capacidade para 1200 pessoas, foi fechada em 2007.

O artesanato, apesar de não ter identidade própria, isto é, não ser reconhecido como originalmente de Teófilo Otoni, com exceção para os artefatos de pedras semipreciosas, é expressivo. A Associação dos Artesãos de Teófilo Otoni – AATO e a Associação de Arte e Artesanato de Teófilo Otoni – ARTEFATO realizam, aos domingos, a Feira de Artesanato. Destaca-se o trabalho em couro, madeira, cipó, cerâmica, tapeçaria, culinária artística, bordados, crochê e outros.

O status da leitura, como prática social imprescindível na atualidade, é baixo no território, especialmente em relação à existência de bibliotecas públicas. Enquanto que no país sua abrangência foi alargada nos últimos dez anos, segundo a MUNIC (2009), em Teófilo Otoni existe uma biblioteca pública municipal que, além de carecer de atualização e enriquecimento do seu acervo, está localizada às margens da BR 116, localização imprópria para acesso do público infanto-juvenil.

Em Teófilo Otoni encontramos diferentes linguagens artísticas e expressões culturais. Porém, a escassez de equipamentos culturais é acentuada; cinema, teatros, museus, shows musicais, eventos esportivos, bibliotecas são acessíveis para uma

parcela pequena da sociedade. Para os moradores da periferia e da zona rural, eles praticamente não existem.

Pelo exposto, para os grupos sociais das classes mais favorecidas economicamente, os descendentes dos pioneiros e colaterais, especialmente as pessoas com mais idade, há evidências de uma forte identidade territorial ou sentimento de pertencimento e exaltação do território teófilo-otonense. Fato que podemos visualizar por meio dos textos publicados no nº 07 da Revista Café-com-Letras (2009, p. 22), com a temática “A cidade de Teófilo Otoni: cantos, encantos e recantos”. Entre os vários textos, selecionamos uma estrofe da canção *Teófilo Otoni, meu amor, minha paixão* de autoria de Nelson Coelho de Oliveira:

Teófilo Otoni, te dou minha paixão,
Mais forte que a morte é o meu amor por ti.
Teófilo Otoni, quero morrer aqui,
Dormir no teu abraço, descansar,
Dormir, dormir... (bis)

Na perspectiva de fortalecer esse sentimento de pertencimento, bem como valorizar o território teófilo-otonense, preservar as tradições, manter viva a memória de Theophilo Benedicto Ottoni [e outros personagens que contribuíram para o desenvolvimento local], foram criados o Instituto Histórico e Geográfico do Mucury - IHGM e a Associação dos Filhos e Amigos de Teófilo Otoni – AFATO. Estas associações promovem eventos sociais e culturais que ressaltam a identidade dos teófilo-otonenses, realizam pesquisas, produzem e divulgam obras sobre a história do território.

Na identidade cultural de Teófilo Otoni, alguns símbolos materiais sobressaem. Entre eles, destacamos a Praça Germânica e o Panteon. A praça é composta por um conjunto arquitetônico onde se encontra o monumento ao colono, erguido em homenagem aos imigrantes alemães que se estabeleceram em Teófilo Otoni.



Figura 4 - Praça Germânica. <http://www.descubraminas.com.br/turismo/>

O Panteon, localizado na Praça Tiradentes, é um monumento que contém os restos mortais e a estátua de Theofillo Benedicto Ottoni, o fundador de Teófilo Otoni.



Figura 5 – Panteon. Praça Tiradentes. <http://www.panoramio.com/photo/51680059>.

Esses símbolos estão incorporados à identidade cultural dos teófilo-otonenses pois, como afirmam Souza & Pedon (2007, p.132),

Os símbolos, imagens e aspectos culturais são na verdade, valores, talvez invisíveis, endogenamente falando, que para a população local materializa uma identidade incorporada aos processos cotidianos dando um sentido de território, de pertença e de defesa dos valores, do território, da identidade, utilizando-se das vertentes político-cultural, que na verdade são relações de poder e defesa de uma cultura adquirida ou em construção.

Segundo Raffestin (1993), o território pode ser analisado a partir de relações de poder, mas também como palco de ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço, encontramos em Teófilo Otoni uma identidade cultural híbrida (CANCLINI, 1998) em que a herança europeia sobressai tornando periféricas as culturas indígena e negra, com predominância da cultura de massa. Assim, Teófilo Otoni pode não ter uma identificação cultural própria tão expressiva quantos outros territórios.

Por conseguinte, para a população desfavorecida social e economicamente e que não tem acesso aos bens e equipamentos culturais existentes no território, especialmente a adolescência/juventude, há indícios de que esta possui uma frágil identificação com o território. Essa questão será objeto de discussão no capítulo III, momento em que analisaremos o discurso dos adolescentes sobre o território teófilotonense.

Visando identificar as possibilidades presentes no território que favorecem a redução das suas desigualdades sociais e econômicas, ou seja, o seu capital social, consideramos necessário elencar, especialmente, aquelas que dizem respeito diretamente à adolescência/juventude.

3.4 IMAGENS DO CAPITAL SOCIAL DO TERRITÓRIO TEÓFILO-OTONENSE.

As diferentes formas de organização da sociedade, em forma de rede, caracterizam o que Putnam (2007) denomina de Capital Social. Em um território encontramos diferentes formas de organização ou redes sociais: sindicatos, cooperativas, associações diversas, ONGs, movimentos étnicos, gênero, entre outros, possuindo grande potencial para desencadear um processo de desenvolvimento local.

Para que aconteça a coesão das redes sociais e conseqüentemente a formação do capital social para potencializar o desenvolvimento local, Putnam (2007) esclarece que se torna necessário o crescimento dos níveis de confiança, cooperação, ajuda mútua e organização social, ou seja, se constituírem redes de solidariedade e de ajuda mútua entre as pessoas de um determinado território.

Nessa direção, Abramovay (2000, p.05-06) ressalta que “a acumulação de capital social é um processo de aquisição de poder e até de mudança na correlação de forças no plano local”. Assim, quanto maior a capacidade das pessoas de se associarem em torno de objetivos comuns, ou seja, quanto maiores os indicadores de organização social, melhores serão as condições de desenvolvimento de um território.

Teófilo Otoni conta com diversas redes sociais: entidades e movimentos sociais em diversas áreas. Para fins deste trabalho, focaremos algumas entidades e/ou movimentos que tenham como foco a adolescência/juventude.

Destacamos, inicialmente, as entidades de cunho socioeducativo presentes no território. Sobressai a atuação da ONG Aprender Produzir Juntos - APJ. Trata-se de uma associação civil sem fins lucrativos, criada em 1984, por iniciativa do Padre Lisa Giovanni Batista, um sacerdote italiano, então pároco local. A APJ pode ser citada como exemplo de equipamento social que, como aborda Araújo (2008, p.03),

o ato de empoderar pode ser visto como um fator determinante no desenvolvimento de capital social, principalmente no que se refere à constituição de projetos coletivos no conjunto de uma comunidade ou de instituição, bem como no despertar do senso de responsabilidade, de solidariedade e de cooperação.

O Padre Giovanni, como é popularmente conhecido, criou a APJ juntamente com membros da comunidade de Vila Verônica, atual Bairro Teófilo Rocha, na periferia da cidade, sendo a maioria jovens. Preocupados com a situação social e econômica em que viviam, sentiram a necessidade de criar alternativas de trabalho e renda, sobretudo para a juventude, conforme consta no Projeto de Acompanhamento de Internos, Egressos e Família (APJ, 2008). Assim, “a juventude das favelas e periferias da cidade foi convidada a construir sua cidadania através do trabalho, tendo como objetivo primeiro a formação humana, profissional e cooperativista, nunca excluindo os adultos” (APJ, 2008, p.05).

Nessa perspectiva, “foram criados os primeiros setores de produção e serviços: marcenaria e lapidação, confecções, malharia, serigrafia, publicidade, serralheria, tornearia, mecânica de auto, joalheria, artesanato mineral, padaria, capotaria e bijuteria” (APJ, 2008, p.05). Com base nos princípios cooperativistas, foi criada (legalmente) em 2002 a CooAPJ - Aprender Produzir Juntos – CooAPJ.

A APJ (2008) executa outros projetos: APJ CID – Centro de Inclusão Digital, APJ Fazenda Itamunhec, Família Solidária, Projeto Escola da Fábrica, Projeto Acompanhamento de Egressos e Família, Central APJ de Comercialização Solidária, Banco Popular Solidário, Programa Agente Jovem e APJ Casa do Adolescente. Este último atende aproximadamente 600 adolescentes, com idade entre 09 a 16 anos, através de oficinas pedagógicas: complementação e reforço escolar, trabalhos manuais [pré-profissionalizante], pintura, artesanato, recreação, informática, esportes, entre outros.

Outro equipamento social, importante no território, é o Centro de Acolhimento e Defesa da Criança e do Adolescente, mais conhecida como “O ninho” [creche], “Casa das Meninas” e “Casa Lar dos Meninos” [ambas para adolescentes]. Trata-se de uma instituição filantrópica criada no início dos anos 80 pela irmã Clarissa Franciscana Zoé da Cunha Menezes. A entidade chega a abrigar cerca de 150 crianças e adolescentes que vivem na instituição aguardando adoção ou por decisão judicial. O Centro acolhe crianças e adolescentes provenientes de todo o Vale do Mucuri e compõe uma rede de solidariedade juntamente com a APJ, CMDCA e outros.

O território possui o Conselho Municipal da Juventude, que mobiliza atualmente diversos segmentos da sociedade civil em torno do Pacto da Juventude de Teófilo Otoni, lançado em 2011. Esse pacto consiste em uma série de atividades de caráter social, cultural, educacional e de formação política voltada para o segmento juvenil de Teófilo Otoni tendo como parâmetro tornar o jovem sujeito de direito de sua própria história, preparando-o, assim, para o pleno exercício da cidadania.

No caso do Pacto pela Juventude, citado anteriormente, como sugere Araújo (2008, p.02), o uso do conceito de capital social pode ser compreendido como uma realidade em que diversos segmentos sociais trabalham cooperando entre si, partindo do pressuposto da busca do bem comum e da confiança recíproca.

Nessa mesma ótica, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA [Regulamentado em 2007] é outra organização social existente no território que, entre outras atividades, estabelece as diretrizes para destinação e captação de recursos através do Fundo Municipal da Infância e Adolescência de Teófilo Otoni – FIA-TO.

Araújo (2008, p.03) esclarece que se faz necessário, também, nesse processo de construção do capital social, desenvolver o empoderamento¹⁶ dos jovens. A autora alerta para a necessidade de “não só trazer os jovens para a esfera da participação ou possibilitar o seu acesso a discussões, mas, sobretudo, levá-los ao questionamento das estruturas de poder que se configuram no seu cotidiano”, como, por exemplo, os dados da Campanha Nacional contra a Violência e Extermínio de Jovens em Teófilo Otoni, no corrente de 2011. A referida campanha esclarece que, de acordo com o Instituto Médico Legal - IML de Teófilo Otoni (2011), no ano de 2005, a cidade registrou 77 casos de assassinatos [o maior índice da década], sendo a maior parte deles relacionados com o tráfico de droga. No ano de 2009, o IML registrou 62 casos de homicídio na cidade. Destes, 56,5% foram jovens na faixa etária de 15 a 29 anos.

A realização de pesquisas e, conseqüentemente, o desvelamento das mazelas a que estão sujeitos os jovens em um determinado território, como os índices de violência em Teófilo Otoni requer, conforme nos esclarece Silveira (2006, p.261),

relacionar a noção de empoderamento à proposta de construção de capital social na juventude sugere a necessidade de realizar práticas de intervenção na realidade como forma de reverter o sentimento de apatia e o comportamento de repúdio em relação à vida política. Assim, requer a promoção de processos de socialização política, objetivando possibilitar aos jovens acesso a noções sobre direitos, cidadania e engajamento cívico em atividades coletivas e solidárias.

Vale ressaltar que, na visão de Putnam (1996), relacionar o conceito de empoderamento com os jovens não significa apenas inseri-los nas discussões em torno

¹⁶ Para Silveira (2005, p. 82), o termo empoderamento “refere-se a um processo que visa fortalecer a autoconfiança de grupos populacionais desfavorecidos, com o propósito de capacitar indivíduos para a articulação de interesses individuais e comunitários na busca do bem comum. Assim, busca dotar os indivíduos de autonomia e de capacidade de intervenção na realidade de modo a lhes permitir uma vida autodeterminada e auto-responsável nos processos de participação, discussão e decisão”.

da participação, mas, especialmente, conduzi-los ao questionamento das estruturas de poder presentes em um território.

O empoderamento, com vistas ao favorecimento do capital social, pode ser promovido, como esclarece Putnam (1996), por ONGs, movimentos sociais, entre outros. Nessa direção, a União Estudantil de Teófilo Otoni – UETO é uma sociedade civil sem fins lucrativos, de caráter representativo, assistencial e cultural que congrega e representa o conjunto dos estudantes secundaristas e universitários de Teófilo Otoni. Possui sede própria e é reconhecida como entidade de Utilidade Pública.

A UETO se destaca por desenvolver trabalhos voltados, especialmente, para a criação e organização de grêmios estudantis por reconhecer que estes são a base de todo o Movimento Estudantil, mas também palestras, campanhas, entre outras atividades (UETO, 2011). Com 57 anos de existência [fundada em 1954], a associação representa politicamente 41.962 mil estudantes (UETO, 2011).



Figura 6 - UETO. Campanha de criação de grêmios nas escolas (2012).

Pelo exposto, vale esclarecer que utilizamos nesta dissertação o conceito de capital social, de acordo com a visão de Putnam (1996), dando ênfase às redes sociais, cooperativismo e associativismo. Para o autor citado, o capital social é um bem público. Ao advogar em favor do capital social como um bem público, o autor enfatiza, principalmente, a importância da confiança e da reciprocidade entre as pessoas. Para

ele, o capital social diz respeito aos aspectos da organização social, isto é, das redes sociais e das normas de reciprocidade e de confiança, que facilitam a coordenação e a cooperação para benefício mútuo.

Na perspectiva defendida por Putnam (1996), apesar de o capital social de Teófilo Otoni vir se acumulando no decorrer de sua história, este ainda pode ser considerado insuficiente para promover o desenvolvimento socioeconômico e cultural local, especialmente no que tange as demandas relacionadas à adolescência/juventude. Haja vista que o território possui 47.397 jovens na faixa etária de 10 a 29 anos de acordo com o IBGE (2010) [vide tabela 01] e um número incipiente de redes sociais de cunho socioeducativo, solidariedade ou de ajuda mútua como cooperativas, associações comunitárias, movimentos étnicos, gênero, entre outros.

Diante desse contexto social, consideramos pertinente relatar alguns programas financiados pelo estado, direcionados para a adolescência/juventude, que estão presentes no território teófilo-otonense. São eles: Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI [parceria federal/municipal], Pró-jovem Adolescente [parceria federal/municipal], Poupança Jovem [parceria estadual/municipal] e Pró-jovem trabalhador [parceria estadual/federal].

Além de relatar, consideramos necessário questionar: em que medida as atuais políticas públicas para a juventude no Brasil e, particularmente, os programas acima citados e em desenvolvimento em Teófilo Otoni, contribuem para o empoderamento dos jovens de origem popular no território teófilo-otonense?

Navarro & Soares (2007, p.05) destacam que há necessidade de, ao elaborar políticas públicas para a juventude, considerar que,

o jovem, mesmo aquele considerado vulnerável socialmente, não é uma “homogeneidade” cujo vetor principal é a inserção no mundo dos economicamente produtivos; tampouco constitui uma perfeita unidade do ponto de vista sócio-cultural. A necessidade de consideração da diversidade ao se falar de juventude é imperativa para o sucesso de uma ação política conduzida pelo Estado.

Além da questão diversidade, há que se refletir sobre um fator de importância capital: a emancipação do jovem através dessas políticas. Referindo-se ao Pró-jovem, Navarro & Soares (2007, p.08) ressaltam o caráter assistencialista do programa. Entretanto, as autoras esclarecem:

O caráter emergencial/assistencial do Programa é perfeitamente justificável pela demanda existente e pelas condições socioeconômicas desses jovens, predominantemente muito precárias, o que os torna “candidatos naturais” à marginalidade social e alvos fáceis para o submundo das drogas e do crime organizado.

Em Teófilo Otoni, como relatam as autoras referenciadas, o público-alvo do *Pró-jovem Adolescente* são jovens cujas famílias são beneficiárias do programa Bolsa Família, bem como em situação de risco pessoal e social, na faixa etária de 15 a 17 anos. O programa focaliza o fortalecimento dos laços familiares e comunitários, bem como o retorno dos adolescentes à escola e sua permanência no sistema escolar. Oferece, ainda, oportunidades para o desenvolvimento da capacidade comunicativa e inclusão digital.

O trabalho é realizado pela APJ, desde 2009, na Casa do Adolescente. São beneficiados, aproximadamente, 800 adolescentes da cidade e alguns distritos por meio de atividades estimuladoras da convivência social, participação cidadã e formação para o trabalho. As atividades são desenvolvidas por meio de oficinas, atividades artísticas, culturais, esporte, lazer.

Pelo exposto, conforme relatam Navarro & Soares (2007, p.08), o que transcende o caráter emergencial e assistencial do Pró-jovem “são os objetivos de formação geral integrada, qualificação profissional e engajamento cívico, que ensejam o desenvolvimento de ações educativas formadoras de uma consciência crítica, voltada para a emancipação social”.

Pelo Decreto nº 44.476/2007, o governo do Estado de Minas Gerais instituiu o Programa Poupança Jovem. De acordo com o citado decreto, são objetivos do programa:

- I - oferecer aos beneficiários a oportunidade de desenvolvimento humano e social;
- II - aumentar a taxa de conclusão do ensino médio;
- III - reduzir os índices de criminalidade entre os jovens. (MINAS GERAIS, 2007, p. 01)

De acordo com Correia (2010, p. 05), os objetivos do programa Poupança Jovem,

justificam-se pela necessidade de rompimento do ciclo de pobreza, entendida como possível de ser realizada a partir de políticas sociais que vão além do assistencialismo. Com o Programa Poupança Jovem, busca-se implementar uma política social emancipatória, que muna os jovens dos insumos

necessários para gerar renda. Os esforços do programa concentram-se em municípios que apresentam índices mais significativos de vulnerabilidade social, principalmente entre a população jovem.

Sob esse prisma, o programa visa atender alunos matriculados na 1ª série do Ensino Médio, com idade máxima de 18 anos, das escolas participantes da rede pública estadual. O público-alvo do programa são os jovens das áreas de alto risco social. Os jovens recebem uma poupança de R\$ 3.000,00 após conclusão do ensino médio. Para receber a poupança, o estudante necessita frequentar regularmente as aulas, ter bom desempenho escolar e, principalmente, não se envolver em ações antissociais ou criminosas. Em Teófilo Otoni estão sendo atendidos, aproximadamente, 2.900 estudantes da 1ª série (2009) e 2ª série (2010).

A metodologia de trabalho do programa prevê acompanhamento do rendimento escolar dos alunos, oferta de eventos culturais, cursos técnicos profissionalizantes, inclusão digital e de línguas estrangeiras, além da prática de esportes e formação de lideranças comunitárias.

Constam, ainda, no programa, as atividades denominadas Giro Jovem. São encontros realizados durante os 03 anos de duração do programa para discutir temáticas como: sexualidade, cidadania, globalização, mercado de trabalho, formação profissional, entre outras, que são consideradas importantes para o desenvolvimento pessoal do jovem e a construção do seu projeto de vida, por meio de dinâmicas, debates, leituras e outros.

A inclusão e a permanência de crianças e adolescentes no mercado de trabalho apontam evidências da deficiência e/ou ineficiência das políticas públicas nas áreas de educação, saúde, habitação, cultura, esporte, entre outras e revelam a alta vulnerabilidade social a que estão submetidos esses sujeitos.

Com o objetivo de, entre outros, “retirar crianças e adolescentes de 7 a 15 anos de idade do trabalho considerado perigoso, penoso, insalubre ou degradante” (PETI, 2004), o governo federal criou e executa, em parceria com a Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni/ Secretaria de Assistência Social, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI. Em Teófilo Otoni, o programa beneficia aproximadamente 800 crianças e adolescentes.

As condicionalidades exigidas pelo PETI são: frequentar a escola e a jornada ampliada - num período as crianças/adolescentes devem ir para a escola e, no outro, participar das ações realizadas na jornada ampliada, com atividades de reforço escolar, esportivas, culturais, artísticas e de lazer.

As famílias das crianças/adolescentes participantes do PETI recebem a bolsa Criança Cidadã, mensalmente, no valor de R\$ 25,00 ou R\$ 40,00 [de acordo com a classificação do município] para cada filho que for retirado do trabalho.

O programa considera a centralidade da família, conforme previsão da Cartilha PETI (PETI, 2004), trabalhando por meio de ações socioeducativas e de geração de emprego e renda que contribuam para o processo de emancipação e inclusão social, tornando os beneficiários protagonistas de seu próprio desenvolvimento social.

No entanto, vale destacar, conforme afirma Zadra (2008, p. 91), em sua dissertação *Trabalho Infantil: Contextualização e Análise Comparativa das Avaliações do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI*:

O PETI propicia condições às crianças e aos adolescentes atendidos de acessarem a bens e serviços, em especial ao direito à educação, garantindo-lhes também alimentação. No entanto, ao serem desligados do Programa questiona-se sobre as alternativas propostas às famílias nessa situação, pois o caráter assistencialista do Programa dificulta a emancipação das famílias.

A pesquisadora citada ressalta que, levando em consideração os limites e desafios em termos metodológicos e estratégicos para a inclusão social e escolar de crianças e adolescentes envolvidos em situação de trabalho infantil, considera-se o PETI um programa inovador e ousado no sentido de articular políticas afins, educação e assistência social.

Outro programa em andamento em Teófilo Otoni é o *Pró-jovem Trabalhador – Juventude cidadã* e, como o próprio nome sugere, tem como objetivo oferecer à população na faixa etária de 18 a 29 anos oportunidades preparatórias para o mercado do trabalho e ocupações alternativas geradoras de renda, por meio de cursos de qualificação de 450 horas. Dessas, 200 horas de formação básica com disciplinas de cidadania, informática, empreendedorismo, gestão, Matemática e Português e 250 com as aulas específicas de cada curso, com parte teórica e prática.

O Pró-jovem Trabalhador é desenvolvido em parceria com os governos federal e estadual, por meio da Secretaria de Estado Extraordinária para o Desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e do Norte de Minas – SEDVAN e do Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais – IDENE e os municípios, financiado com recursos do Governo do Estado e Federal.

O público-alvo do Pró-jovem Trabalhador são jovens desempregados, cujas famílias tenham *renda per capita* de até meio salário mínimo. Os participantes recebem um auxílio mensal de R\$ 100,00, durante seis meses, mediante comprovação de frequência mínima de 75% no curso. Em Teófilo Otoni são ao todo 15 turmas, totalizando 535 alunos, distribuídos em diversos cursos: pedreiro, eletricista, madeirameis, serviços pessoais, mecânica de motos, administração, paisagismo, alimentação, turismo e hospitalidade.

Analisando a implementação do Pró-jovem Trabalhador no Rio de Janeiro, Deluiz (2010, p. 01), verifica os avanços e as continuidades do programa no contexto das diretrizes oriundas do banco mundial para as políticas de juventude. Os achados da pesquisadora indicaram que as ações educativas implementadas pelo Pró-jovem Trabalhador “guardam continuidade com as dos programas de qualificação profissional anteriores, mas há avanços no que diz respeito à integração das políticas direcionadas aos jovens e ao controle sobre a verba pública”. Deluiz (2010, p. 01) esclarece ainda:

Diante das recomendações dos organismos internacionais, torna-se imprescindível enfrentar o desafio de propor alternativas às políticas de qualificação profissional que levem em consideração as exigências da produção contemporânea e os interesses dos protagonistas principais: os jovens trabalhadores.

Tomando como referência os programas elencados, concordamos com Deluiz (2010) que as políticas públicas, especialmente aquelas direcionadas ao público juvenil, não são mero reflexo das normas e orientações ditadas pelos organismos multilaterais, mas resultantes de opções e decisões políticas e de um projeto de sociedade em que forças sociais e políticas com diferentes interesses buscam hegemonia.

Vale esclarecer que não foi nossa intenção analisar a eficácia dos programas relatados e em implementação em Teófilo Otoni, pois esse não foi um objetivo proposto para esta investigação. Pretendíamos apenas verificar as oportunidades oferecidas pelo

território ao público juvenil que poderiam contribuir para a construção dos seus projetos de vida. Considerando que o território possui 23.866 jovens na faixa etária de 10 a 19 anos (IBGE, 2010), dessa população, em torno de 4.500, ou seja, aproximadamente 18%, estão sendo assistidos pelos programas PETI, Poupança Jovem, Pró-jovem Adolescente e Pró-jovem Trabalhador. Esse percentual revela [considerando os índices de pobreza, IDHM, renda per capita e outros] que ainda há uma enorme dívida social com a população juvenil no território teófilo-otonense.

Nossa leitura do território teófilo-otonense aponta para diversas limitações de ordem socioeconômica, política e educacional impostas aos sujeitos adolescentes de origem popular. Diante desse panorama e tomando como referência as reflexões sobre identidade cultural, capital social, bem como os programas sociais direcionados a esse público no território pesquisado, elencaremos a seguir reportagens ilustrativas veiculadas pela mídia, nos últimos anos, sobre os adolescentes do território estudado, discutindo-as. A nosso ver, essas são imagens que, resguardados os sensacionalismos, evidenciam a vulnerabilidade social a que estão submetidos os jovens adolescentes teófilo-otonenses pobres.

3.5 IMAGENS DA ADOLESCÊNCIA NO TERRITÓRIO TEÓFILO-OTONENSE.

*Sonhamos com um mundo melhor.
Sonhamos com dinheiro e sucesso.
Sonhamos com a liberdade:
Liberdade de expressão e pensamento
Liberdade de escolha.*

Mariane Duarte Miranda

A epígrafe citada é parte do poema Liberdade¹⁷, cuja autora é uma jovem adolescente teófilo-otonense estudante do ensino médio de escola pública. Como

¹⁷ Poema publicado na Revista Literária *Caminho das Letras*. Uma publicação da EE Dr Waldemar Neves da Rocha destinada a divulgar as produções dos alunos. Teófilo Otoni, a. VI, n. 06, nov/2010.

podemos constatar através da leitura dos versos citados, a adolescente expressa, com aparente lucidez, os sonhos da geração juvenil.

O primeiro verso, *Sonhamos com um mundo melhor*, sugere que, além da adolescente [nós sonhamos - sujeito desinencial], outros sujeitos, certamente aqueles de suas relações sociais - pares, familiares e outros - estão insatisfeitos com o atual contexto social. Mas em que sentido e aspectos?

Buscando respostas para esse questionamento, elencamos algumas notícias veiculadas pela mídia nos últimos anos sobre adolescência no território Teófilo Otoni, a título ilustrativo.

Mãe participa da morte de primogênito com ajuda de dois filhos adolescentes.

Juliano Pereira Rodrigues foi assassinado por dois irmãos com idade de 15 e 17 anos, a golpe de machado na cabeça. Após o crime os dois suspeitos levaram o corpo em carrinho de mão até o Rio Mucuri e o jogaram nas águas. O adolescente de 15 anos, irmão de Juliano Pereira Rodrigues, assumiu ter dado golpe certo de machado na cabeça da vítima, que dormia devido o tranquilizante dado pela mãe num copo de suco. Sem demonstrar sentimento algum de remorso, o menor comentou que estava jurado de morte pelo irmão mais velho, que ainda espancava a mãe para obter dinheiro para comprar drogas (...). (TEÓFILO OTONI NOTÍCIAS, 26/04/2011)

O acontecimento citado evidencia a vulnerabilidade social¹⁸ e conseqüentemente a impotência da família diante da complexidade da dependência química, bem como a omissão do estado.

Em Teófilo Otoni foi criado o Centro Socioeducativo São Cosme para internação de menores. A notícia que se segue evidencia a precariedade e fragilidade da segurança para os internos, funcionários do centro e adjacências.

Fugas e rebeliões constantes levam medo a vizinhos.

Neste ano houve cinco quebradeiras em Centro Socioeducativo de Teófilo Otoni.

¹⁸ Vulnerabilidade social como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores. (ABRAMOVAY, 2002, p.29)

Somente na semana passada foram duas rebeliões. Em uma delas, seis pessoas foram mantidas reféns dos menores. No mês passado, três adolescentes fugiram da instituição depois da visita dos jogadores do América – time local que disputava a primeira divisão do Campeonato Mineiro. A suspeita é de que o pai de um dos envolvidos teria ajudado na fuga. Desde janeiro, os moradores contabilizam cinco rebeliões. (HOJE EM DIA. 09/05/11).

O tráfico de drogas é outro grave problema que envolve os adolescentes teófilotonenses, como podemos constatar através das ocorrências policiais que se seguem.

Em Teófilo Otoni, adolescente é apreendido vendendo haxixe.

A Polícia Militar de Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri, apreendeu nesta sexta-feira, 7, um adolescente de 15 anos que estaria vendendo haxixe. Segundo a Polícia Militar, o garoto foi flagrado durante um patrulhamento de rotina em um local conhecido como ponto de venda de drogas, na rua Tulipas, no bairro Solidariedade. Os militares abordaram o adolescente e encontraram quatro porções da droga no bolso dele. O suspeito negou que estivesse vendendo o haxixe e contou aos policiais que havia acabado de comprar a droga por R\$ 40. (...) (O TEMPO ONLINE. 07/01/2011).

Polícia Militar apreende menores por tráfico de drogas em Teófilo Otoni.

Em 14 de junho do corrente ano, [...] na Travessa Euclides Moreira dos Santos, bairro Manoel Pimenta em Teófilo Otoni, um menor foi apreendido por tráfico de drogas. Policiais militares [...] depararam com um menor de 16 anos em atitude suspeita, sendo que ao ser procedida a devida abordagem policial, foi localizado 10 (dez) pedras de crack [...] Já em data de 15 de junho, [...] outro menor de apenas 14 anos foi apreendido com a mesma quantidade de drogas e um aparelho celular. Desta feita, o fato ocorreu na Rua Raul Rodrigues de Oliveira, bairro Teófilo Rocha. (AGÊNCIA ONLINE, 16/06/2011).

As duas reportagens referenciadas podem estar refletindo, através do narcotráfico, o que sugere o segundo verso do poema citado anteriormente - *Sonhamos com dinheiro e sucesso?*

O que dizer das notícias, a seguir, sobre o abandono e a discriminação infantojuvenil no território teófilotonense?

Italianos acolhem crianças rejeitadas por brasileiros.

Teófilo Otoni, [...] é a cidade mineira que tem o maior número de meninos e meninas adotados por estrangeiros. Das 280 crianças nascidas no Estado e levadas para lares do exterior nos últimos sete anos, 71 eram deste município, o que equivale a 25%. E a grande maioria apresentava um perfil normalmente rejeitado pelos brasileiros: negra e maior de 8 anos. O principal destino é a Itália – 78% das adoções do Estado, totalizando 220, desde 2004, foram feitas por italianos. Os franceses aparecem em segundo lugar, com 25 adoções – 8,9% do total. (HOJE EM DIA, 24/04/2011).

Moradora de rua é assassinada no centro de Teófilo Otoni.

Ainda se encontra sem identificação no Instituto Médico Legal (IML) de Teófilo Otoni o corpo de uma moradora de rua conhecida apenas por Tatiane, aparentando ter cerca de 17 anos. Ela foi morta por volta das 10h da manhã deste sábado no centro da cidade. (TEÓFILO OTONI NOTÍCIAS, 30/04/2011)

Vale ressaltar que apresentamos notícias ilustrativas e elas são, a nosso ver, imagens retratadas pela mídia que, resguardados os sensacionalismos, deixam transparecer a vulnerabilidade social a que estão submetidos os adolescentes teófilo-otonenses.

No verso *Sonhamos com a liberdade* - de expressão, pensamento e escolha - a estudante apresenta indicações de uma leitura da realidade social em que os jovens não são reconhecidos como parceiros sociais. Não são ouvidos, respeitados e valorizados. Nesse sentido, quais são as possibilidades de escolhas para os adolescentes teófilo-otonenses? Podemos dizer que a prostituição infanto-juvenil é simplesmente uma escolha?

Infância roubada

A impunidade alimenta uma rede de prostituição. Em Teófilo Otoni, quase divisa de Minas com a Bahia, a equipe do Fantástico percorreu a praça com uma câmera escondida. Uma mulher nos oferece o contato com uma garota de programa. A adolescente aguarda sentada a uma mesa, próxima a uma feira de artesanato, sem despertar suspeitas. Na conversa, ela revela a idade: 17. (FANTÁSTICO/REDEGLOBO, 02/01/2005).

A exploração sexual infantojuvenil é um grave problema em Teófilo Otoni. Algumas ações vêm sendo desenvolvidas pelo estado. Nesse sentido, é importante ressaltar o diagnóstico realizado por Vargas (2006, p. 130), pesquisadora do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública - CRISP, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, que aponta importantes contribuições para desvelar a gravidade do problema no território. A pesquisadora afirma:

Teófilo Otoni situa-se na BR-116, a Rio-Bahia, e também na confluência com outras rodovias estaduais e federais. Este fato constitui fator de risco permanente com relação à violência sexual, sobretudo exploração sexual e tráfico comercial de pessoas, principalmente de meninas adolescentes. Outros fatores de risco são as feiras de negócio de pedras e os garimpos situados nas proximidades do município concentrando homens e dinheiro.

Pelo fato de Teófilo Otoni ser entrecortado pela Rodovia Federal BR 116, conhecida como Rio-Bahia, e pela Rodovia Estadual BR 418, conhecida como Rodovia do Boi, bastante movimentadas, transformou o território em um corredor de passagem para o Sul da Bahia, o nordeste do Brasil e Norte do Estado do Espírito Santo. O movimento dessas rodovias contribuiu significativamente para o surgimento e proliferação do fenômeno da violência sexual [abuso e exploração comercial] infantojuvenil em Teófilo Otoni, como podemos ilustrar através da ocorrência policial:

A polícia investiga um suposto rapto de menores em Teófilo Otoni.

Três adolescentes contam que foram sequestradas no domingo e só foram libertadas na manhã desta terça-feira [...] em Belo Horizonte [...]. As adolescentes de 14, 15 e 17 anos contam que, no domingo, estavam a caminho da rodoviária de Teófilo Otoni, onde a mais velha iria pegar um ônibus. “Elas alegam que um Gol preto parou perto delas e dois homens perguntaram se desejavam carona. As meninas responderam que não, mas foram obrigadas pelos suspeitos a entrar no carro”, afirma o cabo do 34º Batalhão da PM. (PORTAL UAI. 2008)

Vale sublinhar que o fenômeno da exploração sexual infantojuvenil em Teófilo Otoni, não tem origem apenas nas margens da BR 116. A pesquisa de Vargas aponta que, apesar da BR 116 ser um dos pontos estratégicos, não é o único. A pesquisadora aponta, ainda, a chegada de muitos homens estrangeiros, de diversos países, durante o período de realização da FIPP.

Lendo o mapa elaborado por Vargas (2008), referente à área urbana do território, podemos identificar, no percurso das rodovias que cortam a cidade, os principais pontos de exploração sexual comercial infantojuvenil e, sobrepostos, o índice de vulnerabilidade social no território.

Pontos de prostituição (exploração sexual infantojuvenil) sobrepostos ao índice de vulnerabilidade social - Teófilo Otoni.

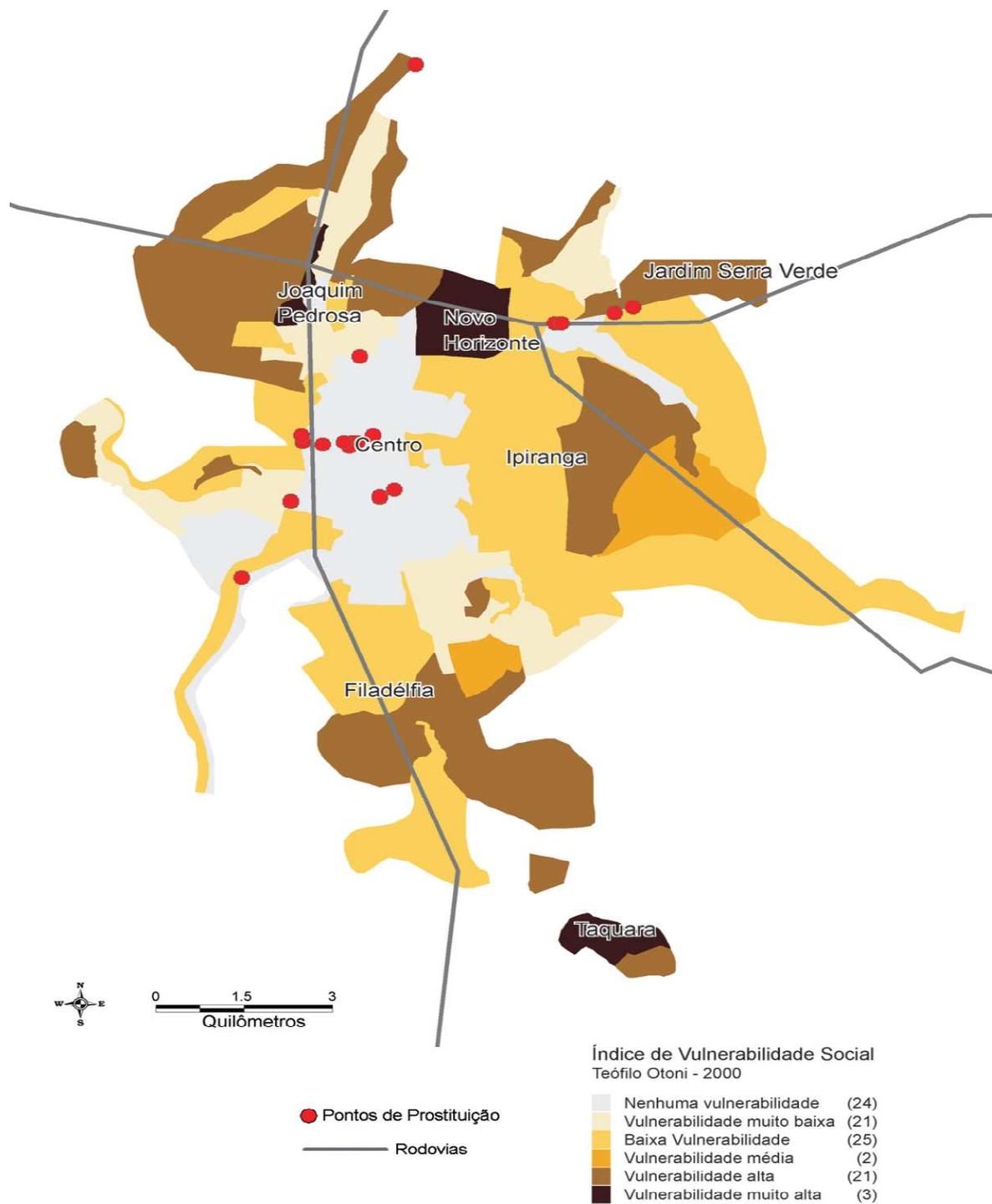


Figura 7 - Fonte: VARGAS, J. D. IBGE/CRISP/Programa Polos de Cidadania-UFMG. 2008.

No entanto, em outros pontos, principalmente no centro da cidade, conforme relata Vargas (2008, p. 142), são lugares de exploração sexual comercial.

No centro, estes pontos seguem ao longo da rua Francisco Sá, avenida Alfredo Sá, Praça da CEMIG (região conhecida historicamente como ponto boêmio e de prostituição da cidade), Praça Tiradentes e imediações, em alguns bares, lanchonetes (algumas com casas ao fundo, cujos quartos são alugados para fins de prostituição). A praça próxima ao Batalhão da PMMG e da BR-418 também foi indicada como local onde as “meninas fazem ponto”.

Depoimentos colhidos por Miranda (2006, p. 114) na BR 116, trecho Teófilo Otoni sentido Padre Paraíso e BR 418, transcritos em sua Tese de doutorado são alarmantes. Segunda a pesquisadora,

A relação entre a rodovia e o comércio sexual é tão intensa que, no imaginário local, ficar na BR é sinônimo de prostituição. Adriana disse que por vontade de sua mãe, ela não ficaria na BR. Se ela pudesse ajudar a gente, a gente não ficaria não. Muitas meninas daqui vão para a BR. Só que eu conheço, são umas 20. Tem 15, 16 e mais anos. Minha irmã Juliana tem 18. Já faz 4 anos que ela começou. (grifo da autora).

Vargas (2008, p.133) esclarece que os “baixos índices de renda e de educação são considerados os fatores que mais predispõem as famílias ao fenômeno do abuso e da exploração sexual infantojuvenil, visto que estas são mais vulneráveis a situações de violência e de violação de direitos”. Como podemos constatar pelos dados da pesquisa realizada por Miranda (2006).

Assim, entendemos que, para avançar na solução desse problema, faz-se necessário uma ação conjunta através de vigilância policial e das redes de proteção das famílias e das crianças/adolescentes socialmente vulneráveis e submetidas à exploração sexual, visto que, em muitos casos, a exploração sexual infantojuvenil constitui em única fonte de renda das famílias.

Esse contexto socioeconômico de privações diversas, exploração do trabalho infantil e sexual, precárias condições de vida, entre outras, a que estão sujeitos os adolescentes pobres do território Teófilo Otoni, distantes dos direitos fundamentais básicos [saúde, educação, lazer...], dificulta o processo de construção de um projeto de vida. Vários fatores apresentam-se como empecilhos para tirar os adolescentes da condição de vulnerabilidade social e trabalhar nas expectativas futuras desses sujeitos.

Estes estão preocupados em sobreviver e adquirir comida é a principal prioridade. Como pensar em projeto de vida nessas condições?

Um passo importante no processo de construção do projeto de vida é contextualizar a realidade em que o adolescente está inserido, o que significa identificar os condicionamentos sociais, econômicos, políticos e culturais que podem influenciar positiva ou negativamente na compreensão dessa realidade - as territorialidades vivenciadas, pois estas, segundo Gil (2004, p.07), são frutos das

relações econômicas, políticas e culturais, por isso, se apresenta de diferentes formas, imprimindo heterogeneidade espacial, paisagística e cultural. Para ele, territorialidade é uma expressão geográfica do exercício do poder em uma determinada área e esta área é o território.

Nesse sentido, e na esteira de Bock (apud OZELLA, 2003 p. 39), podemos afirmar que “(...) o que os jovens estão fazendo, como estão se comportando, deve ser compreendido como fruto das relações sociais, das condições de vida, dos valores sociais presentes na cultura, portanto, como responsabilidade de todos que fazem parte de um conjunto social (...), ou seja, produto das territorialidades, pois estas são, no dizer de Sack (1986, p. 275), “o pano de fundo do contexto geográfico”.

Voltando ao poema Liberdade e comparando a continuidade dos versos com o contexto atual a que estão inseridos os sujeitos adolescentes em Teófilo Otoni, as perspectivas futuras são pouco animadoras para uma parcela significativa dos jovens teófilo-otonenses, se tomarmos como referência o poema citado.

Verdadeiramente livres são aqueles
 Que não precisam sonhar,
 Que são fortes o suficiente
 Para transformar as circunstâncias que os oprimem
 Em seus projetos de vida.
 Aqueles que não se entregam
 As adversidades da vida.
 Se ficarmos sonhando enquanto a vida passa,
 Passaremos por ela sem sermos notados,
 Sendo apenas eternos prisioneiros dos nossos anseios.

À primeira vista, os versos sugerem que sonhar pode significar, para a adolescente autora do poema, sinônimo de fraqueza, impotência diante de um contexto social injusto. Entretanto, através dos versos *Que são fortes o suficiente, Para transformar as circunstâncias que os oprimem e Em seus projetos de vida*, a

adolescente apresenta elementos que demonstram a “garra” para lutar pelos objetivos de vida.

Contudo, a reflexão sobre o poema nos remete à necessidade de dar voz e vez aos adolescentes, educando-os na perspectiva do protagonismo juvenil. Assim, poderemos contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária com vistas ao favorecimento da construção adequada dos seus projetos de vida.

Vale ressaltar que, em razão das condições incertas e imprevisíveis em que vivem os adolescentes das camadas populares [uma realidade não apenas no território Teófilo Otoni], apesar das aspirações à ascensão social, como demonstra o verso *Sonhamos com dinheiro e sucesso*, os adolescentes revelam consciência das limitações que lhes são impostas.

Questionamo-nos se a angústia, a descrença evidenciada pela adolescente no poema é apenas de uma jovem ou de uma significativa parcela da população nessa faixa etária, silenciada pelas múltiplas formas de determinações impostas pelas relações de poder no território teófilo-otonense, sem liberdade de expressão, pensamento e escolha.

Para ilustrar nossa discussão, elegemos quatro histórias, quatro vidas, quatro jovens adolescentes teófilo-otonenses para compreendermos melhor a construção de suas territorialidades e de seus projetos de vida. Todos os nomes são fictícios a fim de preservar o anonimato dos jovens, conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que instituiu Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos.

4 TERRITORIALIDADES E PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS ADOLESCENTES TEÓFILO-OTONENSES.

Cada um dos nossos adolescentes vale mais do que todas as pedras preciosas e todas as jazidas do mundo.

Pe. Lisa Giovanni Batista

Para analisar os dados dessa pesquisa adotamos a análise interpretativa do conteúdo, técnica cujo ponto de partida “é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (FRANCO, p. 19, 2008). Mensagem que expressa, segundo a autora citada, necessariamente, um *sentido* e um *significado*.

Nesse sentido, Calil apud Vigotsky (2003, p.148) esclarece:

Todas as falas possuem um pensamento oculto por trás, um subtexto que, ao ser revelado, permite a compreensão do significado subjacente às palavras, revelador da base afetivo-volitiva do sujeito, ou seja, dos desejos, necessidades, interesses e emoções que geram seu discurso e que emergem no subtexto de sua fala.

Através da análise interpretativa do conteúdo buscamos descrever os sentidos e significados das mensagens e fazer inferências, tendo como referência os pressupostos da psicologia sócio-histórica e da abordagem territorial, com foco nas *personagens* [os adolescentes], tanto nas mensagens contidas nas entrevistas – *análise da palavra*, quanto nas rodas de conversas – *análise temática*.

Partimos das diversas falas produzidas pelos adolescentes com vistas à apreensão dos determinantes, relações e vínculos sociais, ou seja, das territorialidades que influenciam e/ou interferem no processo de construção dos projetos de vida dos jovens. Procuramos, ainda, estabelecer as relações entre a percepção que eles têm de si mesmos - como se percebem e se autoavaliam - e a confiança na construção e concretização dos seus projetos de vida.

4.1 IMAGENS DA ADOLESCENTE MARGARIDA

A vida cotidiana de Margarida, 16 anos, pode ser resumida em estudar, trabalhar ajudando a família na lavoura e atividades domésticas, assistir à TV e frequentar ocasionalmente a igreja. Ela não tem acesso a atividades culturais e esportivas, nem à rede mundial de computadores - internet. As formas que Margarida tem a seu alcance para obter informações são a escola e a televisão, utilizadas também, como fonte de entretenimento.

No que concerne à escola, a adolescente cursou as séries iniciais do ensino fundamental na escola rural da comunidade onde reside. Para cursar as séries finais e o ensino médio, transferiu-se para a cidade. Para tanto, passou a utilizar o transporte escolar. Margarida já fez recuperação e também já foi aprovada com progressão parcial¹⁹.

Apesar de enfatizar que não gosta de estudar, a adolescente reconhece a necessidade de frequentar a escola, concluir o ensino médio para concretizar seu projeto de vida, porque pretende continuar estudando para, posteriormente, cursar a faculdade de administração.

A família é, para Margarida, motivo de tensão e transtornos emocionais. A adolescente reclama que é “*muita presa*”. Por esse motivo pretende sair da casa dos pais quando completar 18 anos para conseguir independência [emocional e financeira]. Uma das principais queixas da adolescente é a falta de permissão dos pais para namorar e, por isso, namora secretamente e confessa que mantém relações sexuais com o namorado:

- *“Ah, isso aí é muito difícil, viu? Porque eu não posso falar [...], porque eu já fiz sexo, não sei se eu fui certa, se foi errado sei lá!*

Contudo, com relação ao casamento, Margarida declara que não está nos seus planos. A adolescente relata que os pais não aceitam o seu namorado negro:

¹⁹ Na progressão parcial o estudante é promovido para a série posterior, mesmo não sendo aprovado em todas as disciplinas da série em curso. A LDB nº 9394/96 não coloca limitações quanto ao número de componentes curriculares de aprendizagem e quanto ao tempo necessário. Será uma decisão da escola, consideradas as possibilidades do aluno e da instituição escolar.

- *“Por causa que lá em casa, tipo assim, ah, lá em casa eles (os pais) tem preconceito contra as pessoas mais escuras. Aí minha mãe, meu pai, já humilhou ele (o namorado) demais!”*

Margarida vive com os pais em uma pequena propriedade rural que pertence à família. Todos os membros trabalham na lavoura, inclusive a adolescente, após retorno da escola. Com a prática da agricultura, a família obtém renda média de um salário mínimo. Por atender aos critérios definidos pelo governo federal, a família é beneficiada com o programa bolsa família.

A adolescente declara que não pretende continuar trabalhando com os pais na zona rural. Margarida não percebe o seu trabalho na agricultura como uma fonte de renda. Para ela, a independência financeira virá através de *“um serviço”* - emprego com salário e carteira assinada. E, para conseguir alcançar seus objetivos, ela terá que migrar para a cidade:

- *Eu pretendo mudar porque lá (zona rural), pra você arrumar um serviço é muito difícil porque você tem que pegar uma condução pra vim, e a passagem é muito cara. Se você for arrumar um emprego, vão supor uma faculdade, não dá. Porque lá é muito longe (da cidade)!*

A narrativa supracitada nos permite inferir que Margarida não tem o desejo de permanecer no meio rural, pois o campo não lhe oferece as condições necessárias para a realização das suas aspirações pessoais e profissionais.

Quanto às atividades de lazer, Margarida reclama que os pais não a deixam livre para frequentar festas, divertir-se com amigos, por exemplo. E, para se distrair, assiste à TV. Quanto ao hábito de leitura como meio de entretenimento e informação, Margarida esclarece que gosta de ler *“mais ou menos”*. Sua preferência é por livros baseados em fatos reais e revista sobre TV ou celebridades (Contigo, Minha novela, entre outras).

Na relação com os pares, colegas de escola, alguns comportamentos de Margarida soam estranhos para o grupo. Alguns relatos pejorativos sobre a adolescente foram explicitados durante as reuniões roda de conversa, sobre os quais Margarida não demonstrou constrangimentos e ouviu as observações sobre ela sem contestar. Os

comentários do grupo sugerem que Margarida pode não ter bom relacionamento interpessoal com os colegas da classe, com indícios de rejeição por parte de alguns estudantes do grupo.

Margarida demonstra possuir baixa autoestima²⁰. Não está satisfeita com sua aparência, sua vida, acha-se feia. Entretanto, sua insatisfação vai além dos aspectos físicos. A adolescente não está satisfeita com sua vida, com seus pais, porque está sempre em conflito com eles e, por esses motivos, sente-se infeliz.

A adolescente vislumbra um futuro promitente no qual a formação universitária, como via para inserção no mercado de trabalho e conquista da autonomia financeira e independência, são os sonhos mais significativos para ela neste momento. As perspectivas futuras da adolescente são ingressar no ensino superior para obter qualificação profissional cursando a faculdade de administração, como via para obtenção de um emprego formal, bem remunerado para “aproveitar a vida” e posteriormente constituir família - casar e ter filhos. Em síntese, Margarida deseja sair do campo em busca de uma “vida melhor”, conquistar independência - fazer suas próprias escolhas e adquirir independência financeira - ter seu próprio dinheiro, para, enfim, “curtir a vida”.

4.2 IMAGENS DO ADOLESCENTE NARCISO

Filho de pequenos agricultores, Narciso, 17 anos, vive e trabalha com os pais na pequena propriedade rural que receberam de herança da matriarca paterna e da qual

²⁰ Para Cledes, Bean & Clark (1995, p. 15) “autoestima é o nosso senso de dignidade pessoal. Origina-se de todas as ideias, sensações e experiências que reunimos a respeito de nós mesmos durante a vida: achamos que somos inteligentes ou idiotas; sentimo-nos desajeitados ou graciosos; gostamos ou não de nós mesmos. Milhares de impressões, avaliações e experiências que temos a nosso respeito somam-se para formarmos um bom sentimento a respeito de nossa dignidade pessoal ou, de modo oposto, um incômodo sentimento de incompetência”. No dizer de Moysés (2007, p. 19), a “autoestima é a disposição que temos para nos ver como pessoas merecedoras de respeito e capazes de enfrentar os desafios básicos da vida.”

retiram o sustento da família, por meio da produção da agricultura familiar. A renda média da família é de dois salários mínimos.

Narciso não deseja permanecer trabalhando com os pais na agricultura. O adolescente é categórico ao dizer que prefere trabalhar como empregado, carteira assinada e salário no final do mês:

- Ah, eu num quero trabalhar lá não! Eu, tipo assim, eu tiro pelo meu pai, meus tio [...] trabalhou na lavoura, direto, desde novinho. Mais sei lá, eu num quero ir pra esse caminho não!

Narciso, além de trabalhar com os pais na lavoura - trabalho pelo qual não recebe remuneração - após retorno da escola, nos dias de folga e períodos de férias, trabalha como diarista e recebe, em média, R\$ 20,00 a R\$ 25,00 por dia trabalhado. O sonho do adolescente é conseguir emprego de carteira assinada e ter salário fixo:

- Um serviço que cê trabalha, cê tem certeza que cê vai ganhar aquele dinheiro. E na lavoura cê trabalha, cê não tem certeza que cê vai ganhar aquele dinheiro... [...] tipo assim uns R\$ 600,00 na carteira tá bom de mais!

Narciso tem o sonho de ser policial militar, o problema, para ele, está na dificuldade para ser aprovado em concurso público, pois estudar é uma atividade que não gosta de fazer. Foi reprovado algumas vezes, tanto nas séries iniciais do ensino fundamental quanto no ensino médio e por diversas vezes teve que fazer recuperação. O adolescente deseja concluir o ensino médio, mas não pretende cursar uma faculdade:

- Minha mãe sempre teve vontade, de eu ou minha irmã fazer uma faculdade. Só que tipo assim, eu sou mais, pra minha irmã fazer [...]. Eu gosto de estudar, mais assim, sei lá. Esse negócio tem que ler de mais, cê começar a fazer uma faculdade tem que começar ler de mais aí eu não consigo.

Leitura é um problema para Narciso. Ele demonstra ter verdadeira aversão a essa prática social. O que significa que ele não adquiriu o hábito de leitura como fonte de prazer, entretenimento e informação.

Narciso ainda não foi seduzido pelos computadores e pela internet. Ele não acessa a rede mundial de computadores, apesar da existência do Centro de Inclusão Digital¹ próximo à comunidade rural onde reside.

O principal interesse demonstrado por Narciso é com o esporte. Destaca o futebol, esporte que ele pratica com um time da sua comunidade como treinador e jogador, além de praticar circuito de trilha - de bicicleta e de moto. Esta última modalidade esportiva é a grande paixão do adolescente.

Em relação a sua vida afetiva - namoro, sexo, casamento, filhos, Narciso demonstra tranquilidade e responsabilidade com relação a esses temas e, sobretudo, clareza sobre o que deseja para sua vida. Demonstrou preocupação quanto ao uso dos preservativos nas relações sexuais, tanto na prevenção de doenças quanto para evitar a gravidez.

As narrativas de Narciso sugerem que ele é um sujeito satisfeito com sua vida. O adolescente destaca com características positivas de sua personalidade a alegria e a simpatia e como negativa a timidez. Diz que é feliz do jeito é e se considera uma pessoa bonita. Sentiu-se à vontade no grupo durante as reuniões roda de conversa e ouviu as opiniões dos colegas a seu respeito com ar de satisfação.

Na televisão, Narciso aprecia as novelas da Rede Globo - que ele assiste com os pais à noite, desenhos animados e filmes.

Em síntese, as perspectivas futuras de Narciso são: concluir o ensino médio e arrumar um emprego de carteira assinada, tirar carteira de moto, ser trilheiro, constituir família - casar e ter filhos.

4.3 IMAGENS DA ADOLESCENTE ROSA

Rosa é uma adolescente de 16 anos, filha de mãe solteira. A mãe trabalha como babá e a família tem renda média em torno de um salário mínimo e meio. Reside em casa alugada na periferia da cidade e não recebe nenhum benefício social do estado.

Atualmente a adolescente reside com a mãe e o padrasto. Sua mãe concluiu as séries finais do ensino fundamental e, depois do nascimento da filha, abandonou os

estudos para dedicar-se aos seus cuidados e trabalhar para o sustento de ambas. Rosa nunca trabalhou. A família atribuiu-lhe a obrigação de dedicar-se aos estudos.

Pelos relatos de Rosa, ela não teve uma trajetória estudantil “brilhante”. Já foi reprovada e também aprovada com progressão parcial. Apesar de dizer que não gosta de estudar, Rosa pretende ingressar no ensino superior e cursar a faculdade de Psicologia ou Administração. Sobre a contribuição da escola para sua formação e autoconfiança na possibilidade de alcançar seu objetivo de cursar a faculdade, Rosa declara que dependerá do seu esforço pessoal. Todavia, demonstra incerteza quanto ao seu futuro profissional:

- Já passou tanta coisa pela minha cabeça. Já pensei em Psicologia, já pensei em Administração, Engenharia. Aí tipo agora eu tô em dúvida entre Administração e Psicologia. Por isso eu tô pensando em fazer administração que ganha melhor e tal.

Apesar do seu discurso sobre fazer uma faculdade, adquirir uma profissão socialmente valorizada, lutar para conseguir vencer na vida, Rosa relata com entusiasmo que seu sonho é fazer teatro. Sobre a possibilidade de cursar uma faculdade de Artes Cênicas, a adolescente demonstra não ter informações sobre esta área do conhecimento e, ao mesmo tempo, revolta com Teófilo Otoni:

- Ah! não... tipo eu, passou pela minha cabeça assim, mas aqui, só se eu for embora daqui né? Cidade ferrada! Só se eu já tiver a garantia de um emprego assim e tal. Mas se eu tiver envolvida em psicologia assim, eu acho que é muito difícil, eu envolver com teatro, que é uma coisa que eu gosto.

A “paixão” de Rosa pelo teatro é evidenciada em diversos momentos dos seus relatos. Entretanto, ela não demonstra desejo de seguir a carreira de atriz como profissão. Os motivos, velados, podem ser de diversas origens, entre eles, o *status* da profissão, com um mercado de trabalho pouco favorável, aliada à expectativa da família em relação a uma vida melhor para a filha.

De família evangélica, a adolescente participa ativamente das atividades da igreja, especialmente aquelas destinadas aos jovens: reuniões, teatros, lazer, entre outras, as quais ela atribui grande importância, porque se sente acolhida, valorizada,

respeitada. Entretanto, suas narrativas sugerem que o fato de frequentar a igreja seja mais uma atividade de tempo livre e lazer.

Com relação aos pares, Rosa declara que tem muitos amigos no grupo de jovens da igreja. Comparando as amizades construídas na igreja e na escola, a adolescente esclarece que seus amigos de “verdade” são os pares da igreja. Os da escola são apenas colegas.

Quanto a sua participação em atividades culturais, Rosa informa que gosta de ler, mas raramente frequenta a biblioteca. Sua preferência é por histórias em quadrinhos, revista sobre TV e celebridades. Aprecia, também, os romances clássicos. O cinema é a atividade cultural sobre a qual a adolescente demonstra maior entusiasmo: *Eu amo demais!*

Referindo-se à música, Rosa esclarece que gosta de MPB e Pop rock. Entretanto, a participação da adolescente em eventos culturais e artísticos é bastante limitada, considerando que Teófilo Otoni oferece reduzidas oportunidades de acesso a esses bens culturais.

As mídias mais utilizadas por Rosa são a televisão e a internet. A adolescente acessa internet em sua residência. Utiliza a rede, principalmente, para editar textos, jogar, ouvir músicas e costuma ficar de uma a duas horas navegando. Seus sites favoritos são: MSN, youtube e papajogos.

Quanto à vida afetiva, Rosa demonstra maior segurança e afirma que tem um “peguete”²¹. Sobre a prática de relações sexuais, ela diz que é “coisa séria” e que para iniciar a vida sexual a pessoa precisa ter maturidade e saber se é aquilo mesmo que ela quer. Porém, nas narrativas de Rosa sobre com quem conversar sobre sexo e doenças sexualmente transmissíveis, a adolescente deixa transparecer a existência de tabus, buscando tais informações na internet ou com uma amiga.

Ao se autoavaliar, Rosa não transmite convicção sobre satisfação com a sua vida pessoal. A adolescente explica que seu relacionamento com a família é complicado e

²¹ Peguete ou ficante é uma gíria utilizada pelos jovens que significa uma forma alternativa de namoro. Segundo Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 88) “o *ficar* é classificado como uma modalidade de interação afetiva caracterizada pela superficialidade e pela ausência de compromissos.”

que é “*mais ou menos feliz*”. Entretanto, demonstra sentir-se confortável em receber e fazer elogios, expressar afetos.

As perspectivas futuras que Rosa deixa mais evidentes são: continuar estudando, cursar uma faculdade de administração e conquistar um emprego formal visando garantir sua independência financeira e autonomia. Pretende, ainda, adquirir sua própria casa, automóvel, para, assim, “aproveitar a vida” e, posteriormente, constituir família.

4.4 IMAGENS DO ADOLESCENTE JACINTO

Residente em um dos bairros mais carentes da periferia da cidade, Jacinto, 17 anos, vive com a família: mãe, padrasto e três irmãos, sendo ele o primogênito. A mãe é pensionista do INSS. Pensão adquirida devido ao óbito do pai de Jacinto. A família é beneficiada com o programa Bolsa Família do governo federal e tem renda média de um salário mínimo e meio.

De uma família de tradição religiosa, mãe catequista da igreja católica e pai espírita, Jacinto já foi adepto do catolicismo. Atualmente está afastado da “*religiosidade e da igreja também*”. Ele acredita na doutrina católica, mas está afastado da igreja por ter dúvidas, entre elas, com relação à reencarnação.

Jacinto relata que já foi um aluno mais estudioso. Atualmente está um pouco “*relaxado*” e precisa “*correr atrás*” para conseguir boa nota no ENEM e cursar a faculdade de administração. O jovem adolescente expressa seu descontentamento com a qualidade da educação oferecida pela escola. Na opinião dele a escola não está cumprindo a sua função de fornecer uma base acadêmica sólida, necessária para conseguir boas notas no ENEM e por esse motivo, pensa em fazer um curso preparatório para aquelas provas.

O grande sonho do adolescente é ser cantor. Porém, ele deixa transparecer sua descrença na possibilidade de se tornar artista profissional. A necessidade de melhorar de vida tem um enorme peso em sua escolha:

- Desde pequeno minha mãe e minha avó quer que eu seja alguém na vida. Minha mãe terminou só o 3º ano (ensino fundamental), minha avó trabalhava numa banca que vendia verdura. Desde pequeno a situação foi bem difícil.

Quanto às atividades esportivas e culturais - esportes, danças, cinema, teatro - Jacinto demonstra interesse por estas, exceto esportes, que ele declara não ser adepto. Entretanto, em seus depoimentos, fica evidente que sua participação nessas atividades é bastante reduzida. Os motivos podem ser devido a dificuldades de ordem econômica, aliada à escassez de promoção dessas atividades por parte do poder público.

A leitura como fonte de entretenimento e enriquecimento cultural não é um hábito para Jacinto. Não costuma ler revistas e jornais. Tem preferência por livros de não ficção.

O adolescente possui computador com acesso à internet em sua residência. Por ter contratado a assinatura da rede há pouco tempo, dedica todo o tempo livre no MSN, Orkut e outros. Antes da internet, a televisão foi um importante meio de lazer para Jacinto:

- Eu gosto de ver [...] Domingo Legal, novela. Eu gosto de assistir bastante, começa com a das seis e ficava até as 9 assistindo novela, aí parei de assistir novela (depois da internet), mas eu gosto bastante de televisão. Comecei a assistir jornal também.

Quanto às amizades, apesar de demonstrar exercer liderança entre os colegas, Jacinto esclarece que tem poucos amigos, mas que, para as atividades de lazer, entretenimento, é bem relacionado.

A opinião de Jacinto sobre a “idade certa” para um adolescente iniciar a vida sexual, relações sexuais antes ou depois do casamento, importância da prevenção, ele demonstra estar informado sobre o assunto, seguro e consciente das responsabilidades. Ele não tem namorada, mas no momento está vivendo uma “paixão” não correspondida.

O adolescente se considera uma pessoa inteligente, mas quando o assunto é beleza física, apesar de dizer que sim, hesita. Entretanto, fala com tranquilidade sobre suas qualidades e defeitos.

No projeto de vida de Jacinto as questões centrais são: qualificação profissional via ingresso no ensino superior por meio de uma faculdade de administração com vistas ao emprego formal bem remunerado. Com isso o adolescente acredita que conseguirá sua independência financeira, garantindo acesso aos bens de consumo – casa, carro, entre outros; constituir família como forma de realização pessoal:

- Eu vou tá bem resolvido financeiramente, casado, minha casa, sem preocupar com muita coisa, só trabalhando. Bem resolvido sentimentalmente, financeiramente né?

Jacinto mostrou-se um adolescente seguro ao falar sobre sua vida, suas tristezas, alegrias, suas qualidades, defeitos. Emitiu opinião sobre seus colegas e ouviu com tranquilidade a opinião deles a seu respeito. Deixou transparecer responsabilidade, maturidade e estabilidade emocional, apesar de todas as dificuldades vivenciadas na vida familiar, principalmente o falecimento do pai e a grave doença da mãe.

A seguir, tomando como referência as narrativas dos sujeitos, considerando suas ideias, expectativas futuras, vivências cotidianas em espaços sociais imediatos - família, escola e outros – bem como as regulamentações de ordem política e econômica, realizaremos uma reflexão sobre as variáveis territoriais que foram evidenciadas nos discursos e permeiam a construção dos projetos de vida dos 04 jovens adolescentes interlocutores desta pesquisa.

4.5 AS TERRITORIALIDADES E OS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS ADOLESCENTES TEÓFILO-OTONENSES.

É muito importante para um jovem adolescente saber o que deseja para sua vida e estabelecer horizontes claramente definidos, bem como estratégias para alcançar os seus objetivos, ou seja, construir um projeto de vida. Importante porque o projeto dá “direção e sentido” à vida das pessoas, já que resulta de escolhas pessoais - sonhos - e das condições sociais e econômicas efetivas em que se vive.

O projeto de vida pode ser compreendido, segundo Assis & Avanci (2004, p 68), como a “capacidade de o indivíduo querer algo e saber o que é necessário para chegar

lá. É um sonho com degraus, com metas, prazos e a consciência dos esforços e dos recursos a serem investidos na consecução de um objetivo de vida.”

Partindo do princípio que o projeto de vida delinea-se na relação do sujeito com o mundo e que este fato nos remete à constituição do sujeito na sociedade, então, as histórias de cada pessoa não seriam protagonizadas sem a presença do outro (NASCIMENTO, 2006). Nesse sentido,

Falar em projeto não significa apenas uma elaboração para o futuro distante, mas implica um posicionamento no presente em relação ao meio social em que estamos, em entrar com uma definição de territorialidade em relação às emoções que estamos sentindo e em relação às oportunidades que reconhecemos e aos meios que encontramos para lidar com o cotidiano. (MACHADO, 2002, p. 15)

Pelo exposto, para analisar o processo de construção do projeto de vida dos jovens adolescentes sujeitos desta pesquisa, faz-se necessário identificar os condicionamentos sociais, econômicos, políticos e culturais que podem influenciar na compreensão desses projetos, ou seja, as territorialidades estabelecidas. Isso porque, conforme Sack (1986), as territorialidades estão vinculadas às relações de poder e é um recurso estratégico que pode ser mobilizado de acordo com o grupo social e seu contexto histórico e geográfico. Supõe, ainda, levar em consideração as circunstâncias próprias do jovem adolescente, ou seja, a idade, a comunidade onde vive, sua história pessoal, suas experiências, entre outras.

Propusemo-nos, neste trabalho, a entrelaçar olhares sobre o objeto de estudo - os projetos de vida dos jovens adolescentes - estabelecendo um diálogo multidisciplinar entre a Psicologia Sócio-Histórica e a abordagem territorial. Na primeira, tomamos como referência os autores expoentes dessa concepção - Vygotsky (1984, 1987), Leontiev (1978) - e estudiosos contemporâneos como Ozella (2003), Nascimento (2006), Bock (2004), Bock & Liebesny (2003), entre outros. Na segunda, dialogamos com os autores que enfatizam o sentido relacional do território, entre eles Sack (1986), Raffestin (1993) e cultural como Bonnemaïson (2002), Claval (1999; 2002) e outros. Com esse arcabouço teórico, analisamos as variáveis territoriais que podem influenciar e/ou interferir em nosso objeto de estudo.

Por meio das relações sociais que são construídas cotidianamente - as territorialidades, estas uma estratégia humana para afetar, influenciar e controlar (SACK, 1986) - as pessoas constroem saberes sobre si e sobre o mundo. Na medida em que os significados dessas construções são partilhados entre as pessoas, emergem seus projetos de vida.

Nessa linha de pensamento, o projeto de vida, de acordo com Nascimento (2006, p. 62),

Vincula-se a um conjunto de características que define o sujeito. Essa definição sedimenta-se *no valor e no poder que o sujeito atribui a si, aos outros e ao mundo*. O projeto de vida estrutura-se em uma dinâmica psicossocial, à medida que a construção de um projeto tanto representa marcas pessoais ligadas a idiosincrasias na maneira de perceber a si próprio, os outros e o mundo como marcas da sociabilidade, do viver e do aprender com os outros. (grifo nosso)

Assim, faz-se necessário auxiliar o jovem adolescente a se interrogar: Quem sou eu? Como sou? O que eu quero ser? Para onde desejo ir? Como devo ir? Porque, conforme esclarece Nascimento (2006), “projeto de vida e identidade caminham juntos e constroem-se mutuamente”. Essa é uma questão importante porque, “a construção da identidade é um processo que se dá nas relações sócio-culturais reais, consolidando-se na vida cotidiana.” (MACHADO, 2002, P. 25).

Nesse sentido, Claval (1999, p.15) esclarece:

A identidade aparece como uma construção cultural. Ela responde a uma necessidade existencial profunda, a de responder à questão: “quem sou eu?” Ela o faz selecionando um certo número de elementos que caracteriza ao mesmo tempo o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gênero de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo (...).

Machado (2002, p.09) denomina identidade a nossa marca registrada. Essa marca pode ser entendida, de acordo com a autora, como “produto do processo de vir-a-ser do ser humano, resultante de uma constante interação e integração entre o corpo biológico, o meio cultural (...)”.

Soares (2002, p.30) apresenta posicionamento teórico semelhante ao de Machado. Para a autora “a identidade é formada nas relações estabelecidas entre

peças que desempenha papéis sociais importantes na vida de cada indivíduo, como pais, parentes, amigos, professores, etc.”

Vale ressaltar, conforme nos alerta Machado (2002, p.09-10), que nesse processo de construção da identidade, as relações sociais são mediatizadas pelo simbólico:

Esta interação/integração é mediatizada pelo simbólico, pelas diferentes formas de comunicação ou linguagens. De um ou outro modo, podemos dizer que o processo de identificação ocorre devido às nossas interações com os conhecimentos que adquirimos, com as pessoas e costumes pertencentes aos grupos sociais e instituições que frequentamos ao longo das diversas fases da nossa vida. Essas interações propiciam o estabelecimento de uma rede de significados e valores através dos quais filtramos nossas vivências e determinamos limites que definem nosso próprio eu.

Pelo exposto, o projeto de vida deve partir da realidade concreta do indivíduo como um processo em que a reflexão sobre suas possibilidades e limites seja considerada. Ser realista é uma característica importante do projeto porque deve permitir ao sujeito a busca de si mesmo e da sua identificação.

Nesse sentido, o projeto de vida pode ser entendido como um elemento constitutivo de todo ser humano. E construí-lo significa integrar de forma harmoniosa os ideais de vida. É um convite para que o adolescente possa tomar a sua vida nas mãos e decidir sobre seu rumo de forma autônoma e responsável. Trata-se de descobrir o sentido da própria vida e tomar as decisões necessárias para a concretização de seus ideais.

Nesta perspectiva, o objeto de estudo desta pesquisa foram são os projetos de vida e as territorialidades estabelecidas pelos adolescentes no interior do território teófilo-otonense. Por que analisar os projetos de vida dos adolescentes à luz da perspectiva territorial? Entendemos, assim como Santos & Silveira (2001, p. 19) que “a territorialidade humana pressupõe, também, a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que entre os seres vivos, é privilégio do homem”.

E, também, porque compreendemos que os laços territoriais são fortemente marcados por relação de poder. Conforme destaca Raffestin (2003), não há relação social que não seja marcada por relações de poder. A grande questão é como se exerce esse poder dentro de um território, ou seja, como são estabelecidas as territorialidades.

Raffestin (2003, p 160) afirma que “a vida é tecida de relações, e daí a *territorialidade* pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num *sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo (...)*”. (grifo adicionado). Para o citado autor, a multiplicidade dimensional na análise territorial permite compreender as estruturas sociais, econômicas e políticas a partir das formas que se manifestam em um território.

Tomamos como referência as relações cotidianas dos jovens adolescentes - suas territorialidades, priorizando a dimensão relacional (RAFFESTIN, 2003; SACK, 1986) que, no dizer de Haesbaert (2010), estão inseridas dentro das relações social-históricas ou de modo mais estrito, para muitos autores, de relações de poder. No entanto, também levaremos em consideração a dimensão cultural - valores materiais, éticos, espirituais, simbólicos e afetivos - e mais subjetiva do território, sob as luzes da teoria territorial na vertente cultural (BONNEMAISON, 2002), (CLAVAL, 1999, 2002) para, através da apropriação e valorização simbólica do grupo de jovens adolescentes em relação ao seu espaço vivido, compreender o processo de construção dos seus projetos de vida.

Analisamos as construções dos projetos de vida dos adolescentes sujeitos dessa pesquisa partindo do pressuposto que existem múltiplos territórios [pertencimentos - família, escola, grupo de pares e outros], por meio dos quais esses jovens adolescentes estabelecem relações sociais tanto em nível individual quanto coletivo. Pois, de acordo com Saquet (2006, p. 78), “o território é uma construção coletiva e é multidimensional, com múltiplas territorialidades interagidas (poderes, comportamentos, ações)”.

Assim sendo, analisamos as territorialidades estabelecidas pelos adolescentes no interior do território teófilo-otonense e suas influências/interferências nos projetos de vida dos adolescentes tanto no nível individual quanto coletivo que, segundo Albagli (2004, p. 28),

No nível individual, territorialidade refere-se ao espaço pessoal imediato, que em muitos contextos culturais é considerado um espaço inviolável. Em nível coletivo, a territorialidade torna-se também um meio de regular as interações sociais e reforçar a identidade do grupo ou comunidade.

Nessa perspectiva, analisamos, inicialmente, os projetos de vida dos adolescentes no nível individual, tendo como referência as territorialidades

estabelecidas nos seus espaços sociais imediatos, ou seja, família, escola, igreja e pares. Posteriormente, em nível coletivo, através das regulamentações de ordem política e econômica através das interações sociais estabelecidas no território pesquisado.

Ancorados por Gil (2004), podemos afirmar que as territorialidades estão imbricadas na subjetividade dos sujeitos. Assim sendo, encontramos nas narrativas de Margarida indicações de que, no processo de construção do seu projeto de vida, as interferências preponderantes são exercidas, num primeiro momento, por meio das relações familiares. Isso por que, de acordo Berger & Luckmann (1985, p. 200), todo indivíduo nasce em uma estrutura social objetiva, dentro da qual encontra os outros significativos que se encarregam de sua socialização e no caso da família, a socialização primária. Para os autores, “os outros significativos na vida do indivíduo são os principais agentes de conservação de sua realidade subjetiva”.

Margarida é incisiva ao relatar sua insatisfação com o autoritarismo dos pais. O principal ponto de tensão, do ponto de vista da adolescente, está na falta de confiança dos pais especialmente em relação à permissão para namorar.

Como não tem a aprovação para encontrar-se com o namorado - um jovem que, segundo a adolescente, pelo fato de ser negro, não é aceito por seus progenitores - namora secretamente. Entretanto, as narrativas da adolescente revelam que outros fatores estão implícitos nessa questão, como o fato de os pais desejarem uma “vida melhor” para a filha via educação escolar. Segundo a adolescente, na opinião dos pais, o namoro poderá prejudicar a filha nos estudos e, conseqüentemente, na construção de um projeto com perspectivas de ascensão social.

Podemos inferir que as relações autoritárias dos pais [que julgamos estar relacionada à questão de identidade de gênero] para com a adolescente podem influenciar/interferir diretamente na construção do seu projeto de vida, na medida em que não favorece o desenvolvimento da sua autonomia, seu bem estar social e psicológico para construir seu projeto de vida com apoio e segurança. A família não aparece nas falas de Margarida como referência simbólica, lugar de afetividade, pois o diálogo não se estabelece de forma satisfatória. Nesse sentido, Sarti (2004) esclarece que a importância fundamental da família para o jovem está precisamente na

possibilidade de manter o eixo de referências simbólicas que a família representa: lugar de apego, segurança, rede de proteção, especialmente na juventude.

Além da ausência de diálogo e tensão familiar, outro fator importante a considerar é o contexto sócio-cultural no qual Margarida está inserida: comunidade rural e escassez de equipamentos culturais e de lazer, trabalho pesado na lavoura, televisão como principal fonte de lazer, precárias condições econômicas, entre outras. A vida social da adolescente é bastante limitada. Fica reduzida a frequentar a escola, assistir à televisão, visitar parentes e ir à igreja. Nessa direção, Ferreira & Alves (2009, p. 257), esclarecem:

Normalmente, as opções de lazer no campo são bastante limitadas, o que tem sido alvo de críticas e de insatisfação por parte dos jovens. A ausência de espaços de lazer é responsável, entre outros fatores, pela avaliação negativa do campo em relação à cidade e pelo desejo de migração.

Margarida não tem acesso à rede mundial de computadores - internet, apesar da existência de um Centro de Inclusão Digital²² nas proximidades da comunidade rural onde reside. O Centro oferece curso de computação e acesso à internet gratuitamente para as pessoas da localidade. A adolescente não frequenta o Centro porque os pais não permitem, devido à dificuldade para conciliar horários entre o trabalho na lavoura e os horários do curso.

A falta de acesso a esse meio de comunicação, nos dias atuais, pode significar um grande prejuízo para os jovens adolescentes, principalmente na zona rural, porque a informação é, na perspectiva territorial, um trunfo de poder. Nesse sentido Raffestin (1993, p.203) sublinha que “um dos trunfos do poder é hoje informacional, e a informática é um dos meios. O verdadeiro poder se desloca para aquilo que é invisível em grande parte, quer se trate de informação política, econômica, social ou cultural”.

Frequentar a escola é para Margarida, a princípio, uma forma de “escapar” do trabalho na lavoura, encontrar-se com o namorado [que estuda na mesma escola] e a possibilidade de estabelecer relações com os pares. Entretanto, a adolescente revela, nas entrelinhas do seu discurso, que estudar é um meio para conseguir ascensão social

²² O Centro de Inclusão Digital é uma ação do Programa Telecentros Comunitários do Governo Federal. É composta por 11 computadores conectados à internet, uma impressora de uso compartilhado e mobiliário. Em Teófilo Otoni são 22 unidades, sendo 08 na zona urbana e 14 na zona rural.

por meio do ingresso no ensino superior e, conseqüentemente, qualificação para o exercício de uma profissão socialmente valorizada.

As principais e prioritárias aspirações de Margarida, neste momento, são adquirir autonomia e independência financeira. A curto prazo, pretende deixar a casa dos pais, ao completar 18 anos, e inserir-se no mercado de trabalho, para, assim, garantir sua liberdade. Em relação à autonomia, Brenner, Dayrell e Carrano (2008), alertam sobre a necessidade de pensar em políticas públicas que considerem a problemática da emancipação juvenil, especialmente a juventude feminina, ante o núcleo familiar. Para os autores, no caso das mulheres, a limitação familiar é sensivelmente acentuada, devido a fatores culturais e também pela dependência econômica.

Já suas perspectivas futuras são ingressar no ensino superior para obter qualificação profissional cursando a faculdade de administração, como via obtenção de um emprego formal, bem remunerado para “aproveitar a vida” e posteriormente constituir família - casar e ter filhos. Em síntese, Margarida deseja sair do campo em busca de uma “vida melhor”, conquistar autonomia - fazer suas próprias escolhas e adquirir independência financeira - ter seu próprio dinheiro, para enfim, “curtir a vida”.

Para Narciso, as influências mais decisivas para a construção do seu projeto de vida são provenientes da escola, família e dos pares, ou seja, da socialização tanto primária quanto secundária que, no dizer de Berger & Luckmann (1985), por meio da identificação com os outros significativos a pessoa torna-se capaz de identificar a si mesma.

Durante a sua trajetória escolar, Narciso enfrentou dificuldades para prosseguir nos estudos. Foi reprovado por diversas vezes e, quando aprovado, passou pelo processo de recuperação da aprendizagem. O adolescente evidencia, principalmente, dificuldades com relação à prática da leitura, aparecendo nos seus relatos como “suas dificuldades”, como podemos constatar pelo relato que se segue:

- E falou pra mim pegar pra ler, sei lá, eu num consigo mesmo, desde minha infância!

A internalização desse sentimento de incapacidade sugere que as relações estabelecidas no espaço escolar atribuem ao adolescente a responsabilidade pela sua

aprendizagem ou não no processo educativo - uma presença sutil da ideologia liberal. Nesse sentido, Sposito (2008, p.116) aduz:

[...] parece que os jovens, a partir da sua experiência escolar, consideram que aprender ou não ainda constitui, principalmente, um problema de natureza pessoal, muito mais decorrente do esforço do que das condições em que se realizam o processo de ensino e aprendizagem e as desigualdades sociais.

No nosso entendimento, Narciso não foi sublevado pela instituição escola para mergulhar no mundo da leitura [e o capital cultural da família não permite oferecer essa possibilidade] tanto como fonte de lazer, entretenimento quanto de informação. Fato que traz sérias consequências para os estudantes, de acordo com Carneiro (2002, p.85).

A compreensão da leitura como uma das muitas práticas sociais é fundamental para que a população, em geral, e o jovem em particular, compreendam que não ler significa reduzir drasticamente as possibilidades de domínio de um mundo cuja hegemonia está nas mãos daqueles que leem.

Em relação aos grupos sociais, de acordo com Resende (2000, p.19-20), “a resistência maior à leitura existe nas camadas baixas. As camadas médias e altas veem a leitura como algo que é bom, que dá prazer [...]”. Já as classes populares, segundo a mesma autora, “acreditam que a leitura por si só não é boa. Só vêem nela um aspecto positivo caso ela possibilite ao leitor *subir na vida, ascender socialmente*”. (grifo adicionado).

O desejo de adquirir um emprego formal, com salário fixo, é uma meta importante que Narciso objetiva em alcançar. Os relatos do adolescente sugerem que, pelo fato de viver em uma pequena propriedade rural em que se pratica a agricultura familiar, na qual, segundo Ferreira & Alves (2009), as relações produtivas têm como base compromissos e obrigações familiares e o trabalho, inclusive os jovens, não envolve questões salariais, pode estar na origem desse objetivo.

Narciso considera que uma renda mensal em torno de R\$ 600,00 é suficiente para suas necessidades. Entretanto, o adolescente não demonstra preocupação em qualificar-se para o exercício de uma profissão com vistas à inserção no mercado de trabalho, apesar de desejar migrar para a cidade e conquistar um emprego formal.

O esporte aparece nas narrativas de Narciso como meio de lazer, entretenimento e realização pessoal. O adolescente deseja, ao completar 18 anos, tirar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e fazer circuito de trilhas com motocicleta, ou seja, ser trilheiro. Essa influencia pode estar relacionada com as amizades estabelecidas com os seus pares na comunidade rural onde reside e que praticam essa modalidade esportiva.

As principais metas que Narciso deseja alcançar em sua vida são, a curto prazo: concluir o ensino médio [pois não acredita que conseguirá cursar a faculdade], inserir-se no mercado de trabalho, ser trilheiro para, posteriormente, constituir família, isto é, casar e ter filhos.

As influências evidenciadas nas narrativas de Rosa e que sobressaem na intervenção do seu projeto de vida são oriundas, especialmente, da família e da igreja. Da família - mãe e avó materna - provém os incentivos para estudar e conseguir uma profissão socialmente valorizada via acesso ao ensino superior. Isso porque, nos relatos da adolescente ficam transparentes as precárias condições econômicas, a vida de sacrifícios que mãe e avó foram submetidas e, por esses motivos, ambas desejam um futuro melhor para a adolescente. A família vislumbra por meio da educação escolar, as possibilidades de ascensão social e por essa razão incentivam a adolescente dedicar-se apenas aos estudos. Nessa direção, Soares (2002, p.78) afirma:

A expectativa dos pais em relação ao futuro dos filhos vai além da escolha profissional, dá-se em todas as áreas da realização humana. Esperam não só que os filhos sigam uma profissão de nível superior, de *status* social definido, mas também formem uma família, conquistem um bom emprego e assim sejam muito felizes!

No discurso de Rosa, frequentadora assídua de uma congregação evangélica, em relação à igreja, há indicações de que a adolescente encontra, nessa instituição, e particularmente entre seus pares “irmãos em Cristo”²³, a satisfação de suas necessidades de reconhecimento, aceitação, lazer, entretenimento e, principalmente, espaço para socializar sua vocação artística - o teatro.

²³ A expressão significa: Filhos de Deus, ou seja, pessoas que comungam da mesma fé cristã. É utilizada principalmente por pessoas evangélicas.

Nesse aspecto, Brenner, Dayrell e Carrano (2008, p.212) alertam sobre a questão do tempo livre como espaço não apenas de lazer, cultura desinteressada e entretenimento, mas como construção de relações sociais com múltiplos interesses em jogo. Sendo o tempo livre um momento propício para o estabelecimento de vínculos sociais, afetivos e espirituais, ou seja, de territorialidades, os autores referenciados, sublinham:

É preciso investigar até que ponto a busca da religião como ocupação do tempo livre, sem desconsiderar a satisfação de necessidades espirituais percebidas pelos sujeitos, pode estar sendo tributária da precariedade material e da falta de infraestrutura de cultura, lazer e entretenimento, em especial para os jovens de baixa renda.

A adolescente deixa transparecer que a incerteza está presente no processo de definição do seu projeto de vida, especialmente no que se refere ao campo profissional. Conforme nos esclarece Soares (2002, p. 92), “A escolha profissional não é algo que acontece de um instante para outro na vida das pessoas. É parte de todo um processo de crescimento e reflexão pessoal”.

Rosa está dividida entre seguir uma carreira valorizada socialmente - Psicologia ou Administração - com vistas a uma carreira de sucesso, bom emprego e dinheiro para obter uma “vida melhor” ou fazer o que gosta - teatro.

Nesse sentido, concordamos com Soares (2002), quando a autora afirma que o projeto profissional do jovem é construído no seio de sua família, assim sendo, pode gerar dificuldade de autonomia para o adolescente em relação às influências familiares e as consequentes implicações de concordância e contradições em relação às expectativas dos membros familiares.

Rosa deseja uma vida com conforto material, estabilidade emocional e financeira através de um emprego bem remunerado com vistas à aquisição dos bens materiais como casa própria, carro, entre outros, considerados pela adolescente como sinônimo de garantia de um futuro feliz, em detrimento de sua realização pessoal, fazendo a atividade profissional que realmente tem prazer em realizar.

Filho primogênito, Jacinto teve sua vida marcada por carências econômica e emocional. Isso porque, além das dificuldades financeiras, enfrentou o óbito do pai e posteriormente a doença da mãe que, devido a um câncer de mama, ficou em coma por

vários dias no hospital. Esses acontecimentos foram apontados pelo adolescente como os que marcaram significativamente sua trajetória de vida.

Nesse contexto de privações econômicas e emocionais, Jacinto viveu sua infância. As narrativas do adolescente sugerem que as dificuldades contribuíram para que ele aprendesse a “se virar sozinho”, fortalecendo-se emocionalmente. Mas o adolescente recebeu da mãe e da avó incentivos para estudar e, assim, conseguir um bom emprego para melhorar a sua condição de vida e da sua família. Nesse sentido, é incisiva a influência da família na construção do projeto de vida de Jacinto. Em razão das carências materiais vividas no seio familiar, o adolescente sempre foi incentivado a estudar para adquirir qualificação profissional via acesso ao ensino superior para, assim, garantir uma ocupação com *status* social e econômico valorizado como via para a ascensão social.

Entretanto, o maior sonho de Jacinto é ser cantor profissional. O adolescente é um dos componentes de uma banda - em fase de estruturação e, até então, desconhecida em Teófilo Otoni - composta por adolescentes, na qual é vocalista. Além de cantor ele é também compositor. Eventualmente Jacinto faz shows em barzinhos da cidade com o objetivo de divulgar seus dons artísticos, mas esses eventos não lhe trazem retorno financeiro. Nesse contexto, o adolescente revela sua descrença na possibilidade de se tornar cantor profissional. O *status* profissional e a necessidade de melhorar de vida têm um enorme peso em sua vida.

Nesse sentido, Soares (2002) esclarece que o projeto profissional de um adolescente pode significar o “modo como ele é obrigado” a tomar uma série de decisões quanto ao seu futuro. No projeto de Jacinto, há indicações de que essa “obrigação”, como sugere a autora citada, pode ser um determinante social em virtude da sua classe social, as privações materiais pelas quais tem passado e o desejo de conquistar uma profissão valorizada, que possibilite uma vida melhor para ele e sua família, como podemos observar nos relatos a seguir:

- A relação do meu pai com minha mãe sempre foi bem complicada. Ele bebia muito. Minha mãe tinha dois filhos. Ela tinha que sustentar esses dois filhos. (Jacinto)

- Em termos profissionais, eu queria ser cantor desde pequeno. Mas, na medida em que eu fui crescendo eu não vejo mais futuro nessa profissão. Aí eu decidi que quero fazer curso de administração. (Jacinto)

Em síntese, as territorialidades como forma de ações e comportamento espacial (SACK, 1986), estabelecidas por Jacinto, evidenciadas em seus relatos, especialmente na família e na escola, podem estar conduzindo-o a desejar cursar uma faculdade visando um bom emprego, constituir família e continuar cantando como hobby.

As variáveis territoriais intervenientes nos projetos de vida dos jovens adolescentes no nível individual provêm, conforme definição de Gil (2004), das relações que estes estabelecem com o meio de referência – especialmente família, escola, pares, igreja - e expressam um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um determinado espaço geográfico.

Dentre as influências exercidas na construção dos projetos de vida dos jovens adolescentes, por meio dos territórios família, escola, igreja e grupos de pares, estes entendidos de acordo com Sack (1986, p.18) como “uma forma de interação espacial que influencia outras interações espaciais [...]”, ou como afirma o referido autor, “[...] um lugar que está sobre o controle de outro”, destacamos, inicialmente, as territorialidades estabelecidas no território escolar.

Nessa perspectiva, a escola, por meio da política educacional em curso no Estado de Minas Gerais para a educação básica pública, ou seja, ofertada aos jovens adolescentes das classes populares em Teófilo Otoni, apresenta indicativos de baixa qualidade. A título ilustrativo, destacamos a baixa proficiência nos exames nacionais padronizados dos estudantes teófilo-otonenses: ENEM - média de 547.01 pontos em 2010, já que as escolas com as maiores pontuações ultrapassam 700,00 pontos e IDEB [índice que varia de 0 a 10] com 4,9 pontos, média alcançada pelas escolas de Teófilo Otoni, em 2009, (INEP, 2011).

Por meio dos relatos dos adolescentes sujeitos deste estudo foi possível identificar a existência de diversos problemas, especialmente em relação aos docentes: formação

precária, inadequadas condições de trabalho, arrocho salarial²⁴, entre outros, ou seja, as condições materiais e pedagógicas pouco favoráveis a um processo educativo com qualidade formal e política, como diz Pedro Demo (2009). As narrativas a seguir ilustram as precárias condições educacionais a que estão submetidos:

- Eu acho que deveria fazer um treinamento, uma reabilitação para alguns professores, por que tem professor que ainda dá aula como se estivesse no século passado, tem professor que deveria se atualizar. Outros não, outros nem dão aula. (Jacinto)

- Igual mesmo o negócio da greve. Teve muito professor que pôs bronca pra fazer greve e não veio um sábado repor aula! Eu acho isso errado. (Margarida)

- Podia criar um laboratório, porque aqui na escola não tem laboratório específico, pra agente fazer as aulas de Biologia. (Rosa)

- Eles também deviam ter uma sala de computação porque tem muitas aulas em outras escolas que pegam os alunos, pra não ficar aquela aula muito “coisa”, e leva pra sala de computação, pra ter uma aula diversificada. (Margarida)

Para se ter uma educação de qualidade não basta colocar os alunos na escola, mas oferecer uma educação como prioridade de investimentos. O acesso à escola não significa qualidade de aprendizagem dos conhecimentos necessários para integração social e profissional. Concordamos com Nascimento (2006, p. 63) quando declara:

Muito se fala da escola, e podemos dizer que o destaque dessas falas é o de que a escola não está assumindo o seu papel de preparar os adolescentes para a vida. O sentido de preparar para a vida transita entre o desenvolvimento de habilidades para lidar com o cotidiano e suas adversidades como também o desenvolvimento de habilidades acadêmicas que dê suporte às transformações necessárias para alcançar o bem-estar na vida.

A escola em que os quatro adolescentes selecionados para esta investigação estudam se enquadra na situação apresentada pela autora referenciada, ou seja, não está contribuindo satisfatoriamente para a concretização dos seus projetos, pois oferece uma educação com baixa qualidade.

²⁴ No ano de 2010 os trabalhadores da educação de Minas Gerais ficaram 47 dias de greve (encerrada em 25/05/10). Em 2011 foram 112 dias (08/06 a 27/09/11). As greves foram deflagradas, segundo o Sind-UTE, em virtude da omissão do Governo do Estado, que não cumpre a Lei Federal 11.738/08 - implantação do Piso Salarial Profissional Nacional. (SIND-UTE/MG, 2011). Disponível em: <http://www.sindutemg.org.br/novosite/index.php>. Acesso: 01/10/2011.

Nesse sentido, Freitas (1998, p.19) esclarece que a escola brasileira é de orientação liberal, apresentando-se de forma dissimulada como “fator democratizante da sociedade na medida em que oportuniza a todos os indivíduos igualmente o acesso ao conhecimento, possibilitando o desenvolvimento pessoal, a ascensão social e o poder econômico aos indivíduos desprivilegiados”.

Através do controle estatal, a educação pública em Minas Gerais e particularmente em Teófilo Otoni [nesse caso há sobreposição de territórios já que a educação pública estadual de Teófilo Otoni está subordinada ao sistema estadual] pode ser compreendida como territorialidade no sentido definido por Sack (1983) - uma estratégia para influenciar e controlar pessoas via estratégias jurídico-administrativas. No dizer de Raffestin (1993), o exercício do Poder²⁵ impunha-se através da soberania do Estado. Em outras palavras, são os fins que garantem a sujeição dos cidadãos aos ditames do Estado.

O estado controla a educação pública através do seu Poder institucional, estabelecendo “as regras do jogo”. Poder este multidimensional que, no campo educacional se manifesta de diversas formas: precárias condições de trabalho dos profissionais, plano de carreira, baixos salários, bibliotecas mal equipadas e desatualizadas, entre outras.

É interessante ressaltar que o poder exercido pelo estado através da política educacional brasileira, especialmente em Minas Gerais, está atrelado às determinações da política neoliberal em nível global. Essa política está preocupada com a maximização dos lucros do setor privado e a estes estão submetidas todas as questões de ordem social, entre elas a educação. De acordo com Gentili (1998, p. 244),

[...] o neoliberalismo ataca a escola pública a partir de uma série de estratégias privatizantes, mediante a aplicação de uma política de descentralização autoritária e, *ao mesmo tempo*, mediante uma política de reforma cultural que pretende apagar do horizonte ideológico de nossas sociedades a possibilidade mesma de uma educação democrática, pública e de qualidade para as maiorias. (grifo do autor)

²⁵ O Poder com letra maiúscula postula, segundo Raffestin (1993), a soberania do estado, a forma da lei ou da unidade global de uma dominação. É o poder visível, identificável que controla a população e domina os recursos. O poder com letra minúscula, nome comum, se esconde atrás do Poder (letra maiúscula) e é mais perigoso. Torna-se perene, não é visível, é consubstancial em todas as relações.

Campos & Lima (2007, p.01) afirmam que as políticas sociais de educação em Minas Gerais, a partir de 2003, estiveram subordinadas ao controle fiscal.

Na área educacional ocorreu, a partir de 2003, uma forte redução orçamentária, afetando todo o trabalho desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação (SEE/MG), dificultando sua capacidade de oferecer um ensino de qualidade aos alunos mineiros, que foi o grande objetivo proposto por esta Secretaria para o período de 2003-2006, conforme declarado no documento “Desafio para a Qualidade”. Assim, verificou-se que nesse período o governo mineiro priorizou os resultados financeiros em detrimento dos sociais.

Esse cenário educacional mineiro de controle fiscal sem considerar o princípio da relevância social das ações educacionais para além dos conceitos tradicionais de eficiência, eficácia e efetividade, ou seja, seguindo as determinações da ideologia neoliberal, prossegue com a reeleição do governador Aécio Neves do PSDB (2007 - 2010) e a eleição do seu vice-governador para seu sucessor, também do PSDB, Antônio Anastasia (2011 -2014).

Considerando a atual conjuntura educacional, Damasceno (2008, p.03) chama a nossa atenção para a grande importância que os jovens atribuem à escola como via para a inclusão e mobilidade social:

As pesquisas mostram que o cotidiano dos jovens das camadas populares é marcado pela inserção social incompleta. Por essa razão, os jovens e suas famílias empenham parcela ponderável de suas forças e de suas energias na tentativa de superar a situação de exclusão a que são submetidos. Uma das vias apontada pelos sujeitos ouvidos em nossa investigação é a da possibilidade de melhoria social através do estudo.

Nesse panorama, o acesso dos jovens adolescentes teófilo-otonenses a uma educação pública de qualidade está condicionado ao controle estatal. Fato que nos remete à afirmação de Sack (1986): as territorialidades são “socialmente construídas e depende de *quem está controlando quem e por que*”. (grifo adicionado). Nessa perspectiva, o acesso a uma educação pública de qualidade depende da vontade política dos governos que, por meio do poder estatal, limita o acesso dos adolescentes a uma educação de baixa qualidade. Nesse sentido, Raffestin (1993, p.165) destaca que “o limite cristalizado se torna então ideológico, pois justifica territorialmente as relações de poder.”

Os jovens adolescentes, sujeitos desta investigação, como aponta Damasceno (2008), também sonham com uma vida melhor e acreditam que conseguirão ascender socialmente por meio dos estudos, ou seja, do ingresso em um curso superior, como via para aquisição de uma profissão e emprego formal valorizado social e financeiramente. Entretanto, eles reconhecem que, com a educação que estão recebendo no ensino médio, não estão preparados para aprovação no ENEM e/ou vestibular e ingresso no ensino superior.

Diante do atual quadro que se encontra a educação pública estadual mineira, e em Teófilo Otoni particularmente, a nosso ver, dificulta a construção dos projetos dos adolescentes investigados que dependem da escola pública estadual como única via para acesso à educação superior. Mas, como afirmam Ferreira, Nogueira Junior e Costa (2010, p 485), “[...] há uma demanda e um esforço por parte das crianças e adolescentes e de suas famílias em garantir a escolaridade, contrariando a ideia de senso comum de que os grupos sociais mais vulneráveis valorizariam pouco a educação de seus filhos.”

Outra variável a considerar no processo de construção do projeto de vida dos adolescentes sujeitos desta pesquisa são as condições socioeconômicas que, como jovens das classes populares, estão submetidos no território pesquisado.

Teófilo Otoni apresenta índices econômicos e sociais inferiores às médias estaduais, apesar de possuir grande potencial para desenvolvimento social e econômico. Atualmente vem se destacando devido ao apoio recebido de lideranças políticas locais e especialmente em nível nacional para o seu crescimento. Diversos investimentos vêm sendo realizados: implantação da Zona de Processamento de Exportações – ZPE; criação da UFVJM e do Instituto Federal de Educação Tecnológica - IFET; Centro de Convenções; programas de transferência de renda e outros.

Entretanto, existe uma dependência espacial na medida de pobreza IDHM e suas dimensões renda, longevidade e educação. Nesse sentido, é possível asseverar que a localização geográfica [especialmente na região administrativa Vale do Mucuri] exerce um papel fundamental na determinação do desenvolvimento humano. O que significa que a pobreza de um determinado território [geográfico] depende, de forma importante, do nível de pobreza dos territórios vizinhos. (ROMERO, 2006). Assim,

[...] um município pobre rodeado de outros municípios pobres requer um esforço adicional para superar sua situação, do que se seus vizinhos fossem municípios ricos. Além disso, é claro que a situação de um município depende não só de seus próprios indicadores econômicos e sociais, mas também está afetado pela situação de seus vizinhos. (ROMERO, 2006, p. 14)

Mesmo localizado geograficamente na região administrativa Vale do Jequitinhonha /Mucuri - cujo contexto social não contribui para atrair novos investimentos e conseqüentemente geração de emprego e renda - Teófilo Otoni possui grande potencial para desenvolvimento, apesar de existir no território um quadro acentuado de vulnerabilidade social, como apontam os índices de diversos órgãos como o IBGE.

Como o território teófilo-otonense possui a maior e mais desenvolvida cidade do Vale do Mucuri e esta polariza os serviços de educação, saúde e comércio. Assim, grande parte das demandas sociais recaem sobre esse território. Como resultado, Teófilo Otoni possui uma população com qualidade de vida inferior a média do Estado Minas Gerais, com baixa qualificação profissional, especialmente para a população jovem [que se agrava devido à falta de efetivas oportunidades educacionais, culturais...].

O poder público deixa lacunas em aspectos importantes para a vida do grupo de adolescentes analisado neste estudo: existência de equipamentos culturais e de lazer [ou tempo livre], e especialmente, no trabalho, que representa para o adolescente a possibilidade de independência, autonomia.

Em Teófilo Otoni há carência, como dito anteriormente, de atividades culturais e de lazer e as existentes não são acessíveis aos adolescentes pertencentes às classes populares, especialmente devido à escassez de recursos financeiros.

Os jovens adolescentes sujeitos desta pesquisa apresentam uma queixa comum: falta de oportunidade de trabalho nesse período da vida, apesar de não terem idade adequada para ingressar no mercado de trabalho. Mas, para o conjunto da sociedade brasileira, como afirma Sposito (2000, p.11),

[...] a tendência maior é a de antecipação do início da vida juvenil para antes dos 15 anos, na medida em que certas características de autonomia e inserção em atividades no mundo do trabalho [...] tornam-se o horizonte imediato para grande parcela dos setores empobrecidos.

A importância que os adolescentes atribuem ao trabalho vai além da melhoria da qualidade de vida para eles mesmos e seus familiares. Significa um meio para adquirir independência financeira dos pais e acesso ao lazer, bens culturais e consumo. Vale sublinhar que a escolaridade como credencial para a futura profissão e emprego é bastante valorizada por eles e seus pais. Estes últimos justificam a má qualidade de vida pela “falta de leitura”.

O Estado aparece nas narrativas dos adolescentes, nas três esferas de governo: municipal, estadual e federal, principalmente através dos programas: Poupança Jovem, Pró-Jovem Adolescente e Pró-jovem Trabalhador. Esses programas são, também, mediadores desses adolescentes e o lazer [Poupança Jovem Folia e outros], a cultura [Cinema na Comunidade e outros], sociabilidade e as possibilidades de emprego e renda [cursos de capacitação e auxílio pecuniário].

No entanto, de acordo com os relatos dos jovens adolescentes, estes programas não observem todo o contingente de sujeitos existentes no território - e que atende aos critérios dos programas, especialmente os residentes na zona rural, como Margarida e Narciso - e, ainda, não respondem satisfatoriamente a todas as necessidades [saúde, educação, esporte, habitação, trabalho, entre outras] desses atores.

De acordo com dados do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS (2011), em Teófilo Otoni, um total de 22.013 famílias são cadastradas no CadÚnico²⁶. Dessas, 9.941 famílias²⁷ são beneficiárias do programa bolsa família²⁸, conforme dados da Secretária Municipal de Assistência Social. Isso significa que são, aproximadamente, 32.800 pessoas que sobreviviam com uma renda per capita de até R\$70,00/mês.

Cabe observar que essa realidade econômica regional [e por consequência sócio-cultural], nos permite inferir que uma parcela significativa das famílias teófilo-

²⁶ O Cadastro Único para Programas Sociais é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias com renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa ou de três salários mínimos no total. Dessa forma, o Cadastro Único possibilita conhecer a realidade socioeconômica dessas famílias, trazendo informações de todo o núcleo familiar, das características do domicílio, das formas de acesso a serviços públicos essenciais e também dados de cada um dos componentes da família. <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/cadastrounico>.

²⁷ São, em média, 3.30 pessoas por domicílio, de acordo com dados do IBGE (2010).

²⁸ Mês/ano de referência: ago/2010.

otonense possui um capital econômico e cultural insuficiente para atender adequadamente às necessidades dos seus filhos e, por conseguinte, auxiliar na construção dos seus projetos de vida.

O capital cultural²⁹, normalmente medido pela escolaridade dos pais e, às vezes, pelo consumo cultural da família, que indica os recursos educacionais disponíveis para as famílias auxiliarem e acompanharem a vida escolar dos filhos e, ainda, avaliar a qualidade da educação oferecida pela escola, dentre outras habilidades, é deficitário. Como afirma Ozella (2002, p.26) “As famílias, principalmente de classes populares, pela precarização de recursos e informações, pelo excesso de trabalho e escassez de tempo, vivem relações de abandono, de insegurança e de dúvidas no trato com os filhos”.

Mesmo assim, uma questão chama a atenção nos resultados da pesquisa: as aspirações profissionais dos estudantes pesquisados são bastante otimistas. A questão central dos projetos de vida de três dos quatro adolescentes está alicerçada no desejo de alcançar profissões de grande prestígio social e exigência de escolaridade elevada.

Assim como na pesquisa de doutoramento, *Territorialidades, juventudes e suas interfaces com o poder público local*, (ARAÚJO, 2007), os resultados desta investigação sugerem que, para os jovens de origem popular, os mais evidentes e significativos territórios, revelados através das narrativas dos adolescentes, no nível individual, são: familiar, escolar, religioso e grupo de pares. Contudo, o território familiar³⁰ foi significado pelos adolescentes como a principal dimensão em suas vivências e projetos de vida. Nesse sentido, Araújo (2007, p.342) esclarece:

“[...] à família é atribuído (e cobrado) o papel de suporte emocional, de espelho social e de espaço de construção de estratégias de inserção social. Diante da ausência de um Estado e de políticas públicas que auxiliem ou promovam essa inserção social dos jovens, cobra-se da família a promoção dos seus familiares.

Entretanto, de acordo com Ozella (2002, p.28),

²⁹ De acordo com Bourdieu (1998), o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado [herança familiar], objetivado [bens culturais: livros, obras de arte...] e institucionalizado [diplomas escolares].

³⁰ De acordo com Sarti (2004), a família não se define pelos indivíduos unidos por laços biológicos [“nomes de família”, semelhanças físicas etc “que se puxa” de algum parente], mas sim pelos laços significantes que criam os elos de sentido nas relações, sem os quais essas relações se desfazem, especialmente pela perda, ou inexistência, de sentido. Se os laços biológicos unem as famílias é porque são, em si, significantes.

O que ocorre é um desencontro entre as esperanças construídas pelas famílias em torno do valor da escola e as aspirações juvenis – ascensão social, melhoria das condições de vida. Para o jovem, o desencontro das expectativas iniciais gestadas na família e a experiência cotidiana vivida nas escolas, que nega essas aspirações, pode gerar desinteresse, indisciplina e violência, na medida em que a trajetória na escolarização gera insucesso e exclusão.

De maneira mais geral, o que podemos depreender dos resultados desta investigação é que o território teófilo-otonense, tanto no nível coletivo quanto individual e, num primeiro momento, os territórios [sobrepostos] família e escola, atendem parcialmente [e precariamente] as necessidades dos adolescentes sujeitos desta pesquisa - Margarida, Rosa, Jacinto e Narciso. Outras influências, não tão incisivas quanto da família e explicitadas através das narrativas, provêm da igreja, escola e dos grupos de pares.

Nesse sentido, os jovens adolescentes estudados possuem projetos de vida com elevadas expectativas futuras, considerando o contexto socioeconômico em que vivem. Ressaltamos, porém, que os quatro jovens demonstraram ter consciência dos esforços e dos recursos que terão que investir para a efetivação dos seus projetos. Entretanto, possuem uma visão nebulosa em relação aos múltiplos determinantes a que estão sujeitos nessa sociedade “pós-moderna global” no dizer de Hall (2006).

Sublinhamos que, mesmo diante de um contexto social e econômico desfavorável, os adolescentes, assim como Mariane [autora do poema Liberdade], se percebem como “[...] *fortes o suficiente para transformar as circunstâncias que os oprimem em seus projetos de vida*”. Sobretudo, “*não se entregam as adversidades da vida*”, demonstrando, assim, confiança na concretização dos seus projetos de vida.

Contudo, a presença da ideologia neoliberal está fortemente presente no discurso dos jovens adolescentes. Nessa Ideologia cada sujeito é responsável pelo seu sucesso ou fracasso. Cada um deve se esforçar para vencer “suas dificuldades” na vida, sem levar em consideração os determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais. Segundo Bock & Liebesny (2003, p. 218), “O corolário disso é a autculpalização pelo eventual fracasso, como se a vontade e o esforço do próprio sujeito - e só ele - não tivessem sido suficientes para alcançar o objetivo de vencer na vida.”

Todavia, sabemos que a construção de um projeto de vida necessita estar alicerçada em uma reflexão realista sobre as possibilidades e limites para que, assim, o sujeito possa tomar as decisões adequadas e empreender os esforços necessários para sua efetivação, integrando de forma harmoniosa os ideais de vida.

Mas que espaços de esperança possuem os jovens adolescentes no território teófilo-otonense?

Os resultados desta pesquisa indicam que os jovens sujeitos desta investigação terão muitos desafios a enfrentar para concretizar seus projetos de vida, já que estes contêm elevadas expectativas diante das limitações de ordem socioeconômica, política, cultural e educacional [restringindo ou eliminando as possibilidades] que têm que enfrentar como jovens adolescentes de origem popular no território teófilo-otonense.

Estamos diante de um paradoxo? Podemos afirmar que sim, pois, como esclarece Miranda (2000, p.106), a contradição surge entre os seres materiais nas condições sociais e históricas em que vivem. Em outras palavras, as expectativas de vida [sonhos, desejos], dos jovens adolescentes estão alicerçadas nas condições sociais, econômicas, políticas, culturais e educacionais em que vivem.

Cumpramos observar, como salienta Nascimento (2006, 61), que o projeto de vida de um sujeito emerge numa trama complexa de relações, de construção de saberes sobre si e sobre o mundo à medida que significados são partilhados no cotidiano. Isso significa que existe um espaço comum de intercâmbio entre sujeitos, no qual o sentido da vida de cada um adquire contornos comuns devido a fatores como estrutura social, a comunicação e a cultura. Para Nascimento, estas são as fontes de intercâmbio responsáveis pelas condições de produção e circulação das representações sociais.

Transformar essas condições é o grande desafio que possuem como sujeitos sócio-históricos e, também, para aqueles que trabalham nas políticas públicas destinadas à população juvenil.

Conforme sugere Cassab (2001, p. 181), as estratégias assumidas pelos sujeitos para construção dos seus projetos de vida,

(...) encontram-se em um universo mais ou menos delimitado de alternativas socialmente construídas em padrões institucionalizados de práticas. Com isso queremos dizer que as vias de que os sujeitos dispõem para a realização de seus objetivos são aquelas oferecidas no escopo da cultura de uma sociedade em um tempo histórico determinado, e é considerando-as que os sujeitos

traçam seus objetivos. Posto que então, mesmo as alternativas que apontam no sentido da intenção de ruptura da ordem, encontram-se inscritas na própria ordem.

Contudo, olhando para uma sociedade ou grupo social na perspectiva territorial, ou seja, das relações de poder, é de fundamental importância fortalecer o capital social e cultural, seja no plano individual ou coletivo, com vistas ao fortalecimento das territorialidades dos sujeitos.

Concordando com Albagli, (2004, p. 63), acreditamos que existem

[...] possíveis formas de **fortalecer** territorialidades, estimulando laços de identidade e cooperação baseados no interesse comum de proteger, valorizar e capitalizar aquilo que um dado território tem de “seu” – suas especificidades culturais, tipicidades, natureza enquanto recurso e enquanto patrimônio ambiental, práticas produtivas e potencialidades econômicas. (grifo da autora)

Fortalecer territorialidades, estimulando a cooperação, os laços de identidade, como aponta a autora citada, em outras palavras, significa fortalecer o capital social e cultural dos sujeitos. Acreditamos, assim como Corenza (2006, p. 133) que a escola pode ser um espaço de fortalecimento de capital social e cultural, realizando um trabalho pedagógico, tendo em vista:

[...] a busca pela valorização do jovem, o respeito a sua autonomia, a discussão de conflitos, o estímulo à participação cidadã juvenil por intermédio de discussões sobre diversos temas nas aulas, embasadas na experiência e na linguagem dos jovens, pode ser um dos caminhos que a escola precisa trilhar para garantir que seus jovens se tornem pessoas mais seguras e com expectativas de futuro menos nebulosas. Com estes encaminhamentos a escola também pode desenvolver nos jovens um sentido de adoção e de pertencimento.

Vale ressaltar que, nesse sentido, o fortalecimento do capital social [e também cultural] dos adolescentes consiste em um processo de construção da cidadania que se desenvolve por meio da própria experiência, autonomia e o empoderamento dos sujeitos para fazer valer os seus direitos.

Diante do contexto social brasileiro e de Teófilo Otoni em particular, a pesquisa nos permite dizer, concordando com Jesus (2006, p.116) que,

[...] a direção que cada um escolhe para si próprio e o esforço investido nessa escolha é mais importante do que as circunstâncias herdadas. Em uma sociedade, como a brasileira, onde as taxas de imobilidade ou de mobilidade de

curto alcance são mais altas que as taxas de mobilidade de longo alcance, esta sensação de liberdade social e econômica, pode gerar também certa frustração, posto que, no fim das contas, é sob o indivíduo que recairá toda a responsabilidade por seu destino, de sucesso ou de fracasso.

Pelo exposto, estudiosos como Nascimento (2006), ressaltam a importância de o jovem adolescente ter um projeto de vida bem planejado, estruturado para concretizar seus sonhos. O projeto pode ser modesto, pois que não existe projeto simples. O processo de construção de um projeto consiste em um planejamento de vida que depende da história e do contexto em que se vive. Precisa ser realista e ter valor, significado para o sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma longa e significativa leitura histórica e da conjuntura atual do território teófilo-otonense, contexto onde estão imersos os adolescentes interlocutores desta investigação que ora está sendo concluída, é o momento de retornarmos aos objetivos propostos, avaliando os resultados alcançados.

Comprometemo-nos, basicamente em analisar, por meio do estudo de quatro casos, como os jovens adolescentes estudantes do ensino médio da rede pública estadual de Teófilo Otoni, habitantes das zonas rural e urbana, constroem seus projetos de vida e, ainda, como percebem a si mesmos nesses projetos.

Traçamos nosso roteiro, inicialmente, buscando conhecer o território pesquisado, contextualizando-o em seus aspectos históricos, econômicos, sociais, políticos, educacionais e culturais. Teófilo Otoni, em seu processo de territorialização, historicamente, foi marcado por ideais de liberdade, democracia e progresso econômico através da figura heróica do seu idealizador e fundador, Theophilo Benedicto Ottoni, mas com forte indicação de ter seu alicerce em relações sociais baseadas na exploração e dominação de índios, negros e imigrantes.

Theophilo B. Ottoni, figura emblemática para muitos teófilo-otonenses [especialmente seus descendentes e colaterais] até nos dias atuais, não conseguiu, principalmente por motivos políticos e econômicos, concretizar efetivamente seus principais - e ousados para a época - projetos empresariais de colonização do Vale do Mucuri, com destaque para a Cia do Mucuri. O colonizador desejava transformar o Vale em uma importante província de produção agropecuária, bem como de escoamento desses produtos através da navegação pelos rios Todos os Santos e Mucuri até o mar no porto de Caravelas na Bahia.

Contudo, mesmo com a liquidação da Cia do Mucuri (1860), o enfraquecimento político/econômico e o óbito de Theophilo B. Ottoni (1869), o Vale do Mucuri prosperou com a chegada da Estrada de Ferro Bahia-Minas (1898). Os anos subsequentes foram de relativo desenvolvimento econômico e urbano devido, principalmente, a extração de madeira e produção de café.

Convém esclarecer que após o encerramento das atividades da estrada de ferro (1966), encontramos uma enorme lacuna na história desse território. Não identificamos referências bibliográficas sobre Teófilo Otoni após esse período. Mesmo assim, consideramos importante contextualizar historicamente o território estudado para nos apropriarmos do resultado da ação dos homens através do tempo e, assim, compreendermos o contexto atual, como esclarece Albagli (2004, p.41):

[...] o imaginário territorial de uma nação ou de uma região é povoado de imagens e emblemas – a bandeira, o hino, os monumentos, a cultura de modo amplo - que justificam a instituição de um poder, de sua projeção no tempo e no espaço, de uma identidade, e de sua organização efetiva sobre um território e no interior de um sistema político, atuando tanto como utopia/ projeto para o futuro, como enquanto passado, memória coletiva, identidade cultural.

É interessante assinalar que a história de Teófilo Otoni é encontrada, principalmente, nas obras biográficas de Theophilo Benedict Ottoni. Fato que sugere fortes laços afetivos entre esse território e a figura do seu fundador.

Apesar de Teófilo Otoni ter passado muitas décadas com um baixo dinamismo econômico, como indicam diversos índices sociais e econômicos, na contemporaneidade apresenta perspectivas promissoras [ainda que tímidas, considerando que a região apresenta os menores indicadores sociais e econômicos de Minas Gerais] para equilíbrio econômico e social da região de planejamento Vale do Mucuri/Jequitinhonha em relação às demais regiões mineiras. A seu favor conta a presença de importantes investimentos nas áreas social e econômica: a implantação do Campus da UFVJM, o Instituto Federal de Educação Tecnológica – IFET, o Centro de Convenções e, sobretudo, a Zona de Processamento e Exportação – ZPE, entre outros.

Para colocar a ZPE em operação, estão sendo empreendidos esforços políticos nas 03 esferas de governo, empresários, entre outros, pois “[...] a instalação de uma ZPE em territórios com baixa atratividade estrutural de investimentos pode se constituir, ela própria, em poderoso ímã para atração de inversões e em elemento de promoção do crescimento endógeno na sua área de influência”. (PRADO & NOGUEIRA, 2011, p.01)

Tomando como referência esse panorama territorial e com a âncora da Psicologia Sócio-histórica, na perspectiva de estabelecer conexões com o território

estudado e a problemática desta pesquisa, analisamos os projetos de vida dos 04 adolescentes, arremetendo-os às suas condições socioeconômicas e culturais. Isso porque, em uma sociedade como a brasileira, e particularmente teófilo-otonense, com diferenças sociais e econômicas acentuadas, não é possível conceber a adolescência no singular, mas sim “adolescências”.

Em nossos encontros com o grupo de jovens adolescentes analisados neste trabalho, através das entrevistas e das reuniões roda de conversas, fomos constatando a existência das “adolescências”, estas para além da concepção hegemônica, como afirma Ozella (2002, p.19).

[...] a presença de uma relativização extremada no sentido de que os estudos sobre adolescência são fundamentados em um único tipo de jovem, isto é: *homem-branco-burguês-racional-ocidental*, oriundo, em geral, da Europa Centro-Occidental ou dos Estados Unidos da América, nunca do Terceiro Mundo. Isto é, o adolescente estudado pertence à classe média/alta urbana e nunca a outras classes sociais, etnias, ou a outros contextos, como o rural, por exemplo. (grifo do autor)

Assim, tanto no plano teórico quanto empírico, os resultados desta pesquisa refletem algumas características específicas da adolescência na contemporaneidade. Surpreendemo-nos com adolescentes que, ao transitarem por múltiplos e distintos territórios, constroem suas experiências, seus modos próprios de viver, criando estratégias de sobrevivência emocionais e, assim, desafiando os efeitos frequentemente dramáticos e devastadores impostos pela chamada pós-modernidade.

Esta pesquisa evidenciou, através dos relatos dos distintos adolescentes pesquisados que, diante de seus contextos específicos, suas condições desiguais e pertencimentos, esses sujeitos estabelecem diferentes e múltiplas territorialidades e estão dispostos a construir, dentro das suas limitações, estratégias de inserção e ascensão social, visando concretizar seus projetos de vida.

No tocante à questão da localidade de residência, dentro dos limites do presente estudo, analisamos o processo de construção dos projetos de vida de um grupo de adolescentes “urbano” e “rural”, observando as interferências do contexto socioeconômico e cultural nesse processo. Constatamos, assim como, Carneiro (2008, p.260) que,

sob a hegemonia dos universos culturais urbanos, os *jovens rurais* estariam vivendo uma ambiguidade de valores que se traduz em manter uma identidade afetiva ao modo de vida local (identificando à família), ao mesmo tempo que veem sua autoimagem refletida no espelho da cultura *urbana, moderna*, que lhes aparece como referência para a elaboração de um projeto para o futuro” (grifos da autora).

Nesse contexto, o descontentamento dos adolescentes habitantes da zona rural pesquisados, Margarida e Narciso, referem-se às dificuldades de ordem financeira [falta de dinheiro], dependência familiar e escassez de atividades de lazer no campo. Apresentaram como referência, através dos relatos, amigos ou pessoas da família que saíram do campo e que, na visão deles, estão com uma vida melhor na cidade.

Os adolescentes Rosa e Jacinto, ambos residentes na zona urbana, têm acesso a equipamentos e redes sociais [computador e acesso à internet em suas residências], bem como a políticas públicas como a participação em programas como Poupança Jovem e outros.

Já Margarida e Narciso, residentes na zona rural, podem contar apenas com a escola e a família, sendo que a última, muitas vezes, não tem como oferecer aos filhos os recursos necessários. Desse modo, constatamos que as condições desses sujeitos se mostram mais desfavoráveis que as dos residentes da zona urbana.

De modo geral, podemos afirmar que a família, junto com a escola, a religião, os grupos de pares, são territórios por onde os adolescentes estudados se constituem como sujeitos e constroem seus modos próprios de viver. Essas instituições compartilham a centralidade na constituição e formação dos adolescentes estudados. Assim como Corenza (2006, p.121), constatamos que

[...] as famílias fazem parte da vida dos jovens enquanto construtoras e incentivadoras de desejos e expectativas de vida. [...] Os pais dos jovens entrevistados não têm curso superior, mas incentivam de forma veemente seus filhos a cursá-lo, considerando que através deste grau de ensino terão melhores oportunidades na vida. [...] a família ainda é considerada, por este grupo de jovens, como relevante referência identitária.

Neste estudo, a família apresentou-se como primeiro território dos adolescentes. Foi também significado como primeiro em antecedência e importância instância de produção de sentidos e construção dos projetos de vida. (ARAUJO, 2007)

Entretanto, os relatos de vida dos adolescentes evidenciaram variações nas vivências territoriais, também, em função da identidade de gênero e da religião e não somente da condição socioeconômica, local de residência [zona rural ou urbana].

Quanto à questão de gênero, as narrativas evidenciaram privações e/ou controle do comportamento e da sexualidade das adolescentes do sexo feminino, o que sinaliza para uma diferenciação da condição adolescente em virtude da identidade de gênero.

Através das narrativas das rodas de conversa percebemos ainda que, para ambos os sexos, os adolescentes encontram dificuldades para estabelecer um diálogo aberto sobre sexualidade com seus pais. Eles consideram seus progenitores rígidos, apelando até para punições e castigos. (CASTRO, ABRAMOVAY E SILVA, 2004).

Outra variável descortinada no decorrer desta pesquisa e que não podemos deixar de considerar, refere-se ao envolvimento dos 04 adolescentes estudados - de forma efetiva ou não - em alguma religião: Rosa - evangélica; Margarida - católica; Jacinto - católico/espírita e Narciso - luterano.

Além das questões identidade de gênero e religião, outras variáveis foram evidenciadas, no decorrer da investigação, através das narrativas dos nossos adolescentes interlocutores: influências dos meios de comunicação [especialmente TV e Internet], práticas de leitura, discriminação racial, entre outras. Contudo, apontamos essas lacunas como futuras agendas de pesquisa, pois acreditamos que esses estudos poderão contribuir para uma melhor compreensão da condição juvenil na contemporaneidade.

Neste trabalho não tivemos a pretensão de analisar escola, família, igreja ou os grupos de pares nos quais os sujeitos investigados estão inseridos. Preocupamo-nos em, sob a perspectiva dos jovens adolescentes, compreender como esses quatro territórios que surgiram a partir das entrevistas e das rodas de conversas, em intersecção com o território Teófilo Otoni, estão contribuindo ou dificultando a construção dos seus projetos de vida. Nosso interesse residiu, basicamente, em verificar como os adolescentes estabelecem as suas territorialidades, ou seja, suas ações, comportamentos e poderes vivenciados (SAQUET, 2006), e como elas interferem e/ou contribuem [ou não] em seus projetos de vida.

Pelo exposto, apesar de termos trabalhado com 04 casos, acreditamos que as territorialidades vivenciadas pelos adolescentes e as características dos projetos de vida dos sujeitos desta pesquisa podem ser representativas de muitos adolescentes teófilo-otonenses. Considerando as limitações impostas pelas condições socioeconômicas e familiares, bem como as oportunidades educacionais, cabe questionar até que ponto as políticas públicas, especialmente aquelas direcionadas ao público juvenil como Pró-jovem Adolescente, Poupança Jovem, ampliam as chances de construção dos projetos de vida dos adolescentes das classes populares.

Cabe assinalar que faz-se necessário que as lideranças locais e as autoridades olhem para as regiões de planejamento Vale do Mucuri/ Jequitinhonha iluminadas pelas luzes da perspectiva territorial. E, ainda, direcionem investimentos nessas regiões, bem como adoção de políticas públicas que contemplem maiores investimentos e especialmente envolvimento efetivo da sociedade civil organizada para superação das desigualdades sociais e desenvolvimento econômico, visando o enfrentamento e superação das vulnerabilidades, investindo na apropriação, pelos sujeitos e especialmente da população juvenil, do lugar de protagonista na conquista dos direitos básicos.

Corroboramos com Zaluar (1997, p.18) que, dentre esses direitos,

Alternativas de emprego para os jovens não devem faltar, mas é preciso sobretudo restaurar as redes locais de reciprocidade positiva, reforçar as solidariedades enfraquecidas entre as gerações, intra e extraclasse, assim como, nas políticas públicas, abrir espaço político para reconhecer e estabelecer parcerias com todas as formas de associações que promovem aquelas reciprocidades e solidariedades, principalmente no quarto setor. Isto também significa estar atento e responder às insidiosas tendências da globalização via mídia e indústria cultural, principalmente aquelas que alteraram as formas de sociabilidade e de solidariedade mencionadas acima, sobretudo as que organizam os jovens das camadas mais pobres. Por isso, é preciso um trabalho intenso com a juventude para reconquistar seus corações e mentes, com a valorização daquilo que foi montado no país pela iniciativa política e a criatividade cultural das camadas da população chamadas de populares, subalternas, trabalhadoras ou dominadas.

Nessa perspectiva, consideramos relevante o estudo ora apresentado porque o mesmo poderá fornecer subsídios teórico-metodológicos para o trabalho com jovens adolescentes, bem como para a formulação de políticas públicas pela sociedade civil organizada e órgãos governamentais. Nesse aspecto, estamos de acordo com Frigotto

(2007, p.204) quando afirma que “as políticas públicas relacionadas ao trabalho e à educação dos jovens brasileiros da classe trabalhadora são, no plano econômico-social e ético-político, tão imprescindíveis quanto complexas”.

A relevância desta pesquisa para a área da educação e afins está na possibilidade da reflexão e análise comparativa do processo de construção dos projetos de vida dos adolescentes visando a obtenção de subsídios para planejamento de futuras ações de intervenção voltadas, também, para a possibilidade de ruptura de discursos socialmente construídos no sentido de apresentar subsídios teóricos que possibilitem a inserção social do jovem, ou seja, oferecer-lhes oportunidades adequadas de desenvolvimento pessoal e profissional por parte das instituições responsáveis pela sua formação, como a família e a escola, por exemplo, ou seja, contribuir para a formação de indivíduos sujeitos de sua própria história e transformar as circunstâncias da realidade quando ela se antepõe ao pleno desenvolvimento humano.

Embora tenhamos alcançado os objetivos propostos para este estudo, no tocante à compreensão do processo de construção dos projetos de vida dos jovens adolescentes estudados, sabemos que não foi possível abordar todas as variáveis intervenientes nesse processo. Portanto, as conclusões aqui apresentadas podem ser configuradas como provocação para que novas investigações sejam realizadas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda. O adolescente e a liberdade. In: ABERASTURY, Arminda. KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**. Ribeirão Preto/SP, n. 2, v. IV, p. 379-397, abr/jun 2000.

AGENCIA ONLINE. **Polícia Militar apreende menores por tráfico de drogas em Teófilo Otoni**. 16.06.2011. Disponível em: <http://www.noticiasinline.com/M00,3624ntre,policia-militar-apreende-menores-por-trafico-de-drogas-em-teofilo-otoni.aspx>. Acesso: 02. 04.2010.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria "consciência". **Caderno de Pesquisa** [online]. n.110, p. 125-142, julho 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a05.pdf>. Acesso em: 20.09.2009.

ALBAGLI, Sarita. Território e territorialidade. In: BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo; LAGES, Vinicius Nobre (Org.). **Territórios em movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Brasília, DF: SEBRAE, 2004.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALVARENGA, Marcelo C. de. **Formação do Território Mucuri**. UNIVALE, 2009. No prelo.

AMUC - Associação Mineira dos municípios do Vale do Mucuri. **O Vale do Mucuri**. Disponível em: http://www.amuc.org.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=34443. Acesso: 02/05/2009.

ASSOCIAÇÃO APJ - Aprender Produzir Juntos. **Projeto de acompanhamento de internos, egressos e família**. Teófilo Otoni, 2008.

ARAÚJO, Angélica Lyra de. **A juventude na construção do capital social**. Anais do III Simpósio Lutas Sociais na América Latina. 24 a 26/09/2008. Londrina/PA. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/angelica_lyra.pdf. Acesso em: 02/07/2011.

ARAÚJO, Maria Carla de Ávila. **Territorialidades, juventudes e suas interfaces com o poder local**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP, 2007.

ASSIS, Simone Gonçalves de; AVANCI, Jovina Quintes. **Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985.

BOCK, Ana M. B.; LIEBESNY, Brônia. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: OZELLA, Sergio. (Org) **Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004.

_____. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la Psicologia atual. **Psicología para América Latina**. Revista de la Unión Latinoamericana de Psicología. n. 01, Fevereiro 2004a. Disponível em: http://www.psicolatina.org/Uno/a_perspectiva_historica.pdf. Acesso em: 25.01.2011.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

BELEIZ JR, Flavio; PONS, Fabíola Esparo. **Diálogos populares: de Freinet a Freire**. Disponível em: <http://www.fimem-freinet.org/coope-space-fr-pt/freinet-historia/cerca-de-freinet/c-freinet-p-freire / dialogos-populares-de-freinet-a-freire>. Acesso em 20/08/09.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeni (Orgs). **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996**. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei no. 8.069, de 13 de junho de 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96, de 20/12/1996.

BRASIL. MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Plano de desenvolvimento territorial do vale do Mucuri**. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/biblioteca_virtual/ptdrs/ptdrs_territorio099.pdf. Acesso em: 09.04.2011

BRASIL. MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. **Índice de Desenvolvimento da Família (IDF)**. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/bolsa-familia/cadastro-unico/gestor/cadunico-indice-de-desenvolvimento-da-familia-idf>. Acesso em: 02.04.2011

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Culturas do lazer e tempo livre dos jovens brasileiros**. In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M.(Orgs). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

CAFÉ-COM-LETRAS. **Revista Literária da Academia de Letras de Teófilo Otoni**. A cidade de Teófilo Otoni: cantos, encantos e recantos... Teófilo Otoni, a. 07, n.07, setembro 2009.

CALIL, Maria Isabel. **De menino de rua a adolescente**: análise sócio-histórica de um processo de ressignificação do sujeito. In: OZELLA, Sergio (Org). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

CAMPOS, Antônio Guimarães; LIMA, Afonso A. T. de F. de Carvalho. **O Impacto do Programa Choque de Gestão no Modelo de Assistência Prestada pela Superintendência Regional de Ensino de Ponte Nova às Escolas Estaduais a ela Jurisdicionadas**. IV Congresso de Administração. Gestão de pessoas e finanças nas organizações. UNIFENAS: Faculdade de administração. 03 a 07/09/2007. <http://unifenas.br/extensao/administracao/vicongresso/ca043.pdf>.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 1998.

CARNEIRO, Moaci Alves. **Os projetos juvenis na escola de ensino médio**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

CARNEIRO, Maria José. **Juventude rural**: projetos e valores. In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P.P.M.(Orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Jovens pobres e o futuro**: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza. Niterói: Intertexto, 2001.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CHAGAS, Paulo Pinheiro. **Teófilo Ottoni**: Ministro do Povo. Belo Horizonte/MG: Itatiaia; Brasília: INL, 1978.

CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. **Geographia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 7-26, 1999.

_____. "A volta do cultural" na Geografia. **Mercator**. Fortaleza, a. 01. n. 01, p.19-28, 2002.

CLEMES, H; BEAN R; CLARK A. **Adolescentes seguros**: como aumentar a auto-estima dos jovens. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Editora Gente, 1995.

CORENZA, Janaína de Azevedo. **Expectativas: o que os jovens desejam para o futuro próximo?** Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Ciências Humanas e Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

CORREIA, Alan Albuquerque Ribeiro. **Monitoramento de políticas públicas interfederativas: o caso do programa Poupança jovem.** III Congresso Consad de Gestão Pública. 15 a 17/03/2010. Brasília/DF. Disponível em: http://www.escoladegoverno.pr.gov.br/arquivos/File/Material_%20CONSAD/paineis_III_congresso_consad/painel_39/monitoramento_de_politicas_publicas.pdf. Acesso em: 16/06/2010.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-53, set/out/nov/dez 2003.

_____. Por uma pedagogia da juventude. **Onda Jovem.** São Paulo, a. 01, n.01, p. 34-37, mar/jun 2005.

DAMASCENO, Maria Nobre. **Juventude: educação e cidadania no contexto da diversidade cultural.** Anais do VI Congresso Português de Sociologia. 25 a 28/06/2008. Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/186.pdf>. Acesso:28/08/2010.

DELUIZ, Neise. Projovem trabalhador: avanço ou continuidade nas políticas de qualificação profissional? **Boletim Técnico do SENAC:** Rio de Janeiro, v. 36, n.2, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/362/artigo2.pdf>. Acesso em: 10/09/10.

DEMO, Pedro. **Educação e qualidade.** Campinas-SP: Papirus, 2009

DUARTE, Regina Horta. Histórias de guerra: os índios botocudos e a sociedade oitocentista. **Revista de História.** São Paulo, n.139. dezembro 1998.

_____, Olhares Estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A sociedade vista da periferia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, v. 1, p. 84-99, 1986.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

FANTÁSTICO/REDE GLOBO. **Infância roubada**. 02/01/2005. Disponível em: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL691233-15605,00-INFANCIA+ROUBADA.html>. Acesso: 05.03.2010

FERREIRA, Brancolina; ALVES, Fábio. **Juventude rural**: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, J.A. de; AQUINO, L.M.C. de; ANDRADE, C. C. de (Orgs). **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.

FERREIRA, Frederico P. Martins; NOGUEIRA JR, Reginaldo P.; COSTA, Bruno L. Diniz. Determinantes da escolarização de crianças e adolescentes em situação de rua no estado de Minas Gerais. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 465-488, jul./set. 2010

FRANÇA, Iara Soares de et al. Cidade média, polarização regional e setor de educação superior: estudo de Montes Claros, no norte de Minas Gerais. **Revista Formação**, Presidente Prudente/SP. n.16, v. 2, p.52-70, 2009.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **Análise do Conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 28 ed. São Paulo: Paz e terra, 2005.

FREINET, Célestin, **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. Lisboa Editorial Estampa LTDA, 1975.

FREITAS, Lia. **A produção de ignorância na escola**. São Paulo: Ed. Cortez, 1998.

FREITAS, Wender Silveira. **"Mansos como cães": a Companhia do Mucury e os índios**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/Antropologia) Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAIS, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

GEMS EXPORTS ASSOCIATION - GEA. Instituto Euvaldo Lodi. **Diagnóstico setorial de lapidações. Programa de Gemas e Artefatos de Pedras dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri**. Teófilo Otoni, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GENTILI, Pablo. Adeus à escola pública: a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das majorias. In: GENTILI, Pablo (Org). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

GIL. Izabel Castanha. Territorialidade e Desenvolvimento Contemporâneo. **NERA**. Presidente Prudente/SP. a. 7, n. 4, jan/jul 2004.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios a multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOJE EM DIA. **Fugas e rebeliões constantes levam medo a vizinhos**. Disponível em: <http://www.hojeemdia.com.br/cmlink/hoje-em-dia/minas/fugas-e-rebeli-es-constantas-levam-medo-a-vizinhos-1.277338>. Acesso em: 20.05.2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. MUNIC - Pesquisa de Informações Básicas Municipais. **Perfil dos Municípios Brasileiros 2009**. Rio de Janeiro, 2010.

_____, **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 20.07.2011.

IBGE. **Mapa de Pobreza e Desigualdade - Municípios Brasileiros 2003**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 20.07.2011.

_____, **Produção agrícola municipal 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 20.07.2011.

_____, **Produto Interno Bruto dos Municípios 2009**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 20.07.2011.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar da educação básica 2011**. Disponível em: <http://inep.gov.br>. Acesso em: 25.04.2012.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. **O que ser aos trinta? Aspirações ocupacionais de jovens, negros e brancos, na cidade de Belo Horizonte**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) Faculdade de Educação. UFMG, 2006.

KNOBEL, Mauricio. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

LANDIN JR, Paulo Henrique. **Os Efeitos do Programa Bolsa Família sobre a Economia dos Municípios Brasileiros**. INSPER - Instituto de Ensino e Pesquisa. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.ipc-undp.org/publications/mds/33P.pdf>. Acesso: 14/02/2010.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2005.

MACHADO, Arminda Rosa Rodrigues da Matta (Coord.) **O jovem e a construção da identidade**. Programa de Desenvolvimento Profissional - PDE. Módulo 4. Escola Jovem/SEDU/ES: Vitória, 2002.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 63-75.

MARTINS, Celso. **Italianos acolhem crianças rejeitadas por brasileiros**. Hoje em Dia. 24/04/2011. Disponível em: <http://www.hojeemdia.com.br/cmlink/hoje-em-dia/minas/italianos-acolhem-criancas-rejeitadas-por-brasileiros-1.270275>. Acesso: 08.04.2010

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. Série Ideias n. 28, São Paulo: FDE, 1997. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf. Acesso em: 07.02.2011

MINAS GERAIS. SEDESE – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social. **Decreto nº 44.476/2007 de 06/03/2007**. Institui o Programa Poupança Jovem.

MIRANDA, Heron. **Metodologia dialética: da escola reprodutora para a escola transformadora**. SINPRO/ES: Vitória/ES, 2000.

MIRANDA, Nilmário. **Teófilo Ottoni, a República e a utopia do Mucuri**. São Paulo: Caros Amigos Editora, 2007.

MIRANDA, Mariane Duarte. Liberdade. **Caminho das Letras**. EE Dr Waldemar Neves da Rocha. Teófilo Ottoni. a. VI, n. 06, Novembro 2010.

MIRANDA, S. M. **Infância, trabalho e direitos no Vale do Mucuri – MG**. Tese (Doutorado - História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo - USP, 2006.

MIRANDA, Solange de Melo. **O adolescente e as mudanças corporais**. In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília. Adolescência. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MOYSÉS, Lúcia. **A auto-estima se constrói passo a passo**. Campinas/SP: Papyrus, 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

MOURA, Maria Lucia Seidl. FERREIRA, Maria Cristina. **Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

MUUSS, Rolf E. **Teorias da adolescência**. Belo Horizonte: Interlivros, 1976. Trad. Instituto Wagner de Idiomas.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações. **Imaginário**. São Paulo, v. 12, n. 12, p. 55-80, junho 2006. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413666X200600100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 jul. 2010.

NAVARRO, Ignez Pinto; SOARES, Swamy de Paula Lima. **Emancipação, juventude e políticas públicas: o caso do Projovem**. 30ª reunião anual da Anped. Caxambu/MG, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT05-3528--Int.pdf>. Acesso em: 05/03/2010.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. **Identidade cultural**. Disponível em: http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-export_pdf.php. Acesso: 18/04/2011.

O TEMPO ONLINE. **Em Teófilo Otoni, adolescente é apreendido vendendo haxixe**. 07/01/2011. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=106867,NOT&IdCanal=1>. Acesso: 30.03.2010.

OZELLA, Sergio. A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In: OZELLA, S. (org). **Adolescências construídas: uma visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

OZELLA, Sergio. Adolescência: Uma perspectiva crítica. In: CONTINI, Maria de Lourdes J. KOLLER, Sílvia Helena; BARROS, Monalisa N. dos S. **Adolescência e Psicologia: Concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**. Lisboa/PT, v. XXV (105-106), (1.º, 2.º), p.139-165, 1990.

PALACIOS, Jesus. O que é a adolescência. In: COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro (Orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Trad. Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: ARTMED, 1995.

PETI. Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. **Cartilha PETI**. Brasília: MDS, 2004.

PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. 2003. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas>. Acesso em: 31 mai. 2011.

PORTAL UAI. **A polícia investiga um suposto rapto de menores em Teófilo Otoni**. 2008. Disponível em: http://www.noticiasuai.com.br/%27/Noticias.asp?id_noticia=47. Acesso: 24.03.2010

PRADO, Gislaine Angela; NOGUEIRA, Aguinaldo Heber. *A importância da ZPE de Teófilo Otoni como instrumento da política de desenvolvimento regional em Minas Gerais*. **Revista Eletrônica de Gestão**. v. 08, a. 2011.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: A experiência da Itália Moderna**. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, R.; FERREIRA, L. da R. **A importância do capital social no sistema nacional de inovação para o arranjo produtivo local de gemas de Teófilo Otoni**. Belo Horizonte: Cedeplar.UFMG, 2008. 16 p. Disponível em: http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2008/D08A020.pdf. Acesso em: 13 de nov.2008.

RESENDE. Andréa A. Siqueira de. O desafio de formar leitores. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 6, n.34, p. 18-25, jul/ago. 2000.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Lembranças da terra: histórias do Mucuri e Jequitinhonha**. Contagem - MG: CEDEFES, 2005.

ROMERO, Julio A. Racchumi. **Análise espacial da pobreza municipal no estado de minas gerais - 1991 – 2000**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG - Brasil, de 18-22 /09/2006. http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_745.pdf.

SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Márcio Achtschin. **A Filadélfia não sonhada**: a escravidão no Mucuri do século XIX. Teófilo Otoni: 2008.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Rita Cristina de Souza. **A vulnerabilidade do jovem em um paraíso serrano: os jovens pobres de Nova Friburgo**. Tese de doutorado. Instituto de Medicina Social. UERJ, 2006.

SANTOS, Vanessa Juliana da Silva. **Projeto de Extensão: Grupo Universitário de Teatro Popular “Bicho Calango”**. Observatório da Juventude/UFVJM, 2009.

_____. **A condição estudantil e juvenil dos jovens universitários da UFVJM**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011. No prelo.

SARTI, Cynthia A. Família e jovens no horizonte das ações. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 11, p.99-109, Mai/Jun/Jul/Ago 1999.

_____. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**. São Paulo, n.15; a.3; p.11-28, 2004.

SAQUET, Marcos Aurélio. Proposições para estudos territoriais. **GEOgrafia**. a.VIII, n. 5, 2006.

SCHUCHTER, Lucia Helena; BRUNO, Adriana Rocha. Convergências entre biblioteca escolar e laboratório de informática: o processo de construção de uma pesquisa na abordagem histórico-cultural. In: FREITAS, Maria Teresa de A; RAMOS, Bruna S.(Orgs) **Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

SILVA, Ricardo Silvestre da (Coord.). **Articulação com o espaço adolescente para formação cidadã de adolescentes a partir da contribuição da Pedagogia, Psicologia e Serviço Social**. Projeto de extensão. UFVJM/ PROACE. Teófilo Otoni, 2008.

SILVA, Marcelo Kunrath. Uma Introdução à História Oral. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p.115-141, 1999.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002.

SOUZA, Edevaldo Aparecido; PEDON, Nelson Rodrigo. Território e Identidade. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros** - Seção Três Lagoas. Três Lagoas - MS, v. 01, n. 06, a. 04, Novembro 2007. Disponível em: www.cptl.ufms.br/revista-geo/index_revista.htm. Acesso em: 25/02/2010.

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M.(Orgs). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

_____. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord). **Estado do conhecimento**: juventude e escolarização. São Paulo, 2000.

_____. **Juventude: crise, identidade e escola**. In: DAYRELL, Juarez (Org.) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2001, p. 96-104.

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M.(Orgs). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

TEIXEIRA, Lumena Celi. Sentido subjetivo da exploração sexual para uma adolescente prostituída. In: OZELLA, Sergio. **Adolescências Construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

TIMMERS, Frei Olavo. **TheophiloBenedicto Ottoni**: Pioneiro do Nordeste Mineiro e Fundador da Cidade de Teófilo Otoni. Ed. do Autor, 1969.

TEÓFILO OTONI. Prefeitura Municipal. **IPAC - Inventário de proteção do acervo cultural de Teófilo Otoni**, 2005.

TEÓFILO OTONI (MG). Prefeitura Municipal. **História**. Disponível em: www.teofilootoni.mg.gov.br. Acesso: 25/09/ 2009.

TEÓFILO OTONI NOTÍCIAS. **Mãe participa da morte de primogênito com ajuda de dois filhos adolescentes**. 26.04.2011. Disponível em: http://www.tonoticias.jor.br/?secao=ler_noticia&ID=8223. Acesso: 02.03.09.

TEÓFILO OTONI NOTÍCIAS. **Moradora de rua é assassinada no centro de Teófilo Otoni**. 30/04/2011. Disponível em: <http://www.radioteofilotoni.com.br/noticias/vernovo.php?noticia=4103&resumo>.

UETO – União estudantil de Teófilo Otoni. **A UETO e o Conselho da Juventude lançam o Pacto da Juventude por Teófilo Otoni**. Disponível em: <http://ueto.com.br/pactodajuventude.html>. Acesso em: 06/05/2011.

VARGAS, Joana Domingues. **Enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil**. Diagnóstico de Uberaba, Teófilo Otoni e Itaobim: Caracterização, visibilidade e localização do fenômeno. Projeto PAIR/MG, 2008. Disponível em: <http://pair.ledes.net/gestor/titan.php?target=openFile&fileId=139>. Acesso: 03/04/2010.

VAZ, Cibele Mariano; ANDRADE, Regina Glória Nunes. **Território Cultural: processos de identidade e subjetividade - Centro Cultural Cartola - Mangueira/RJ**. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/269.%20territ%C3%93rio%20cultural.pdf. Acesso: 20/08/2011.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: interação entre aprendizagem e desenvolvimento**. São Paulo. Martins Fontes, 1984.

ZADRA, Carmen Cristina Pereira Silva. **Trabalho Infantil: Contextualização e Análise Comparativa das Avaliações do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI**. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico) Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2008.

ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 12, n. 35, fevereiro 1997.